Diário de Lisboa

ANO 62.° N.° 21 087
Fevereiro 1983
Quinta-feira

24

20$00

Fundador Joaquim Manso | Director A. Ruella Ramos | Director-adjunto Fernando Piteira Santos

Médica brasileira dá à luz três meninas e um rapaz

Nasceram quatro gémeos no Algarve

Uma médica brasileira residente no Algarve deu à luz quatro gémeos (três meninas e um rapaz) no hospital de Portimão. A necessidade dos quatro gémeos serem assistidos num serviço de prematuros levou à sua transferência para a Maternidade «Alfredo da Costa», onde se encontram, em incubadoras.

O director dos Serviços de Maternidade do Hospital Distrital de Portimão, Rocha da Silveira, afirmou que os quatro gémeos «apresentam uma vitalidade excepcional». Mas como o Hospital de Portimão não dispõe de um serviço de prematuros há altura de uma situação destas, os quatro gémeos, que nasceram ontem, ao fim da tarde, foram transferidos

A mãe dos quatro gémeos, que já tinha outro filho com dois anos e meio, é uma médica brasileira de nome Marcia Maria Albuquerque Pereira, casada com o topógrafo português José António Marques de Carvalho, e reside em Portugal há dez anos.

A parturiente disse que, após o parto, apenas sentiu «cansaço e surpresa» e que, apesar de tudo, para ela este segundo parto foi mais fácil do que o primeiro, em que apenas teve um filho.

Hoje 'Ler/Escrever'

Face à crise energética

Portugal intensifica utilização do carvão

A pesquisa, exploração e utilização do carvão nacional, como fonte de energia, vão ser intensificadas para reduzir a dependência externa de Portugal em relação às fontes de energia. Os meios financeiros para apoiar este projecto – já anunciado no quadro do Plano Energético Nacional, publicado há dias – vão resultar de um adicional a pagar pela EDP à Empresa Carbonífera do Douro, em função do carvão gasto na central da Outeira, e de outros recursos que o Governo disse ir colocar à disposição da Direcção-Geral de Geologia e Minas.

OPEP decide na próxima semana

Produtores de petróleo a ver quem irá vender mais barato

Os quatro países do Golfo Pérsico, que lideram a OPEP decidiram baixar o preço das suas ramas e marcaram uma reunião da organização para a próxima semana. Esta decisão é considerada uma dura resposta à Nigéria, que decidiu unilateralmente baixar em cinco dólares o preço das suas ramas, e a outros membros da OPEP (Venezuela, México, Indonésia, Argélia e Líbia) reticentes em reduzir os preços. «Se não nos acompanharem, será a guerra aberta» – disse o xeque Yamani aos jornalistas.

Pág. 11

Nada preocupado com questões éticas

Angelo Correia não deixa MAI

Ângelo Correia: a importância de se deputado...

Vai ser deputado em eleições nas quais é um dos garantes da ordem e da isenção

Ângelo Correia, ministro da Administração Interna, confirmou esta manhã ao «DL» que irá concorrer a deputado pelo distrito de Aveiro sem abandonar o cargo que ocupa no Governo.

«Não há qualquer preceito na lei que mo impeça» – acrescentou Ângelo Correia que considerou ainda não ter o MAI «praticamente nada a ver com o processo eleitoral, que depende, fundamentalmente, da Comissão Nacional de Eleições».

Ângelo Correia, reconhecendo embora que em Portugal «há uma certa tradição proveniente das posições de anteriores titulares da pasta que não quiseram concorrer à Assembleia devido às funções que desempenha», considerou que esse é um «argumento falacioso que não tem qualquer suporte legal ou político».

«Se fôssemos por aí o MAI teria que ser sempre, forçosamente um independente e nunca um político de carreira» – concluiu.

Ontem no Restelo

Era glória ou morte: e eles estavam vivos

À partida, aquela selecção não passava de uma manta de retalhos, ou seja a miscelânia possível depois das lesões em cadeia, tão postas em causa nos últimos dias e que afastaram da equipa portuguesa figuras consideradas insubstituíveis. No final do encontro foi o delírio, como já tinha sido aos 11 minutos da segunda parte, quando Dito rompeu com tiro colossal, as redes de Schumacher. A imagem mostra a alegria dos jogadores após a obtenção do tento que lhes deu a vitória. **Pág. 15)**

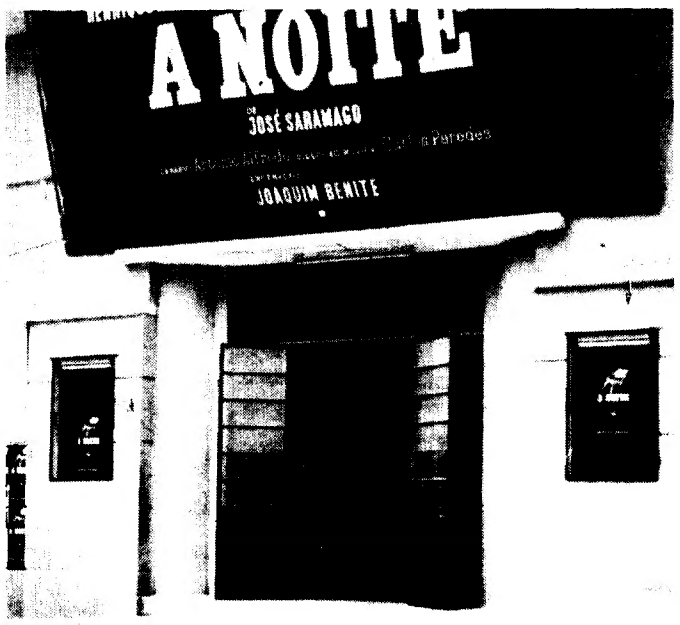
Cinco anos depois de se ter fixado na "outra banda"

Grupo de Campolide bate-se por sala de teatro em Almada

Os responsáveis do Grupo de Campolide consideram que chegou o momento de lhes ser proporcionada uma sala para actividades teatrais. Cinco anos depois de se terem fixado em Almada, os elementos da companhia acham que o trabalho desenvolvido, o interesse do seu público e as características de Almada já justificam a sua não desmedida ambição.

E nem sequer se trata de pedir a Lua, em vésperas de mais um espectáculo: «Anastas ou a origem da Constituição». O actual executivo municipal inscrevera a necessidade de uma sala teatral no programa que apresentou ao eleitorado. Tal seria apenas mais um passo no apoio que a Câmara de Almada tem prestado ao Grupo de Campolide, dentro das suas possibilidades.

Pág. 7



Intenções reservadas de Pretória fazem fracassar encontro do Sal

Pág. centrais

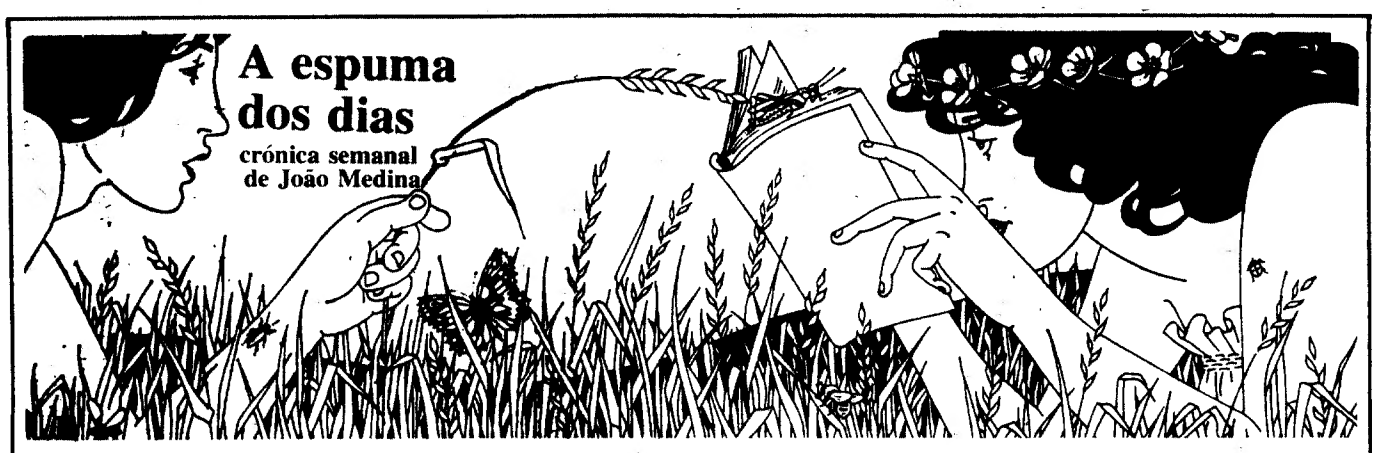
2 ENCONTRO
dos trabalhadores
dos estabelecimentos fabris
das forças armadas

POR UM SINDICATO
FORTE ACTUANTE
INDEPENDENTE

S.F.U.A.P.
Cova da Piedade
26·FEV·83
14,30 HORAS

PARTICIPA NA DEFESA DOS TEUS DIREITOS

INTERMAN
MODA MASCULINA
SALDOS
ESTA SEMANA
40% DESCONTO
GABARDINAS INGLESAS
2980$00
CASACOS FAZENDA DESDE
2980$00
CALÇAS DESDE
980$00
CASACOS PELE FORRADOS
4980$00
MALHAS • CAMISAS etc., etc.
R. SERPA PINTO, 16-A/B
1200 LISBOA (AO CHIADO)



A espuma dos dias
crónica semanal de João Medina

O ictiólogo e a língua dos cães

J. L.B. Smith tornou-se mundialmente famoso desde que a descoberta do «coelacanto» veio provar que era correcta a sua teoria dum elo que faltava entre os animais submarinos e os animais terrestres. Conheci-o em Moçambique, em minha casa, durante umas férias que fui passar a Nacala, onde então viviam os meus pais. O afamado ictiólogo estava em Moçambique em missão oficial, a inventariar espécies piscícolas desconhecidas. Acompanhado pela sua mulher, uma inglesa bastante mais nova, nem feia nem bonita, mas elegante e muito dotada para o desenho – e é muito importante ter-se talento para desenhar quando se acompanha um catalogador de peixes –, o nosso ictiólogo procedia ali, na maravilhosa baía moçambicana, a meticulosas investigações sobre a fauna submarina. Íamos todos, no bote da administração, assistir à chegada da pesca dos nativos, vendo depois os negros derramarem na areia da praia a sua preciosa carga de peixes de mil cores. Com olho de águia habituada a escolher uma minhoca no meio duma floresta, o professor Smith apalpava os peixes um a um, enquanto estes ainda rabeavam na areia seca. Depois, topando um peixe que o olho da Ciência nunca contemplara nem averbara, passava-o à mulher, que, com uma prancheta apoiada ao quadril, desenhava numa folha de papel o peixe e rapidamente cobria o «croquis» com lápis de cor. Isto porque, explicava-me o célebre professor, os peixes perdem rapidamente as cores originais desde que retirados da água. Agachado, o sábio do «coelacanto» escolhia as espécies virgens, passava os peixes raros à mulher, explicava-me em inglês estas subtilezas científicas e ainda conseguia meter dois dedos de conversa com os pescadores que ignoravam que estava no meio deles o homem do fabuloso fóssil vivo pescado no golfo de Moçambique.

QUANDO eu partira de Lourenço Marques para Nacala, de avião – um obseso «Lockeed» que levava quase um dia inteiro a chegar ao aeroporto de Mocíboa da Praia – eu já sabia que ia encontrar em minha casa o famoso J. L. B. Smith, de modo que me preparara para converter o ilustríssimo cientista às glórias lusas. E por isso comprara numa livraria da baixa um exemplar da tradução inglesa dos LUSÍADAS, editados pela Penguin Books. E nessa noite, já em casa, no imenso casarão africano colonial, com a sua varanda fresca, protegida por rede contra os mosquitos, o casal Smith recebia a erudita oferta que eu lhes trouxera de Lourenço Marques. O presente sensibilizou o sábio que virra sair do fundo do canal, onde Vasco da Gama navegara a caminho das Índias, o tal peixe com 80 milhões de anos que a lógica científica decretara que tinha de existir, e que existia mesmo, como que para não desobedecer ao rigor da ciência. De modo que a conversa saltou do tremendo «coelacanto» para os navegadores lusos e destes para não sei que outros temas, enquanto bebíamos sumo de maracujá e comíamos um caril de caranguejo. Entre outras coisas que dessa noite ficaram na minha memória, como conchas quando a maré vaza, lembro-me do verdadeiro espanto que foi o professor J. L. B. Smith e a jovem esposa explicarem-nos, em mau português, como tinham aprendido a língua de Camões e de Rodrigues Lobo. O método era tão bizarro que ainda hoje fico perplexo e ligeiramente incrédulo quando o evoco. Pois o ictiólogo, que tinha a mania de catalogar peixes em intermináveis livros de formatos pouco manuseáveis, decidira transferir para a aprendizagem duma língua viva como a nossa o processo meticuloso que usava para averbar novas espécies descobertas pelos pescadores africanos: ou seja, punha uma etiqueta em cada objecto que o rodeava. Assim, por exemplo, prendia papelinhos com as palavras «cadeira», «cachimbo», «mata-borrão», «candeeiro», «sofá», «pisa-papéis», etc., nas coisas que essas palavras designavam. Depois, com uma gramática em punho e a solícita cônjuge atenta ao jogo, ensaiava frases, dizendo, por exemplo: «aquele **pisa-papéis** está **em cima** do **sofá** mas devia estar na **secretária**...» Ou: «a minha mulher está sentada no sofá a ler o jornal...» E assim sucessivamente, com a ajuda dos papelinhos presos nos objectos, uma gramática de reforço e muita energia para vencer as barreiras naturais que opõem um cientista que bebeu a língua materna num país de fala anglo-saxónica e um outro universo onde Camões falava dum seco, duro, estéril, monte, onde as feras não dormiam e as aves não voavam ou duma tal Leonor que ia pela verdura, descalça e formosa, levando na cabeça o pote, o testo nas mãos, ataviada com cinta escarlate e um sainho de chamalote, «mais branca que a neve pura». Mais difícil devia ser ainda conseguir colar papelinhos em objectos de modo a poder compreender e recitar estes versos de Camilo Pessanha:

«Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
de pesadelo,..

De que esvoaçam
Brancos, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos

Fundas, soluçam,
Caudais de choro...
Que ruínas, (ouçam!)
Se se debruçam
Que sorvedouro!...»

RECEIO bem que o bom do nosso sábio ictiólogo nunca tenha tentado distribuir numa sala papelinhos com palavras em português de modo que, com os vocábulos «arcadas», «pontes», «pesadelo», «barcos», «rio», «ruínas», etc., e com ajuda duma gramática, pudesse, auxiliado pela mulher artista, articular e compreender esta verdadeira jóia conceptual do nosso maior poeta simbolista. Mas deixemos a poesia aos poetas e voltemos aos nossos peixes. A verdade é que o tal método smithiano para aprender a nossa língua não dera grande resultado, pois era em inglês que todos nos exprimíamos ali, à volta daquela mesa colonial nos velhos tempos do hoje defunto colonialismo português em África, em meados da década de 50, quando eu ainda pensava que um sábio como o J. L. B. Smith devia ler em inglês a epopeia escrita quase quatro séculos antes, por um pobre lusíada coitado que andara pelas quatro partidas do mundo e decerto passara ali perto, ao largo daquela baía, algumas centúrias antes, os olhos perdidos talvez na praia que naquela altura ostentava precisamente o nome de um dos seus heróis, o Fernão Veloso que vemos descer mais depressa uma colina do que subi-la. Comíamos caranguejo e falávamos de peixes por identificar, do poeta luso que navegara na esteira dos Gamas e dos terríveis Albuquerques em direcção àquela Índia misteriosa que de distância nos acenava, nos tentava como a cobra da Bíblia, e nos fizera sair do jardinzinho à beira Ibéria plantado para nos irmos tão longe, na nossa diáspora de involuntários fundadores dum Império que nos devorou, mas que apesar de tudo espalhara por tantas terras distantes o oiro mais puro da nossa herança, a língua. A língua portuguesa, a tal última flor do Lácio de que falava um brasileiro que gostava mesmo de nós – o que é raro, diga-se de passagem –, a língua que forçava o pobre casal Smith a colar papelinhos nas coisas para tentar dizer essas coisas em português...

política de A a Z

Uma viagem, um regresso e dois congressos

A viagem de Mário Soares aos Estados-Unidos, de uma missão informativa que a Internacional Socialista decidiu efectuar junto da administração norte-americana, converteu-se na primeira jornada da campanha eleitoral do Partido Socialista para as eleições de 25 de Abril. A viagem do vice-presidente da Internacional Socialista, encarregado da missão ao Líbano, a Israel, aos Países Árabes, ultrapassando a informação dos espinhosos e dolorosos problemas do Médio-Oriente, converteu-se numa promoção do secretário-geral do Partido Socialista junto da opinião pública internacional e da opinião pública portuguesa. Aos timoratos que receiam os juízos valorativos dos estrangeiros e a suspensão de auxílios, ou que chegam a temer retaliações, a maneira como Mário Soares foi recebido nos Estados Unidos e o teor das conversações ao que tem constado das declarações do próprio e dos seus hospedeiros, permitem concluir que a actual administração norte-americana considera com uma expectativa favorável a substituição do Governo AD por um Governo de liderança PS. Mais se poderá adiantar: que para os Estados Unidos, o secretário-geral do PS será o melhor Primeiro-Ministro.

Não se trata aqui e agora de considerar a exactidão e a motivação dos juízos norte-americanos, mas de avaliar, em termos políticos, o que significa este alvoraçado e deferente acolhimento dispensado a Mário Soares. Não iremos longe da verdade, nem pelo sentimento, nem pelo raciocínio, afirmando que Mário Soares foi recebido nos Estados Unidos com um interesse e uma confiança que não tinham sido dispensados a Francisco Balsemão. Não cometeremos um erro de análise se dissermos que os Estados Unidos, também eles interessados na «estabilidade portuguesa», a diversos níveis e sob diversos aspectos, se encontram decepcionados com o «Governo AD» e com os homens políticos que no seio de uma cadaverosa «Aliança Democrática», nascem, morrem, e algumas vezes, de suas mortes políticas ressuscitam ou em suas fugas demissionárias se constituem «reservas da **res publica** *e da República».*

Se à administração norte-americana de sempre, e de modo particular à política do presidente Reagan, agradará um Governo que, em nome da «estabilidade», do «consenso», ou da «solidariedade nacional», realize uma política que «congele» no **país real** *a Esquerda, não lhe agradará uma evolução, ou um «golpe», que conduzam em Portugal a uma situação de «restauracionismo neo-salazarista». A governação AD desprestigiou-se, e o comportamento da «classe política AD» desiludiu. Paradoxalmente, sem provas dadas, nem o mérito da conquista por denodado esforço próprio, o Partido Socialista beneficia do vazio criado pela AD, da sua falência governativa, do espectáculo de divisão, de competição e de confusão que oferece ao respeitável público nacional e estrangeiro.*

A viagem de Mário Soares termina, quando Francisco Balsemão ensaia um regresso. A sua entrevista a «O Dia» marca a intenção de tentar a sorte com uma «moção de estratégia» e um esquema de «solidariedade nacional» no Congresso do PSD..

A preocupação alegada é o «Partido» e a responsabilidade do «maior partido português» na solução dos problemas nacionais, mas, na realidade, as declarações de Francisco Balsemão representam uma tentativa de rodear os problemas e as questões de pessoas, de ensaiar uma aproximação, de criar uma situação de facto entre grupos que disputam uma liderança sem esperança. Isto é: a liderança de um partido que vai deixar de controlar o «aparelho-do-Estado», que vai deixar de ser (quantitativamente) o principal ocupante do **Poder.**

Francisco Balsemão afirma: «Pela posição cimeira que ocupa, o PSD deve tomar a iniciativa de congraçar as restantes forças democráticas, as forças económicas e sociais e corresponsabilizar o Presidente da República numa solução ambiciosa que ultrapassa a própria Aliança Democrática». Donde, se poderá concluir, que a «bipolarização Sá Carneiro» deverá ser política e socialmente alargada, que a Esquerda, numa interpretação facciosa do que é ser democrata deverá ser parcelada, dividida, sectorizada, que deverá ser criado o «apartheid» político.

A experiência da nossa jovem democracia mostrou, iniludivelmente, que em Potugal é possível a institucionalização democrática com o respeito e a participação de todas as correntes ideológicas e de todos os interesses sociais e económicos. A nossa democracia é pluralista, participativa e co-existencial.

A proposta de Francisco Balsemão – e que sabemos ter outros defensores, e defensores estranhos ao PSD – vai no sentido de atrair o Partido Socialista a uma política de «solidariedade nacional» que o converta, de «força da Esquerda», em parceiro solidário do **centro** *e da* **direita**. *E o que Francisco Balsemão pretende, depois de ter convidado Mota Pinto para primeiro-ministro e depois de lhe ter proposto uma posição na direcção do PSD, é apresentar-se ao PSD, como o negociador com maior credibilidade desse esquema de «solidariedade nacional». Essa rede estendida ao Partido Socialista para, a pretexto de «estabilidade» e de «consenso», impedir qualquer política económica e social de alternativa democrática.*

Na medida em que no Partido Socialista, e a despeito de alguns reflexos anticomunistas, vai preponderando a valorização de um conceito de democracia participativa e do justo valor da unidade dos trabalhadores como suporte político e social de uma política verdadeiramente democrática. Na medida que, quaisquer que sejam as suas profundas determinantes, a confiança manifestada a Mário Soares pela administração Reagan significa menosprezo e desconfiança em relação a qualquer «Governo AD», as probabilidades de sucesso da «estratégia» enunciada por Francisco Balsemão, e que é a bandeira de um «regresso», não parecem ser muito fortes. O Partido Social-Democrata sofreu um novo revés com a visita de Mário Soares aos Estados Unidos. Maior desastre para as ilusões sociais-democratas no seio do PSD, e nos seus grupos marginais, virá a ser a reunião da Internacional Socialista em Lisboa.

Podemos condená-la, pelas mesmíssimas razões que os próprios trabalhistas da Austrália a consideraram indesejável. Não podemos deixar de a considerar importante e significante.

E não tenhamos dúvida: é uma derrota para as ilusões «sociais-democratas» do PSD.

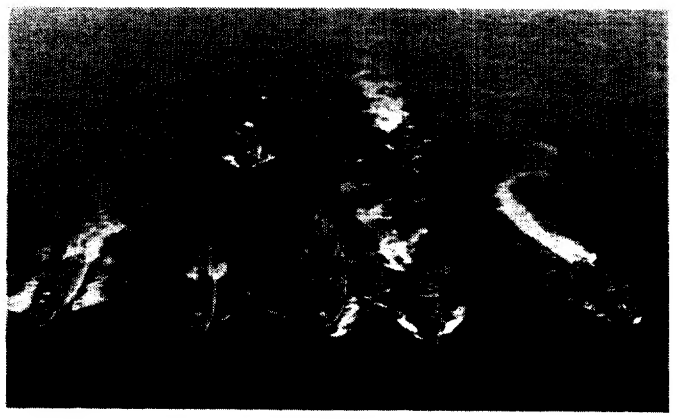
ponto a ponto

O Presidente da República, Ramalho Eanes, condecorou cinco individualidades ligadas à indústria, saúde e cultura com insígnias de várias ordens. Eanes distinguiu os industriais Vaz Guedes e Cupertino de Miranda com a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Agrícola e Industrial, o médico Oliveira Santos com a Comenda da Ordem da Benemerência, o historiador Montalvão Machado e o médico Idálio de Oliveira com o Grau de oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada. Ao entregar as insígnias, Eanes falou da «obra multifacetada» dos condecorados, que traduz «o rigor da ciência, o arrojo da criação cultural e o risco do empreendimento económico». O Presidente da República explicou que as instituições democráticas pretenderam «dar valor de exemplo» ao trabalho desenvolvido por aquelas personalidades. Amanhã, Eanes desloca-se a Almeirim a convite da Câmara Municipal, visitando algumas obras municipais e a zona industrial. Depois da recepção na Câmara, Ramalho Eanes visita a escola primária, a fábrica da COMPAL, a casa agrícola D. Francisco de Mascarenhas e a zona industrial. O Presidente segue para Santarém, onde se desloca ao centro fabril da empresa publica UNICERJ.

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea descerrou uma placa alusiva à inauguração do quartelamento do Depósito Geral de Material da Força Aérea em Alverca, onde efectuou uma visita de trabalho. O general Lemos Ferreira, além de sessões de trabalho com os diversos órgãos da Força Aérea ali instalados, visitou as oficinas de material aeronáutico, a Direcção do Serviço de Informática e o Grupo de Engenharia de Aerodrómos da Força Aérea, em Alverca.

O sexagésimo quinto aniversário das Forças Armadas soviéticas foi assinalado em Lisboa com uma recepção oferecida pelo novo embaixador da URSS, Valentin Vdovin e o adido militar, coronel Karpan. Entre os convidados presentes na recepção, que decorreu na embaixada soviética, encontravam-se o almirante Silva Horta, chefe da Casa Militar da Presidência da República, o inspector-geral do Exército, general Oliveira Rodrigues, representantes dos Estados Maiores dos três ramos das Forças Armadas e do comandante-geral da GNR. Estiveram também presentes membros do corpo diplomático, deputados e dirigentes socialistas, comunistas e do MDP/CDE.

A problemática da paz e desarmamento será o lema de um debate promovido pela CGTP e que decorre hoje à noite no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, ao Rossio. No debate participam: o marechal Costa Gomes, o padre Luís França, o dr. Beja Santos, o sindicalista Álvaro Rana e o deputado e sindicalista Manuel Lopes.



O partido Os Verdes, em comunicado, reclama a proibição da entrada em Lisboa da esquadra da NATO, aguardada de 21 de Março a 12 de Abril. Os Verdes/Movimento Ecologista Português, reivindica «a proibição definitiva de submarinos atómicos em águas portuguesas, bem como a passagem ou estacionamento de outros engenhos ou armas nucleares» em Portugal. Sublinha-se no manifesto que a presença da esquadra da NATO em manobras se verifica «em plena campanha eleitoral».

O Partido Comunista Português enviou um telegrama ao líder iraniano Khomeini pedindo a intervenção deste para libertação de Noureddin Kianouri, primeiro-secretário do Partido Tudeh. O Secretariado do Comité Central do PCP divulgou uma nota em que se incluem os textos de telegramas enviados ao Ayatollah Khomeini e ao Comité Central do Partido Tudeh. «Ao tomar conhecimento da prisão de Noureddin Kianouri, de vários dirigentes do Partido Tudeh e de outras destacadas personalidades progressistas iranianas, o PCP, que sempre tomou uma posição positiva para com a revolução iraniana, diligencia junto de si para que intervenha no sentido da rápida libertação daqueles patriotas», refere o telegrama enviado a Khomeini.

CRÓNICA AGRÍCOLA

As batatas do Inferno

Alexandre Ramos

QUEM está postado e virado ao Norte, numa das ameias do Castelo de Montalegre, na sua frente, estende-se a raia. Para a direita, rebenta rápida a serra do Larouco, de cujo ventre brotam as primeiras águas do Cávado – rio menino e lavado.

Por entre pedras e poldras e lages esgueiram-se rápidas as trutas famosas de Montalegre.

Olhando para a esquerda, em primeiro plano, salta a serra de Pitões das Júnias. Por trás, erguem-se cimeiras do Gerês, para onde vai no Verão pastar a vezeira do Barroso.

Montalegre e Boticas constituem o planalto do Barroso, onde uma população serrana pratica uma agricultura de montanha, de acordo com os recursos naturais e as determinantes climáticas. Antes da batata, talvez até aos anos trinta, o esquema da vida agrícola era muito simples.

Cada freguesia é limitada pelo seu termo, termo este que comporta em cada ano, a folha do centeio ou de pão e a folha do pasto. Como os rebanhos de cabras, ovelhas e vacas têm muita importância o povo organizou a sementeira do pão numa área do termo, enquanto que a outra, ficaria de pousio, de pasto. Depois há os pastos comuns, nos baldios para onde vão os rebanhos.

As terras centeeiras e os lameiros tapados são propriedade privada. O boi do Povo e o forno da aldeia são, ainda hoje, traços de certa vida comunitária.

O milho não vai naquelas paragens e por isso Barroso fugiu à revolução do milho, que foi, entre nós, a força produtiva mais decisiva de penetração do capitalismo no campo minhoto, a força mais pesada no derrubamento do antigo regime real/eclesiástico/senhorial.

Em agricultura a agressividde climática é muito limitante de aproveitamento de outros recursos naturais.

A comunidade barrosã foi, até aos anos trinta, uma sociedade bastante fechada. De trânsito comercial só saiam do Barroso os novilhos e novilhas para recriar no Minho.

Foi por estas épocas que Matilde Bensaúde começou a sua longa marcha para estabelecer em bases modernas a produção de batata de semente nas regiões serranas. Matilde Bensaúde, o padre Avelino, de Gralhas, e o regente agrícola Francisco António prestaram um notáel serviço ao País. Já o dissemos numa destas crónicas. É bom recordar os seus nomes como cidadãos positivos, como construtores agrícolas.

Durante a guerra, quando nada se podia importar, os seus serviços, a sua persistência, o seu trabalho permitiam abrandar a fome com a produção de batata de semente das regiões serranas, de que Montalegre, no Barroso, era o centro dinamizador.

A partir deste notácel esforço instalou-se em Portugal a produção da batata de semente que foi conquistando as serras além-Douro e também aquém-Montemuro e Estrela.

Foi uma nova fonte de riqueza para populações muito pobres, para comunidades que viviam marginalizadas.

Só conheciam o Poder pela presença da GNR, Guarda Fiscal, do Tribunal e da Secretaria da Fazenda, onde se pagam as décimas. A batata foi fonte de riqueza e de desenvolvimento.

Até lá poucos anos, três ou quatro, sempre a importação de semente tinha em conta a produção interna. Era obrigatório o escoamento.

Agora não. As razões de qualidade que se apresentam em relação à batata estrangeira não são, na maioria dos casos, válidas. Uma grande parte da batata que se importa é uma bodega, pior que a nossa.

O escoamento da batata de semente torna-se cada vez mais num autêntico inferno. Que os comerciantes importadores, que os agentes comerciais estejam altamente interessados neste negócio de importar compreende-se. Todavia, já se compreende mal que cooperativas de importação e distribuição entrem totalmente no jogo e não tenham em atenção a solidariedade que a ética e o código cooperativo impõem.

Mas tudo isto tem pouco significado face ao comportamento de um governo, de uma filosofia de Estado que apesar da ruína financeira e do caos da Administração se dá ao luxo de permitir a importação, sem ter em conta a produção nacional.

Como é isto possível?

Um Primeiro-Ministro PSD, um vice CDS, um Ministro da Agricultura CDS, um ministro das Finanças e Plano PSD, secretários de Estado monárquicos, do CDS, do PSD que são todos responsáveis por uma prática política e económica de doidivanas e irresponsáveis.

Foi o mesmo há três anos com o vinho, o ano passado, com as maçãs, ontem, com o arroz e, hoje, com as batatas. Não se pode dizer que sejam actos de acaso.

A quem interessa tudo isto?

Que vão fazer os produtores de batata de semente?

Deitá-la fora, naturalmente.

E que sofrem com isso os responsáveis da Administração?

Nada, naturalmente.

Não tem a nossa democracia forma ou formas de responsabilizar estes agentes de uma política aventureira. Mas devia ter. É preciso penalizar os responsáveis, até, para tornar menos apetecível o alto cargo público.

Enquanto assim suceder a corrupção é o caminho da desordem.

Estados Unidos – Luta contra os parasitas

Investigadores americanos levaram duas espécies diferentes de insectos parasitas a copular numa união mortal.

Esta descoberta deverá abrir uma nova via na pesquisa da luta contra as pragas.

Foi utilizando produtos químicos, imitando o odor sexual de um insecto que os investigadores provocaram o **«caos sexual»** em duas espécies de parasitas: o «Budworm» que ataca o tabaco e o algodão e o «Bolbworm» que ataca o algodão e o milho.

Os dois vermes não podem desprender-se da cópula por razões diferenciadas dos seus orgãos de reprodução o que lhes acarreta a morte.

Luís Barbosa quebra o silêncio e ameaça...

Se o CDS se desviar da sua linha tomaremos posições drásticas

«Ainda é cedo para pensar na formação de um novo CDS, mas se o partido se desviar da sua linha programática, teremos de tomar posições de fundo drásticas». Luís Barbosa, o grande derrotado do V Congresso do CDS, quebra o silêncio. E ao quebrá-lo não poupa os vencedores...

«Perdi porque recusei o rolar de cabeças a nível da linha histórica do partido», é assim que Luís Barbosa explicou, ontem à Imprensa, as razões da sua derrota no Congresso do CDS.

Para Luís Barbosa, o Congresso dos democratas-cristãos do último fim-de-semana, «não se decidiu em termos de discursos, mas em termos de corredores e de alianças».

Entendendo que o equilíbrio «teria sido possível entre figuras nacionais e estruturas», Luís Barbosa considera, no entanto, que esse equilíbrio não se podia processar «à custa de uns e de outros, sobretudo dos históricos que representam um investimento do CDS de há oito anos».

Reivindicando para si «a linha democrata centrista justa, neoliberal, centrista, de diálogo e de abertura», Luís Barbosa afirmou que o «nacionalismo-liberal» defendido por Lucas Pires «é uma coisa esquisita, a ser clarificada».

O actual ministro dos Assuntos Sociais pôs também em dúvida que Lucas Pires «por si só possa assegurar uma relação estável entre a minoria e a maioria do partido». Para Luís Barbosa, «o futuro dirá quem foi realmente eleito no Congresso, se Lucas Pires, se Adriano Moreira».

Não à guerrilha...

Considerando ser «ainda cedo» para se pensar na formação de um novo partido, o derrotado do V Congresso do CDS admitiu que «se o partido se desviar da sua linha programática, teremos de tomar posições de fundo drásticas».

Uma outra hipótese – a de um Congresso extraordinário do CDS –, não foi afastada totalmente por Luís Barbosa. Segundo este, «só factores imprevistos levariam a um

Congresso extraordinário, como por exemplo, se os resultados eleitorais fossem muito maus».

Quanto à participação dos «históricos» no futuro parlamento, integrando ou chefiando as listas de candidatura, afirmou que há a considerar «as propostas de base, que devem ser respeitadas» e os convites da actual direcção, que já foram feitos (revelou), embora ainda não tenham sido tomadas posições.

Neste momento, é intenção dos «derrotados» não «perturbar a unidade do partido, não entrar em guerrilha diária, não prescindir do direito à diferença e esperar para tirar conclusões do próximo acto eleitoral».

Luís barbosa admitiu ter tido um encontro com Freitas do Amaral – «uma conversa meramente de cortesia» – em que lhe deu conta do que genericamente se passou no congresso, à laia de «relato dos acontecimentos e mais nada».

Vai haver surpresas...

Gomes de Pinho, membro da Comissão Política do CDS, disse ontem que «vai haver muitas surpresas» nas listas de deputados pelo seu partido às eleições de 25 de Abril.

Em conversa com os jornalistas, enquanto decorria a primeira reunião da nova Comissão Política dos democratas-cristãos, Gomes de Pinho referiu a necessidade de «as primeiras figuras do partido aceitarem as deciões das bases».

A propósito da elaboração das listas de candidatos a deputados, perguntou, como exemplo, «o que valerá mais? O presidente da Cmara de Marco de Canavezes, que subiu de mil para 6500 votos nas eleições autárquicas ou um dirigente partidário que à anos não se submete ao julgamento do eleitorado».

Eanes recebe «Troika»

O Presidente Eanes recebe hoje à tarde uma delegação do CDS ao mais alto nível.

A representação democrata-cristã é constituída por Lucas Pires, Adriano Moreira, Basílio Horta e Azevedo Soares, presidentes, respectivamente, da Comissão Política do Conselho Nacional, do Congresso e da Comissão Directiva do partido.

O objectivo da reunião, consiste em comunicar ao Presidente da República os resultados do congresso democrata-cristão.

Solicitada pelo CDS, a audiência é a primeira entre Ramalho Eanes e os dirigentes eleitos no domingo.

Publicado, hoje, no "Diário da República"

Reformulado o estatuto dos marechais e almirantes

«Os postos de marechal e de almirante da Armada constituem uma dignidade e são os mais elevados da hierarquia militar», de acordo com o estipulado no artigo 1.º, n.º 1, do Decreto Lei n.º 434-C 1/82, de 29 de Outubro, do Conselho da Revolução, e agora publicado em suplemento no «Diário da República».

O diploma decreta ainda que «em actos ou cerimónias militares os mesmos oficiais têm precedência imediatamente a seguir ao Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas»; «usarão como distintivo do posto 4 estrelas de ouro-fosco»; «desempenham as funções de conselheiros do Presidente da República, Supremo das Forças Armadas, sempre que para tal forem solicitados»; «são mantidos no activo sem dependência de idade, só transitando para a reserva ou reforma quando, por competente junta médica, forem julgados incapazes, respectivamente, para o serviço no activo ou para todo o serviço, e ainda por sua declaração de vontade».

O decreto lei estipula também, entre outros pontos, que os marechais e almirantes da Armada, «em relação ao pessoal que lhe fique subordinado, têm na qualidade de Comandante competência disciplinar designada no artigo 21.º e na co. 1.º do quadro a que se refere o artigo 37.º ambos do RDM»; os seus vencimentos e demais renumerações a abonar são de quantitativo igual ao abonado aos generais de 4 estrelas na situação do activo»; «os encargos decorrentes serão suportados pelo EMGFA».

Este diploma do CR produz efeitos desde 16 de Dezembro de 81.

Em Março, com numerosos especialistas

Mulher, Paz, Ensino, Trabalho, Saúde, Informação e Habitação são os temas dos 'Debates com o PCP'

Aboim Inglês e António Abreu, membros do CC do PCP, apresentaram ontem aos jornalistas o programa do ciclo de debates «Construir hoje, que futuro» que a organização de Lisboa daquele partido leva a efeito durante o mês de Março, na Casa de Imprensa.

Como razão básica para a realização dos debates, frisou António Abreu ser prática e empenho constante dos comunistas «o confronto de ideias com outros democratas, na busca das melhores soluções para os problemas dos trabalhadores, do nosso povo e do País».

Como o «DL» já noticiou, o primeiro debate, subordinado ao tema «Mulher: o problema, os problemas», terá lugar já na próxima terça-feira, dia 1, pelas 21 e 30, com a participação de Zita Seabra, Luísa Amorim, Maria Antónia Fiadeiro, Maria Belo e Miguel Oliveira e Silva.

Seguir-se-ão oito debates mais, subordinados a diversos temas. Assim no dia 8 Carlos Carvalhas, Ezequiel Vicente, Herberto Goulart e Augusto Mateus, entre outros, falarão do tema «Economia: como sair da crise». No dia 11 de Março debater-se-á a «Independência Nacional e Paz», no dia 15, «Que Escola para a Vida», a 18 será «Que alternativa política, como alcançá-la», no dia 22, «Os trabalhadores são a força da Nação», no dia 25 «Saúde: direito ou privilégio», a 29 será «Liberdade de Informação, direito à verdade» e, finalmente, a 30 de Março o tema será «Habitação: aspiração pessoal, problema nacional».

Dirigentes e militantes do PCP, como Albano Nunes, Alda Nogueira, Rogério Fernandes, Sousa Lopes, Carlos Brito, Aboim Inglês, Domingos Abrantes, Jerónimo de Sousa, Orlando Leitão, António Vidigal, António Abreu, Fernando Correia, Veiga de Oliveira e Octávio Teixeira constituirão as mesas dos debates, juntamente com personalidades especialistas convidados que aceitaram dialogar sobre os temas referidos.

Entre outros, e para além dos já citados, aceitaram já participar, Luís França, Salvado Sampaio, Aldónio Gomes, Ana Bettencourt, Piteira Santos, Vasco da Gama Fernandes, Ferreira Guedes, Miller Guerra, António Galhordas, Correia Campos, Pedro Cid, Beça Múrias, Ataíde Ferreira, Fonseca Ferreira, Inácio Peres Fernandes, etc.

Cunhal na Beira Alta

Álvaro Cunhal inicia amanhã, às 21 e 30, no ginásio do Liceu de **Castelo Branco,** uma ronda de três dias de comícios e contactos com a população da Beira Alta e Alto Alentejo. No dia seguinte, 26, o secretário-geral do PCP estará no **Fundão** (15 horas e na **Covilhã** (21 h, Cine-Centro).

No domingo, Álvaro Cunhal visitará várias localidades do distrito de Portalegre, nomeadamente **Aviz** (12,30), **Campo Maior** (16 h) **Fronteira** (18 h) e **Ponte de Sor** (20 e 30).

"Negócios em Macau" e "suborno"

Desertor lança acusações contra 1.º-Ministro e CEMGFA

O Primeiro-Ministro português e o chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas desmentiram hoje um alegado relatório moçambicano, publicado no semanário sul-africano «Scope», e reproduzido pelo «Século», de Joanesburgo, e pelo «Jornal da Madeira». Um comunicado distribuído ao princípio da madrugada de hoje pelo gabinete do Primeiro-Ministro diz que Pinto Balsemão «aguarda serenamente o desmentido por parte do Governo de Moçambique».

Trata-se de um relatório atribuído ao ministro moçambicano da Segurança, general Jacinto Veloso, pelo ex-elemento dos Serviços de Segurança de Moçambique, Jorge Costa, que em 1982 se entregou às autoridades da África do Sul. Nele se refere que Pinto Balsemão pretendia vender as suas acções no semanário português «Expresso» para se dedicar a negócios em Macau.

Relativamente ao CEMGFA, general Melo Egídio, afirma-se que teria sido subornado pelo ministro moçambicano, juntamente com diversas personalidades portuguesas, a propósito de um negócio de fornecimento de armas a Moçambique.

«Por motivos óbvios» – diz o comunicado do CEMGFA – «não cabe às Forças Armadas Portuguesas averiguar da autenticidade de tal 'documento', como também lhe não compete pedir responsabilidades a quem eventualmente o forjou, manipulou a informação e tendenciosamente o publicou».

Os factos narrados são «inteiramente falsos, uns, grosseiramente deturpados, outros» – adianta o CEMGFA.

O comunicado refere que houve contactos oficiais entre o Governo português e uma delegação do Governo moçambicano, presidida pelo seu ministro da Segurança, num dos quais interveio o chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas.

«Mas desses contactos» – precisa –, «no que respeita às Forças Armadas portuguesas, resultou apenas a oferta simbólica de algum armamento ligeiro e fardamento, com o conhecimento do Governo português e conforme foi então comunicado».

O CEMGFA considera este caso de «excepcional gravidade, na medida em que se pretende, com objectivos políticos evidentes desacreditar, mais do que as pessoas visadas, as próprias instituições nacionais e denegrir a cooperação com os novos Estados de expressão portuguesa».

O comunicado conclui informando que o CEMGFA deu conta das suas preocupações ao Presidente da República e ao Primeiro-Ministro «com o conhecimento do qual este comunicado foi feito, exigindo um rigoroso inquérito aos factos verificados, com o consequente apuramento de responsabilidades».

AS TESES DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

PARA AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

DEBATE ABERTO COM ÂNGELO VELOSO

(membro suplente da Comissão Política do CC do PCP)

6.ª FEIRA — 25 FEVEREIRO — 21.30
SALÃO DA JUNTA DE FREGUESIA DO BONFIM

☆
A DIRECÇÃO DO SECTOR INTELECTUAL DO PORTO DO PCP

Baião Horta acumula pasta da Defesa

Baião Horta, ministro da Indústria, vai assumir também a responsabilidade da pasta da Defesa – confirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz do gabinete do Primeiro-Ministro. A única coisa que falta, de acordo com o mesmo porta-voz, é a aprovação em Conselho de Ministros, «mas tudo aponta nesse sentido».

A pasta da Defesa está vaga desde a demissão de Freitas do Amaral e os altos comandos militares têm vindo a insistir na necessidade da vaga ser rapidamente preenchida, dado os inconvenientes daí resultantes face às disposições constantes da Lei da Defesa Nacional.

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

A «troika» dos «Notáveis» foi recomposta à última hora, numa reunião ontem à tarde, com a maioria dos membros da Comissão Permanente. Sintomaticamente, nem Mota Pinto nem Eurico de Melo, se deslocaram ao jantar de Espinho. O acordo que permitiu o acordo?

Mota Pinto não foi ao jantar

As candidaturas estão definidas

— *acordo ou confronto no PSD?*

MOTA Pinto, Eurico de Melo, e Nascimento Rodrigues, surgem juntos no Congresso do Algarve. Como dizia um dirigente social-democrata, que une estes três homens? Mota gostaria de liderar a AD ou recompor a AD; Eurico de Melo entende que se o PSD perder as eleições deve passar a Oposição; Nascimento Rodrigues foi durante muito tempo o defensor de acordos com o PS e o fim da AD.

Para além disso, a sobrevivência da actual Comissão Permanente constitui, também um ponto «fraco» desta candidatura. Barbosa de Melo e Leonardo Ribeiro de Almeida são os primeiros nomes apontados para o Conselho Nacional.

Mota Pinto, quando ontem a noite, anunciou oficialmente a sua candidatura à direcção do Partido considerou necessário recuperar «a política de mudança» de Sá Carneiro em 1980, assim como a sua «política de distribuição de terras» no Alentejo.

A filosofia desta candidatura prosseguiu, é a da social democracia alternativa ao colectivismo e ao conservadorismo, e inspira-se no regresso à política de mudança concebida e executada em 1980 por Sá Carneiro.

«Defendemos – disse ainda – uma política responsável a nível económico e financeiro, com incentivos aos agentes económicos e um contrato social entre empresários e trabalhadores».

Também inclui – concluiu – «medidas específicas do PSD, como é a ideia da «desproletarização», ou seja a distribuição da terra estatizada por famílias de pequenos proprietários e das participações do Estado aos trabalhadores».

O Grupo «44»: a negociação?

Entretanto, o Grupo dos «44» com Luís Fontoura como candidato à presidência da Comissão Política e Menéres Pimentel ao Conselho Nacional, anunciou o apoio de mais de cem sindicalistas.

No entanto, a grande surpresa vem das declarações do dr. Luís Fontoura, quando afirma que apoiaria Mota Pinto «se ele assumisse a candidatura de forma inequívoca».

Em sua opinião, se Mota Pinto estivesse disposto a assumir uma candidatura como líder do PSD, de forma inequívoca, estaríamos dispostos a conversar,mas não com responsabilidades partilhadas e com uma solução difusa e precária».

Fontoura garantiu que o «Grupo dos 44» não proporá Pinto Balsemão para presidente do Partido», justificando que os subscritores do documento «têm ideias diferentes sobre a reorganização do PSD e as suas chefias. É altura de renovar inequívocamente a todos os níveis, desde as hierarquias, aos princípios».

Quanto a um entendimento com o grupo liderado por Mota Amaral, «que felizmente se gorou», fazendo ressalva do «muito respeito e amizade» que lhe merece aquele dirigente, como os outros (Fernando Amaral, Lurdes Breu, Tomás Oliveira Dias), sublinhou que os seus «interesses não convergem».

Para os «44», não se trata de disputar o Poder, nem de uma mudança táctica, mas da renovação da estratégia do PSD para resolver as suas dificuldades e do País.

Luís Fontoura espera que o Congresso de Montechoro assuma «as responsabilidades de tomar as decisões correctas», uma vez que considera o PSD «muito à beira do precipício» e «não haver tempo a perder».

Para Fontoura, e lembrando o exemplo da AD «como uma chefia difusa que a conduziu à derrota», se a clarificação não acontecer, no próximo fim-de-semana, o PSD corre o risco de se «tornar num partido pequeno, quando tem todas as condições para ser o maior partido português».

Ao longo dos trabalhos do Congresso do PSD, tudo é possível. Resta, ainda, saber como irá actuar Mota Amaral que apoia inequivocamente a recondução de Pinto Balsemão. Também a arq.ª Helena Roseta terá uma palavra a dizer ao longo destes dias no Algarve. Dos «consensos» e «negociações de bastidores» ela será a grande beneficiada.

Estatutos: deputados

A discussão das alterações aos Estatutos poderá, logo no sábado, dar ideia de que como «reagirá» a maioria dos congressistas às lideranças em confronto. Também, no final do Congresso, algumas alterações nas listas de deputados poderão ter algum significado. Uma curiosidade: Henrique Granadeiro é o último candidato do PSD pela lista de Évora.

A JSD do Porto, pela voz do seu vice-presidente, Rui Rio, congratulou-se com as alterações introduzidas pelo Conselho Nacional à lista proposta pela distrital de Lisboa.

Sublinhou que o «Conselho Nacional do partido devia ter alterado mais a lista proposta pela distrital de Lisboa, no sentido de esta integrar figuras do partido que, de uma forma inexplicável, ficaram de fora».

«O PSD não tem tantas figuras que se possa dar ao esquecimento de personalidades com capacidade inegável como parece ser a óptica da distrital da JSD de Lisboa» (afecta a Santana Lopes) – afirmou.

Sociais-democratas do Norte pressionam Congresso

Se outros pretenderam ofuscar o que era bem visível, Brochado Coelho, o novo presidente da Comissão Política do PSD do Porto, teve a «coragem» de o não fazer: «Mota Pinto é a alternativa conveniente e convincente à actual direcção do partido... possui carisma... nele está a resolução da crise do PSD».

De facto, embora velado à partida, o jantar ontem promovido num restaurante de Espinho, por antigos dissidentes do PSD, com vista a «criar uma dinâmica de unidade», não teve outro objectivo que não fosse dar um «empurrão» à candidatura de Mota Pinto à liderança do PSD, no congresso deste fim-de-semana. Sem «troikas»... se possível.

Com efeito, Brochado Coelho, o mais explícito dos oradores e que falava em nome da Comissão Política Distrital, disse concretamente que as «troikas» são «esquecimento». «São, sublinhou, soluções transitórias, são três galos no mesmo poleiro».

Por isso, na sua opinião, o PSD «não alcançará a cara lavada», pretendida, com tal solução. Todavia, se tiver de ser... do mal o menos – foi o que deixou perceber Brochado Coelho. Porque, qualquer outra solução seria bem pior. No final, o líder do PSD do Porto fez um apelo muito claro: «Que a liderança seja única e exclusiva de Mota Pinto, de direito e de facto». («Um pensar muito lúcido» foi o aparte de um apoiante do prof. coimbrão para o jornalista do «DL»).

Pelo que ouvimos de vários participantes neste jantar (estavam cerca De cem pessoas) depreendemos que do trio dos «notáveis» o menos desejado é Eurico de Melo. «É um notável que se representa a si próprio», desabafo de um deles. Outro dizia-nos: «Mota Pinto é melhor aceite só do que acompanhado». Quanto ao que irá, de facto, acontecer neste congresso, são maiores as dúvidas do que as certezas...

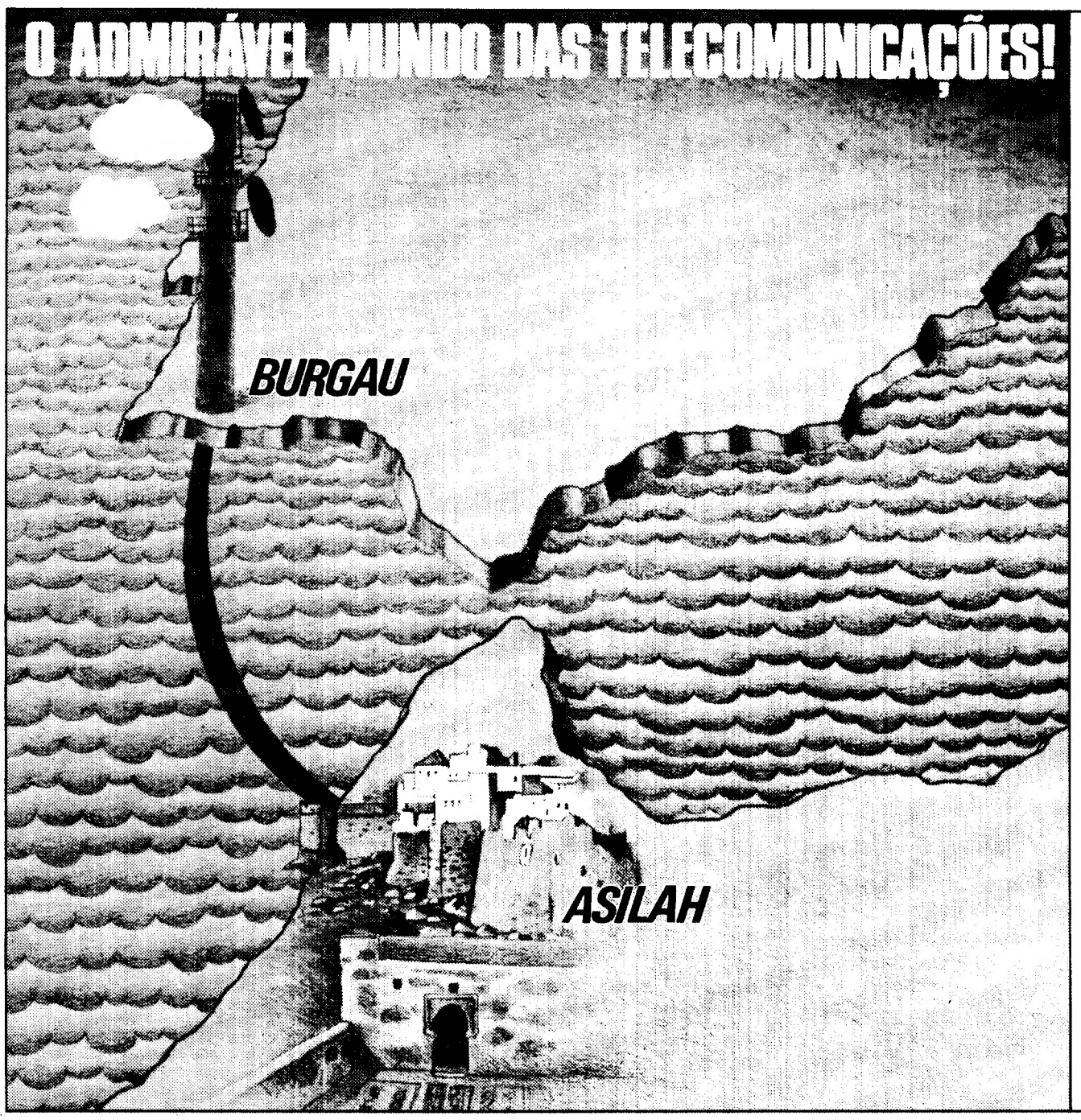
«O círculo da intriga»

Mota Pinto não esteve presente, mas fez-se representar por Barbosa de Melo que referiu expressamente a incumbência com as palavras que o próprio Mota Pinto lhe reservara: «A hora é de unidade democrática». Eurico de Melo é que não esteve nem se fez representar, embora tenha sido convidado. De resto, mais do que figuras do PSD propriamente ditas estavam presentes dirigentes e militantes de Aveiro, Braga, Viseu, Viana do Castelo, Coimbra, Vila Real e Porto.

Para Barbosa de Melo, «os partidos não têm passado quase só de comissões eleitorais», «o que está em causa não é o País, mas o regime democrático» e é preciso evitar que alguém sozinho exonere a democracia e, «com os seus cortesãos governe o País».

Coelho dos Santos, um dos promotores do encontro, disse que era necessário reivindicar para o Norte a parcela de poder político que lhe compete e negou que estivesse disposto a falar, neste momento, de qualquer «adesão oportunista» ao PSD. Fernando do Amaral, ex-ministro, veio de Viseu para dizer o que lhe «ia na alma...». Falou das virtudes da social democracia, disse que era necessário «romper o círculo da intriga», reivindicou mais poder para o Norte e Centro do País, e quis denunciar que as decisões políticas nacionais não podem continuar a ser cozinhadas nos palácios ou nas tertúlias da amigos... «não pode nascer de grupos e grupelhos».

A voz algo dissonante: Brito Lhamas, de Aveiro. Repudiou «tudo aquilo que se tem passado no partido» e disse não acreditar em carismas, mas sim em ideias. «Carisma houve um, acabou, morreu». De qualquer forma, também para ele a solução é Mota Pinto: «Com troika ou sem troika». Miguel Veiga, um antigo constituinte e regressado há um ano ao partido mais apostado em fazer uma ponte entre os dois Pintos, Mota e Balsemão, também usou da palavra, tendo o encontro terminado com a intervenção de José Augusto Seabra, outro dos promotores do jantar juntamente com Leite de Castro. O novo candidato a deputado, em 3.º lugar na lista do Porto, defendeu o regresso às origens como forma de lutar pelo futuro da social democracia em Portugal.



A MARCONI INAUGURA O CABO SUBMARINO TELEFÓNICO ATLAS.

Entre Portugal e Marrocos, cabo submarino Atlas. 960 km submarinos entre Burgau e Arzila, com capacidade para 1260 circuitos telefónicos. Um novo meio de comunicações, aumentando o acesso directo de Portugal à rede internacional de cabos submarinos. Ligando directamente Portugal com Marrocos e daí com todo o Norte de África e a bacia mediterrânica. Via Marconi. Projectando na onda do futuro a modernidade das telecomunicações portuguesas.

CPRM telecomunicações internacionais

Companhia Portuguesa Rádio Marconi

beam

MDM sobre 1982

"Um ano mau para as mulheres portuguesas"

O ano de 1982 não foi nada bom para as mulheres portuguesas – concluiu o Conselho Nacional do MDM (Movimento Democrático de Mulheres) reunido há dias em Lisboa, para analisar questões concretas ligadas à situação da mulher e à próxima comemoração do 8 de Março, Dia Internacional da Mulher.

Relativamente à situação portuguesa, aquele órgão dirigente do MDM constatou que a degradação generalizada em importantes sectores da vida social do País (custo de vida, desemprego, saúde, educação, etc.) tem afectado particularmente a vida das mulheres portuguesas, primeiras e principais vítimas da repressão laboral e do agravamento crescente da situação económica.

No plano ideológico, o MDM sublinhou e denunciou o esforço de sectores governamentais no incitamento (via Comunicação Social) ao consumismo; no cumprimento do Código de Publicidade (em vigor desde Janeiro de 1982); na veiculação, através dos actuais manuais escolares, de noções caducas e descriminatórias do masculino/feminino.

A nível legislativo salientou o MDM a tentativa (frustrada) do Governo em aplicar a chamada Lei de Bases da Família; os ataques sucessivos aos centros de Planeamento Familiar – encerramento de vários e a proibição do acesso dos jovens ao referido planeamento – a rejeição da legalização do aborto e a difícil votação dos projectos de lei sobre «protecção e defesa da Maternidade» e «planeamento familiar».

«E se não foram mais longe as forças de direita – salienta o MDM – isso deve-se à oposição determinada das mulheres nos mais variados sectores e lutas em que se movimentaram particularmente no MDM», em torno, nomeadamente da defesa dos direitos constitucionais das mulheres, contra a Lei de Bases, em defesa da maternidade, do planeamento familiar e da legalização do aborto e por uma nova mentalidade e uma nova família baseada na igualdade de direitos e deveres e no respeito mútuo.

Mais mulheres no Parlamento

Sobre as próximas eleições, «que podem abrir novas perspectivas à luta das mulheres», o MDM reivindica que «um maior número de mulheres façam parte das listas dos partidos, em posição de serem eleitas».

O MDM iniciou também uma campanha de sensibilização junto dos órgãos de Informação, sentido de que neste próximo 8 de Março «seja dada uma atenção especial à problemática feminina, quer no seu trabalho, quer na imagem transmitida».

Ainda no tocante ao 8 de Março o MDM elaborou uma saudação às mulheres portuguesas, a ser publicada, nesse dia, na generalidade dos órgãos de Comunicação Social. Haverá também uma sessão comemorativa no Teatro S. Luís e a entrega de menções honrosas aos deputados que mais se destacaram no debate sobre o aborto.

Entre as iniciativas centrais do MDM para o ano corrente destacam-se ainda encontros na Emigração (de 4 a 22 de Março, na RFA, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, França) com delegação do seu secretariado nacional.

Nesse período ainda está prevista a participação na concentração internacional em frente à sede da NATO, em Bruxelas, contra a instalação de mísseis na Europa e inauguração na sua sede central de uma Sala para a Arte no Feminino.

De 25 a 27 de Março, o MDM participará na Conferência de Solidariedade com os Estados da Linha da Frente, a realizar em Lisboa. A 28 de Março será a homenagem a Maria Lamas com entrega da medalha Eugénia Cotton.

Em Maio, no dia 8, haverá um espectáculo alusivo ao Dia Mundial da Paz, exposições e uma sessão de homenagem a Virgínia Moura.

Em Outubro, o MDM participará na reunião do Conselho da Federação Democrática Internacional das Mulheres e estão previstos ainda um seminário sobre problemas das mulheres emigrantes e uma acção de mulheres da Europa em defesa da Paz, a realizar em Portugal.

Em Novembro está prevista a vinda a Portugal de uma delegação das mulheres da Palestina.

Edmundo Baluka em greve de fome há um mês

Socialistas exigem libertação do líder polaco

O presidente do Comité de Greve das paralisações operárias de 1970/71 na Polónia e trabalhador dos estaleiros navais de Szczin, Edmund Baluka, está em greve de fome há um mês – foi revelado em Lisboa.

Em conferência de Imprensa dada ontem, o deputado socialista Edmundo Pedro e Maria Helena Cardoso, do Secretariado do Ensino Superior do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, informaram sobre a situação de Edmundo Baluka, detido na Polónia desde 13 de Dezembro de 1981.

«O presidente do Comité de Greve das paralisações operárias de 1970/71 na Polónia entrou em greve da fome em 24 de Janeiro de 1983, está incomunicável desde há oito meses e corre grave risco de morrer se não for posto fim imediato à sua situação» – disse Edmundo Pedro.

A Comissão pela Libertação de (Lech) Walesa, Baluka (Jacek) Kubon de todos os presos políticos da Polónia apelou também, através de comunicado divulgado durante a conferência de Imprensa para a solidariedade portuguesa para com aquele grevista.

O apelo estende-se às organizações operárias, às direcções dos partidos políticos, aos intelectuais e homens de cultura que se afirmam contra «as discriminações de que os operários são vítimas».

A nível internacional, Maria Helena Cardoso salientou as posições já tomadas em defesa de Baluka pelo Grupo Socialista do Parlamento Europeu, o secretariado do Partido Socialista Francês, as organizações sindicais francesas CFDT e CGT-FO, pela Grã-Bretanha, Suíça e Bégica.

A comissão dirigiu-se ao embaixador da República Popular da Polónia, solicitando-lhe que a receba de modo a poder transmitir ao governo daquele país as suas profundas preocupações sobre a situação actual de Baluka, obtendo simultaneamente o máximo de informações possíveis sobre o assunto em questão.

«Edmund Baluka veio a Portugal a meu convite, em 1977, tendo demonstrado, através de entrevista concedida à televisão, o desejo de um estatuto de liberdade para os operários do seu país» – disse Edmundo Pedro.

Acrescentou que Baluka regressou à sua terra natal em 1981, «no decurso de uma abertura no regime, acabando por ser preso em 13 de Dezembro com outros agentes sindicais».

Entre os subscritores da carta ao embaixador da República Popular da Polónia, que solicita também a libertação de todos os detidos da central sindical ilegalizada Solidariedade, nomeadamente os do KOR (Comité de Defesa dos Operários), encontram-se Kalidás Barreto, da CGTP, José Manuel Torres Couto, secretário-geral da UGT, os deputados socialistas Manuel Alegre, Marcelo Curto, José Niza, António Reis, Aquilino Ribeiro Machado, o deputado da UEDSLopes Cardoso, Vasco da Gama Fernandes, Aires Rodrigues, do POUS, sindicatos, comissões de trabalhadores, e outros.

A toda a população do concelho

Considerando que a Assembleia da República aprovou um Orçamento Geral do Estado provisório que defrauda as Autarquias de todo o País em dezenas de milhões de contos, insistindo assim o Governo mais uma vez no não cumprimento da Lei das Finanças Locais.

Considerando que, devido a esse não cumprimento, o Município de Coruche será prejudicado em **296.618 contos,** com graves prejuízos para a sua capacidade de realização e das respectivas freguesias, bem como das populações (note-se que assim o total de verbas retiradas pelo Governo nestes últimos anos aproxima-se de um milhão de contos — Em 1983 este Município receberá menos dinheiro que em 1982, o que agravado pelo custo de vida e inflação quererá dizer que receberá menos 30%.)

A Câmara Municipal de Coruche e Juntas de Freguesia do Couço, Lamarosa e Coruche, na sua reunião conjunta de 10-2-83, deliberaram por unanimidade:

1.º — Protestar contra o desrespeito do Governo em relação à Lei n.º 1/79 (Lei das Finanças Locais), aprovada por unanimidade pela Assembleia da República.

2.º — Reclamar para que a Assembleia da República, resultante das eleições de 25 de Abril reponha a legalidade entregando às Autarquias as verbas que por direito lhes cabem.

(Como representantes das populações vamos aguardar o que sobre a Lei das Finanças Locais irão na campanha eleitoral prometer as forças políticas concorrentes).

Coruche, 14 de Fevereiro de 1983

comunicação social

Segundo sondagem da Norma

Audiência dos "mass media" mantém-se estacionária

A audiência em 1982 dos meios de comunicação social portugueses manteve-se estacionária – indica uma sondagem revelada pela Norma.

Os jornais diários foram lidos apenas por 18 por cento da população, tal como aconteceu em 1981, seguindo-se em audiência a Rádio, com 36 por cento e a Televisão com 59 por cento.

No ano anterior a Televisão tinha registado 58 por cento e a Rádio 39 por cento.

A sondagem de 1982 resultou da informação recolhida pela Norma em 10400 entrevistas, ao longo do ano, a pessoas com mais de 15 anos.

Esta amostragem confirmou que a audiência dos meios de comunicação diminui com o afastamento das zonas de Lisboa e Porto, com o aumento da idade e com o abaixamento do nível sócio-económico.

A audiência média dos jornais não-diários foi igualmente estimada em 18 por cento da população, contribuindo os jornais desportivos de forma decisiva para este resultado.

Já as revistas semanais descem para 15 por cento e as quinzenais não passam dos 2 por cento.

"Sun" revela intimidades do Palácio de Buckingham

A rainha de Inglaterra acaba de tomar uma decisão excepcional: proibir a publicação no matutino popular «The Sun» de anedotas sobre a vida no Palácio de Buckingham por um antigo empregado das cozinhas.

A primeira parte da narrativa foi publicada no passado dia 21, revelando nomeadamente que o príncipe André aproveitava os fins-de-semana, que a rainha e o príncipe Filipe passam normalmente em Windsor, para convidar para o palácio de Buckingham a sua amiguinha Koo Stark, célebre por ter rodado alguns filmes eróticos.

Segundo Kieram Kenny, que deixou recentemente o seu emprego nas cozinhas do palácio, Koo Stark chegou a adquirir hábitos no palácio, a ponto de ir mordiscar os chocolates da rainha, e o príncipe André (aliás «Dandy Andy» ou «Andy, o Atleta») encomendava dois pequenos-almoços antes de se deitar.

Os pequenos almoços deviam ser deixados, bem entendido, frente à porta e não levados ao leito principesco.

A continuação da narrativa, que o «Sun» anunciava continuar nos dias seguintes, conta como a princesa Ana «ia descalça fazer as suas torradas».

A rainha foi informada da última «caixa» do «Sun» no México, onde se encontrava em visita oficial, e terá, segundo certas fontes bem informadas, mandado que fossem tomadas medidas enérgicas.

Um pouco mais tarde, invocando a ruptura de um compromisso moral por parte de Kieran Kenny, o palácio de Buckingham obtinha da Justiça uma ordem proibindo o «Sun» de publicar a sequência da narrativa.

É a primeira vez que o palácio toma uma tal medida. Todos os empregados do palácio comprometem-se por escrito a não divulgar os «segredos» da família real.

A Imprensa dada a estes sensacionalismos soltou altos gritos: «A rainha amordaça o 'Sun'», eis o grande título deste jornal; e «A rainha proíbe a continuação das histórias de Koo» (título do «Daily Mail»).

Mas o «Sun», que não trava a sua primeira batalha com o palácio, não se confessa vencido (alheio como sempre a todos os problemas das classes trabalhadoras) – e, assim, avisa: «Bater-nos-emos vigorosamente para obter o levantamento da mordaça.»

Espanha aprova ajuda estatal à Imprensa

O Congresso espanhol de deputados aprovou uma proposta sobre ajuda estatal à Imprensa, por 283 votos contra quatro e duas abstenções.

Os socialistas comprometeram-se a enviar durante este ano um projecto-lei que regule o regime de ajudas estatais à Imprensa periódica.

Esse diploma estabelecerá os critérios objectivos para a atribuição da referida ajuda, prevendo uma comunicação anual ao Congresso de deputados sobre tais critérios.

DOSSIER

Cinco anos a captar público do outro lado de Lisboa

Grupo de Campolide bate-se em Almada por sala à medida de uma realidade

O Grupo de Campolide julga chegada a oportunidade de ter instalações independentes em Almada, cidade onde se fixou há cinco anos, no teatro da Academia Almadense. «Estamos numa terrível dependência de instalações» – confessa-nos Joaquim Benite, um dos três encenadores do grupo. A ambição, nem sequer megalómana, é revelada em vésperas da estreia de «Anastas», de Juan Benet, um inédito entre nós «sobre o Poder, onde se passam em revista conceitos como tirania, autoritarismo, democracia, ditadura, parlamentarismo, corrupção etc.».

problema não é único na vida do Grupo de Campolide, um dos que no nosso país optaram há anos pela descentralização teatral. Há dois meses, os componentes do grupo esfalfavam-se em espectáculos sucessivos, porque era «mês de 13.º».

Quase ao mesmo tempo, surgiam problemas com os subsídios concedidos pela Secretaria de Estado da Cultura. O Grupo de Campolide foi uma das dez companhias escolhidas por aquele departamento governamental para contratos de três anos.

«O despacho ministerial dizia que se pretendia melhorar a situação dos grupos escolhidos» – conta Joaquim Benite. «Mas acabamos por ficar com um contrato que aumenta em 700 contos o subsídio anual, o que não compensa sequer a inflação entretanto verificada...»

As dificuldades não terminam aqui. «Os contratos ainda não estão assinados e o Governo demitiu-se» – conta Benite, acompanhado por Fernando Gusmão e José Martins, ambos encenadores do Campolide. «Deram-nos quatro mil contos, o que é um terço das despesas. Nós tínhamos pedido 9500 contos.»

O quadro é este, mas as instalações também constituem problema, apesar da boa vontade dos directores da Academia Almadense. Só que, nos termos do contrato, a sala tem de ficar disponível três dias por semana para outras actividades da colectividade.

E Almada merece-o

«Estamos numa terrível dependência de instalações» – sintetiza Joaquim Benite. «Pode dizer-se que somos um grupo profissional a funcionar numa sociedade de recreio.»

A pretensão de um teatro a funcionar exclusivamente como tal não é nova nem constitui uma invenção do Grupo de Campolide. A sua construção já vinha prevista no programa eleitoral da APU, a força que mais uma vez ganhou as eleições para a Câmara de Almada.

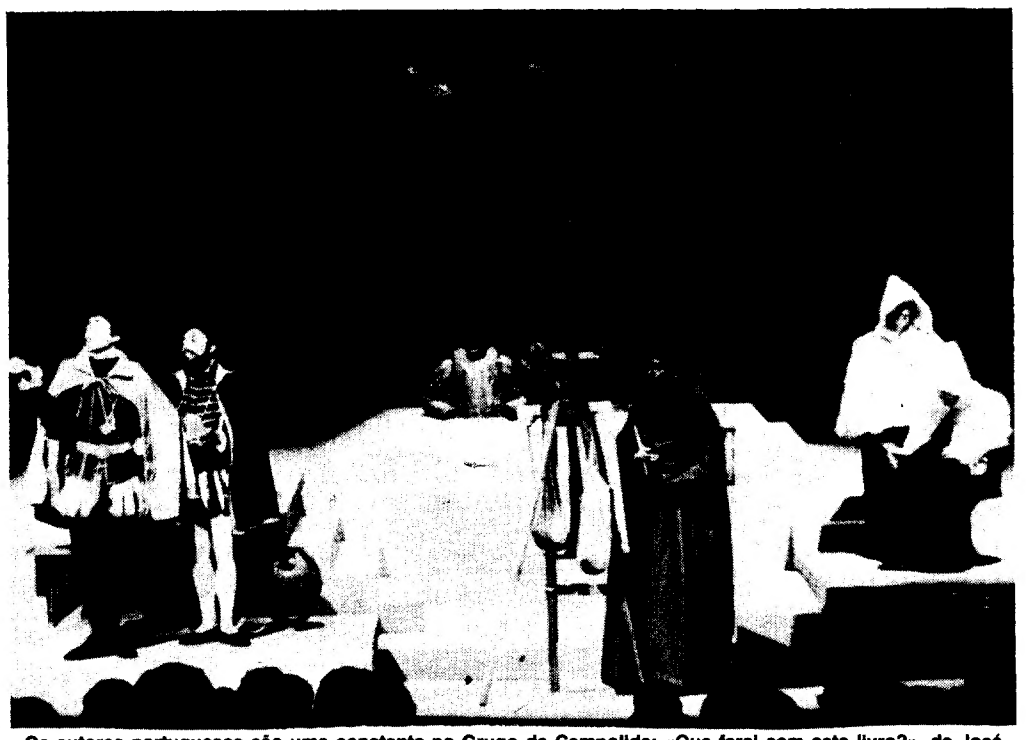
O município poderia pois encarregar-se de edificar uma sala que hoje se revela como verdadeira necessidade numa cidade em crescimento constante. «Mas se a Câmara cedesse um terreno...» – adianta Benite, pensando já em subsídios possíveis de fontes diversas, da constante Gulbenkian aos aleatórios ministérios.

«Era importante que Almada tivesse um teatro. Uma actividade regular seria um dos pontos mais importantes da sua existência» – acordam Benite, Gusmão e Martins. O último não desvia os olhos das estatísticas referentes à actividade do Grupo em que ele se fez para o teatro.

A construção de uma sala nem sequer é coisa inédita. Ela já foi concretizada pelo Grupo 4 e pelo Adóque, em Lisboa. Mais fácil seria concretizar isso em Almada, consideram os componentes do Grupo de Campolide.

A questão, clarificam, nada tem a ver com os dirigentes da Academia Almadense. As condições em que se encontram decorrem do contrato de utilização da sala e do facto de se tratar de uma colectividade de recreio, que tem actividades próprias destinadas aos seus associados.

«As direcções, por outro lado, variam periodicamente e cada uma delas estabelece o seu plano de actividades» – continua Joaquim Benite, considerando que isso é perfeitamente natural.



Os autores portugueses são uma constante no Grugo de Campolide: «Que farei com este livro?», de José Saramago, começou em Almada

Descentralizar: a opção tomada

A fixação do Grupo de Campolide em Almada surge de forma consciente e como resultado consequente da actividade que desenvolvera até então. Fundado em 1970, com centro no bairro lisboeta que lhe deu o nome, o grupo profissionalizara-se em 1976.

A actividade em Almada inicia-se com a realização, na Academia Almadense, de dois espectáculos: «1383» e «O santo inquérito». Uma sondagem junto do público levou à conclusão de que se justificava uma nova fase na vida da companhia. À fixação em Almada eucedia-se, pois, a resolução de se descentralizar, com abandono da itinerância.

Um distrito à vista

O público mais importante do Grupo de Campolide espraia-se, afinal, por todo um distrito. E as solicitações para os seus espectáculos são inevitáveis, embora

mação nas escolas. Os jovens estão agora na calha e para tanto já houve mesmo apoio da Fundação Gulbenkian. «É uma ligação muito importante, essa com os jovens» – considera.

«Mas o nosso público mais importante são os trabalhadores e é para eles que temos estruturas montadas» – confessa o encenador, fundador do Grupo e ex-jornalista e ex-crítico teatral.

O propósito, por agora, é levar cada um dos espectáculos aos diversos pólos do distrito e não só, como acontece com o concelho de Loures. O mesmo se verifica para os diversos grupos de todo o país (e estrangeiros) que o Campolide traz «à outra margem».

O trabalho assim desenvolvido atinge diversas formas, como é o caso dos amadores. A colaboração estreita-se de momento com dois grupos da própria Academia Almadense e da vizinha Incrível. Os jovens, talvez já em resultado da captação desenvolvida, também se aproximam. É o caso de um grupo de estudantes local.

As dificuldades para as deslocações são várias. A companhia que se fixou em Almada não dispõe de uma carrinha, de equipamento eléctrico à altura, ou material audiovisual tão necessário para o trabalho com os amadores. O transporte do material é assegurado pela Câmara de Almada, cujo apoio é indiscutível. Um subsídio mensal de 50 contos é uma outra prova...

«Mas quando chega Dezembro é lixado... Temos dois meses a pagar. E em cinco anos nunca houve atraso de ordenados» – eis como se explica o grande número de deslocações recentemente efectuado.

Os pedidos de espectáculos também são maiores nessa época, com as crianças no centro de tudo.

Apoios com números

«Temos que atender ao nosso tipo de público» – esclarece Benite, numa referência à velha questão do tipo de espectáculos realizados. «Não podemos submeter-nos ao gosto do público mas não podemos ignorá-lo».

«Pensamos que a descentralização não dificulta o trabalho de criação» – acrescenta o mesmo responsável. «Pelo contrário, atenua caminhos, embora talvez se trate de vias diferentes».

«O nosso reportório não é o que o nosso público quer imediatamente e tem na televisão. Até o contrariamos. Temos é o privilégio de conhecer o nosso público e até discutirmos com ele».

O resumo está aí: «trabalhamos para um não-público, os que nunca tiveram o hábito de ir ao teatro». Os três elementos do grupo falam-nos de casos, como os de espectadores que agora já vão de propósito a Lisboa para um espectáculo teatral.

Os estreitos laços com o público concretizam-se sob formas diversas e com vantagens recíprocas. Um dos canais existentes é os da Associação de Espectadores: uma quota mensal dá direito a ver todos os espectáculos do grupo. Há hoje mil sócios, chegaram a ser 2500.

Uma secção de animação do público, actuando nas próprias fábricas, com os actores a participarem; os amigos do grupo, credenciados com um cartão e actuando nos seus locais de trabalho – eis dois outros processos de estreitar o contacto.

Mas, há que ter em consideração, a bilheteira não tem aqui o tradicional papel de captação de receitas. Todos os trabalhadores têm 50 por cento de desconto. «Seria impossível praticar os preços de Lisboa». A importância dos subsídios revela desse facto. Uma casa de teatro proporcionaria um fôlego diferente.

Rogério Vidigal

Anastas, um rei provisório

«Os nossos reis não duraram muito: dois, três, cinco anos» – salienta Fernando Gusmão na sua nota de encenação sobre «Anastas», a peça que se seguirá, a breve prazo, no cartaz da Academia Almadense.

«Em meados da nossa época» – lê-se ainda, em extracto da própria peça, houve um, de nome Anastas, que decidiu teimar em existir ainda quando as forças o abandonaram... E assim inventou a Constituição...».

A peça, adianta desde já Fernando Gusmão, não irá ao encontro dos adeptos de um teatro realista no sentido de «mostrar uma relação dialéctica de causa e efeito os mecanismos da História».

O objectivo, esclarece o encenador do espectáculo, foi levar ao público uma peça recheada de palavras com subentendidos que nos remetem para um «palavreado político» com que certa classe nos bombardeia. Um passo mais, pensam os responsáveis, no caminho comum com um público específico da cidade onde o Grupo de Campolide se implantou.

Alguns números

O Grupo de Campolide tem actualmente 26 pessoas assim divididas: dois encenadores e dois encenadores-actores; 14 actores; três administrativos; e quatro actores em «part-time». Um assistente literário completa a equipa.

Desde 1978, a companhia fez 1086 espectáculos que tiveram 192.287 espectadores. A média é de 177 espectadores por sessão. O ano de maior movimento foi de 1981, com 260 sessões realizadas, 51.386 espectadores e uma média de 197. O pior foi o primeiro ano, com 169 sessões, 25.812 espectadores e uma média apesar de tudo alta: 152 por espectáculo.

«A excepção e a regra», de Bertolt Brecht. Um marco na divulgação de uma obra

O público que espera o Grupo de Campolide é tido em conta. Os seus componentes sabem que ali se concentram operários e trabalhadores de serviços.

«Temos, hoje, três tipos de público» – diz-nos Benite. As crianças, conta, são atingidas através de um trabalho de ani- uma boa parte do público se desloque ele próprio à sala da Academia.

«Pensamos que itinerância não é descentralização» – esclarecem os responsáveis. «A menos que se faça um espectáculo num local e depois voltemos lá».

de ontem para hoje

Presumível assassino de florista detido no Bairro da Serafina

O Tribunal de Instrução Criminal de Lisboa acaba de sancionar a prisão do presumível autor do assassínio por estrangulamento da florista e coleccionadora de bonecas Josefina Marques Amaro, de 65 anos, ocorrido, conforme então noticiámos, na manhã de 17 de Dezembro último, na sua residência na Rua Garcia de Orta, Damaia. Trata-se de António Fernandes, de 19 anos, conhecido pela alcunha de «O Alemão», devido à sua farta cabeleira loira, que trabalhava há dois meses na florista Vina, na Rua Castilho, em Lisboa propriedade da vítima. O jovem, que após o crime levou dinheiro e jóias no valor de 900 contos, foi detido junto à sua casa, no Bairro da Serafina onde habitava com uma irmã. Na opinião da neta da vítima, responsável pela florista Vina. António Fernandes era um jovem «atencioso e bem comportado» por quem a sua avó até tinha uma certa afeição.

Relatório sobre Khron no tribunal

O relatório do exame às faculdades mentais do padre espanhol Fernandez Khron, elaborado por três médicos, foi entregue ontem no Tribunal de Vila Nova de Ourém. O processo aguardará agora o cumprimento de um prazo para o defensor oficiosos ser notificado de um despacho lavrado nos autos. Khron, que é acusado de ter atentado contra a vida do Papa João Paulo II, na noite de 12 de Maio, no santuário de Fátima, encontra-se preso no estabelecimento prisional de Lisboa. Na foto um aspecto do julgamento suspenso logo na primeira sessão para análise às capacidades do réu. Khron «pede a palavra».

Morte de ajudante de motorista

O denso nevoeiro esteve na origem do despiste de uma camioneta na Estrada Nacional n.º 2, próximo de Nefio (Castro Daire). O veículo foi embater contra uma barreira, causando a morte do ajudante de motorista Manuel Vitória, de 63 anos, casado, residente em Penude. O condutor sofreu ferimentos ligeiros.

Quadrilha desmantelada em Braga

A Polícia Judiciária de Braga deteve seis indivíduos acusados de terem participado no assalto a quatro igrejas, três residências e três estabelecimentos comerciais nas áreas de Guimarães, Fafe, e Póvoa de Lanhoso. Foi ainda preso o receptador de parte do produtos dos furtos, identificado com o apelido de Sousa e residente em Vila Nova de Famalicão. Os assaltantes, todos jovens, foram referenciados pela PJ como Artur, Domingos, Fernando, Abel, João e Francisco. Os investigadores atribuíram ao total dos furtos, entre dinheiro e outros artigos, o valor de quatrocentos contos..

Um esticão para dois corações

Pelo processo de esticão, João Pires, um desempregado de 20 anos, conseguiu na Rua da Graça, em Lisboa, tirar do pescoço de uma transeunte, Maria das Neves, um fio de prata com dois corações no mesmo metal. Mas os gritos da lesada e a acção de alguns populares fizeram com que João Pires fosse detido e levado para o Governo Civil. Nos bolsos foi-lhe encontrada uma «certa quantia» em dinheiro cuja proveniência não soube explicar.

Subchefe ferido em Campolide

Dois cidadãos cabo-verdianos, Horácio Silva, de 24 anos, pedreiro, e António Vaz, de 28, servente, ambos solteiros, foram detidos sob a acusação de terem agredido à facada, em Campolide, o subchefe da PSP Joaquim Teixeira, que teve de ser internado no Hospital de Santa Maria com ferimentos no abdómem. O auto de notícia não referencia as causas da agressão. Em poder dos dois detidos foram encontradas uma navalha, uma pistola e várias munições de calibre 6.35.

Fiscalização em «águas interiores»

As comunicações entre embarcações pesqueiras e a fiscalização da pesca em águas interiores e costeiras serão os temas abordados numa reunião das autoridades marítimas, anunciada para amanhã no Porto. Na reunião presidida pelo director dos Serviços do Fomento Marítimo, almirante Cruz Júnior, participam todos os chefes de departamentos marítimos do país. Da agenda de trabalhos faz ainda parte o reforço da vigilância nas praias em 1983, e questões relacionadas com fiscalização, infracções e poluição.

Espanha devolve proposta de pesca

Populares de Ayamonte impedem entrada de camiões portugueses

FARO, 24 – Os espanhóis não desistem de nos tentarem impor o «seu» acordo de pescas, e ontem rejeitaram a proposta portuguesa. Entre os que mais forçam nesse sentido são os pescadores (e também populares, por aqueles instigados) de Ayamonte.

Como de Espanha não vem «nem bom vento nem bom casamento», passe o adágio, bom será que, depois do desbloqueamento da fronteira de Vila Real de Santo António (que no fundo estava a servir os interesses dos espanhóis), se mantenha no acordo de pescas a defesa dos nossos direitos e não se ceda aos argumentos dos governantes espanhóis.

Ayamonte, do lado de lá de Vila Real de Santo António, para onde se vai de «ferry», foi palco de mais uma atitude de força dos pescadores e populares locais: impediram a passagem de pescado e marisco português. Pretenderam assim os espanhóis, que estão de vigilância à sua alfândega, daquele lado da fronteira, pressionar um acordo de pescas luso-espanhol que sirva a frota que opera a partir dos portos da Andaluzia.

A primeira acção deste tipo de protesto ocorreu ontem com um camião carregado de caranguejos, ido de Portugal. O camião foi devolvido.

A exportação mais afectada com o acontecimento em Ayamonte é a da amêijoa, o que causará graves perturbações aos viveiristas algarvios da ria Formosa, zona de Sapal que vai de Albufeira a Viula Nova de Cacela.

Espanha não aceita contraproposta

Aquilo que já se esperava, aconteceu: a proposta de acordo de pesca entre Portugal e Espanha, apresentada há poucos dias pelas autoridades portuguesas «não é aceitável» pelo governo espanhol – afirmaram à Anop fontes oficiosas.

O Ministério da Agricultura, Alimentação e Pesca já recebeu oficialmente a última proposta portuguesa, que é considerada inaceitável sobretudo no que se refere ao plano de pesca na costa sul e à contrapartida exigida para os pescadores portugueses que pescam nas águas de Cadiz e Huelva.

De acordo com as mesmas fontes, a nova proposta portuguesa reduz algumas exigências anteriores mas «continua a não poder ser aceite pela Espanha e pelos interesses pesqueiros espanhóis».

O secretário de Estado das Pescas, Miguel Oliver, pretende deslocar-se a Lisboa nos próximos dias para conversações directas com as autoridades portuguesas e procurar encontrar uma solução – informaram as fontes consultadas pela ANOP.

Em princípio, as autoridades espanholas não pretendem enviar uma nova proposta por escrito, «por considerarem» que a «guerra de documentos» não dá resultados concretos a curto prazo, como se pretende». No Ministério de Agricultura, Alimentação e Pesca considera-se que uma negociação directa poderia ser a forma mais adequada para chegar a um acordo ou romper as negociações.

Viana do Castelo: não há contrabando de bacalhau

Há ou não contrabando de bacalhau em Viana do Castelo? Enquanto os matutinos do Porto o admitiam ontem, um administrador da empresa de pescas de Viana do Castelo disse à ANOP que «as notícias difundidas em matutinos do Norte não correspondem a verdade».

António Carvalho referia-se ao facto de terem sido apreendidas no Porto de Viana do Castelo 250 toneladas de bacalhau».

Segundo aquele administrador, o navio «Senhora das Candeias», na posse de um boletim de importação com 800 toneladas de bacalhau salgado verde, iniciou a sua descarga no passado dia 14, acompanhada e vigiada pelos serviços de alfândega desta cidade.

No entanto, António Carvalho acrescentaria que «estão neste momento, na vigilância dos serviços da alfândega, dois lotes de bacalhau (cerca de 50 toneladas) por serem considerados mais unidos que os outros».

Aquele administrador afirmou ainda que «foi enviado um telex ao comandante da guarda fiscal da Região Norte repudiando as informações fornecidas à Imprensa sobre este assunto».

Monte Gordo: à espera do subsídio

Os pescadores de Monte Gordo estão à espera do subsídio prometido pelo Governo como compensação perante esta situação de desemprego (desocupação), aguardando que lhe seja pago o mais depressa possível, «até que a situação esteja normalizada e poderem regressar livremente à faina» – defende o PCP.

Há mês e meio sem auferirem rendimentos piscatórios, sem trabalharem por causa da rescisão do Acordo de Pescas Luso-espanhol, eles esperam que o Governo cumpra a promessa na passada segunda-feira reafirmada pelo secretário de Estado, segundo o qual seria pago a cada pescador um subsídio mensal de 13 500 escudos.

Trinta vieram de França

Caçadores atrás de javalis numa batida em Bragança

Os javalis avaliarão a partir de hoje os custos de terem abusado da bondade dos transmontanos do concelho de Bragança: desde manhã cedo que estão a ser batidos (silenciosamente procurados) na área da serra de Montezinho por doze caçadores de França, 21 do concelho e 30 de fora do concelho (mas portugueses).

Os javalis abusaram da «hospitalidade» dos brigantinos, a ponto de se expandirem perigosamente em Montezinho, Babe e Deilão e, pior que isso, de dizimarem, praticamente, as suas áreas de cultivo. Os prejuízos têm aumentado e chegou o momento de lhes dar luta. Aliás, no passado dia 20, só nãoocorreu em Deilão (Albagueira) a primeira batida porque o tempo não o permitiu. Mas esta manhã (a partir das oito horas), começaram a apresentar-se a maioria dos 63 inscritos – afirmaram elementos da venatória de Bragança ao «DL».

Para participarem na batida de hoje, que termina com nova concentração, mas essa no parque-viveiro de trutas de Montezinho, os caçadores residentes desembolsaram 300 escudos, os do concelho 750$00 e os dos concelhos limítrofes dois mil escudos. A área a bater até meio da tarde de hoje estende-se por 400 hectares.

A montaria programada para 20 de Fevereiro, em Albagueira, freguesia de Deilão, não se realizou por motivo do mau tempo, como atrás referimos. «Tratando-se de uma das melhores manchas, a batida passou para o dia 27, decorrendo simultaneamente outra, na área das Rachas, freguesia de Babe, no planalto da Lombada.»

A montaria a realizar nas Rachas compreende uma área de 350 hectares, tendo-se inscrito 15 caçadores da freguesia, 4 do concelho e 30 nacionais. Para a batida de Albagueira, que se estende por cerca de 400 hectares, estão inscritos 21 caçadores da freguesia, 24 do concelho e 58 nacionais. As duas áreas situam-se ao longo da fronteira com a Espanha, numa região entre a fronteira de Portelo e a fronteira de Quintanilha. Matilhas de cerca de duas centenas de cães, dos departamentos de caça das duas cidades fronteiriças (Bragança e Zamora), e cães de caçadores particulares, participarão nestas montarias.

Os caçadores serão acompanhados por João Bogalho, director das batidas, e Roque Pinho, delegado do Conselho Internacional da Caça em Portugal. O regulamento das montarias aos javalis, que permite também o abate de raposas e lobos, estipula os limites dasbatidas. Estas são autorizadas a partir do último domingo de Fevereiro. O regulamento estabelece que «só é permitido atirar com bala, seja com arma de cano estriado, seja com arma de alma lisa».

Predominam pavimentações

Gondomar aplica verbas disponíveis

A Câmara Municipal de Gondomar, arredores do Porto, decidiu adjudicar obras no concelho no valor aproximado de 5,5 milhões de escudos – anunciou um porta-voz do Executivo.

De entre os melhoramentos, destacam-se a pavimentação da Rua das Cavadas, em Rio Tinto, e do Caminho da Praia, Foz do Sousa, e a beneficiação da Escola do Trabalho, em S. Cosme.

O executivo gondomarense aprovou ainda condicionalmente o projecto de construção de um pavilhão desportivo na estrada velha de Chelo.

Também o local para a implantação da futura escola preparatória de Tirana, na freguesia de Rio Tinto, obteve o consenso dos vereadores do município de Gondomar.

Câmara de Olhão inicia trabalhos

Levantamento de Armona para evitar clandestinos

A Câmara Municipal de Olhão iniciou um trabalho de recolha de elementos sobre a situação actual da ilha da Armona, disse ontem um vereador do município algarvio.

O levantamento, que se pretende exaustivo, visa a obtenção de dados reais sobre as habitações e outras construções existentes naquela zona.

Calcula-se em cerca de 15000 o número de casas de veraneio construídas na ilha, na sua maioria fora de preceitos arquitectónicos.

A acção da câmara vem na sequência de um recente decreto-lei que autoriza o Município de Olhão a intervir naqueles terrenos, anteriormente sob o controlo do dompinio público marítimo e que se encontravam sob administração da Direcção-Geral de Portos.

O diploma prevê a concessão, por 30 anos, à Câmara de Olhão, considerando-a como a entidade mais vocacionada para intervir na ilha, de acordo com as condições definidas pelo Governo.

Logo que o levantamento esteja concluído, será inciado um processo de concurso público com vista à elaboração de um projecto de urbanização da ilha.

Nas linhas mestras do estudo, para além de delineação urbanística, a câmara irá recomendar ao autor a inclusão de espaços verdes, campos de jogos e zonas de recreio ao «ar livre».

Encarada, também, como medida prioritária, a electrificação da zona.

Entretanto, para que o desordenamento e a ocupação selvagem não aumentem, enquanto decorrem os estudos, a câmara instalou na ilha um gabinete de fiscalização e vai colocar cartazes avisando o público que as transgressões que se vierem a verificar, nomeadamente a construção clandestina, serão punidas ao abrigo da lei.

Ensino de Português aos filhos dos emigrantes

Por quanto tempo milhares de crianças recordarão um país chamado Portugal?

Os professores de Português na Europa têm denunciado as suas más condições de trabalho e o desprezo a que as autoridades de Portugal votam os filhos dos emigrantes portugueses. Os protestos vêm especialmente dos professores e grupos de emigrantes dod dois países da Europa onde se fixaram as maiores colónias de trabalhadores portugueses: a França e a República Federal da Alemanha. Agora, uma vez mais nos chegaram queixas de lá.

A secção de Bobigny/Drancy da Associação dos Originários de Portugal enviou uma exposição aos «Organismos Oficiais Interessados na Continuação da Língua Portuguesa no Estrangeiro» em que denuncia a falta de planificação do ensino de Português. Assim, na cidade de Bobigny, onde vivem 190 crianças filhas de pais portugueses, apenas existem duas escolas onde se ensina a Língua Portuguesa. Os cursos começaram a meio de Dezembro, precisamente quando estava prestes a terminar o primeiro período escolar francês.

Nas escolas, dão-se aulas também na cantina e nos corredores. Para obviar a esta situação, a Associação dos Originários de Portugal procedeu ao recenseamento das crianças por escola e deligenciou junto dos respectivos directores no sentido de serem concedidas mais salas de aula.

«Diga-se da passagem – frisa a Associação – que as Municipalidades de Bobigny e Drancy têm estado sempre prontas a ajudar-nos, assim fosse do lado das autoridades portuguesas.»

Por tudo isto, há crianças que frequentam as escolas há cinco anos e cuja evolução é «absolutamente nula».

Na cidade de Drancy a situação não é melhor. Há dois anos que pais de alunos, a Associação dos Originários de Portugal, a Municipalidade de Drancy e os directores das escolas, se esforçam junto do consulado português para conseguir mais um professor. Em vão. «Há um impasse lá para os lados da velha barraca consular.»

No departamento de Seine Saint Denis há 15000 crianças portuguesas em idade escolar, distribuídas por 40 cidades. Receberão todas ensino de Português? «De certo que não», prossegue a AOP. «E, muito menos, por este país imenso que é a França.» E a Associação recorda que se calcula que existem em terras de França cerca de 300 mil crianças portuguesas «que ainda se lembram que existe um país que se chama Portugal e cuja língua é a quinta do mundo».

A AOP termina a exposição com algumas sugestões de medidas tendentes a resolver a situação. Das doze sugestões apresentadas salientamos: realização de um recenseamento real das crianças que frequentam as escolas francesas por zonas consulares, criação de cursos de Língua Portuguesa a partir do recenseamento, realizado em colaboração com as municipalidades locais, coincidência do calendário escolar com o do ensino francês; escolha rigorosa dos professores de Português e, quando não houver professores disponíveis em Portugal, recurso aos universitários portugueses a estudar em França; nomeação de um inspector de ensino para cada zona consular para controlar o trabalho dos professores e o aproveitamento dos alunos; aplicação e cumprimento dos acordos sobre emigração assinados pelos dois países e, nesse âmbito, criação de condições, por parte do Governo português, para que a criança, ao deixar o ensino primário, possa frequentar cursos de Língua Portuguesa no estabelecimento onde venha a prosseguir a sua formação; desenvolvimento da alfabetização de adultos e suspensão, por parte do Governo, português, de subsídios a entidades privadas que «sob o pretexto de terem um grupo escolar podem servir-se desses mesmos subsídios para fins que nada têm a ver com o ensino».

Vencimentos em atraso na RFA

Num comunicado proveniente de Düsseldorf, os professores de Português reclamam que não são pagos trimestralmente conforme determina o Despacho 138/81. Os seus vencimentos estão em atraso desde Setembro de 1982. Sublinham que o pagamento está «apenas dependente do envio de uma autorização do secretário de Estado», pelo menos é essa a informação que recebem na Coordenação-Geral do Ensino, que funciona na Embaixada de Portugal em Bona. Superintendem neste domínio, em Portugal, os Serviços de Ensino Básico e Secundário de Português no Estrangeiro, do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Acrescentam os professores neste comunicado de Düsseldorf que «apesar da situação de alguns colegas ser aflitiva, os responsáveis do SEBSPE, dr.ª Maria Teresa Rio Carvalho e dr. Martins Ferreira, em recente viagem à RFA, declararam considerar positiva a sua actividade à frente daqueles serviços».

Os professores concluem que, «cansados de esperar pacientemente que lhes paguem os ordenados, cansados do desinteresse e da negligência dos SEBSPE, sentindo-se prejudicados material e psicologicamente, conscientes de que a instabilidade da sua situação afecta directamente a qualidade de ensino e a aprendizagem dos alunos», estão dispostos a tomar todas as medidas para fazer cumprir aquilo a que têm direito e que está legalmente determinado.

Ministério da Educação nem às emergências consegue responder

«As palavras dos responsáveis do ME já não escondem o vazio de decisão, a descoordenação, a desordem, os conflitos que bloqueiam a acção», afirmam em comunicado quatro sindicatos de professores após mais uma reunião improfícua no Ministério da Educação.

Os sindicatos dos profesores da Grande Lisboa, Zona Sul, Região Centro e do Norte apresentaram ao ministro da Educação um plano de emergência para a Educação, susceptível de ser concretizado por um governo de gestão como o actual. O projecto integra apenas questões cuja resolução se tem vindo a arrastar, e que contribui para o agravamento da situação dos professores e das escolas.

O ministro acolheu o programa de emergência e duas reuniões tiveram já lugar respectivamente nos dias 9 e 22 do mês corrente. Porém, delas «é penoso traçar balanço, tão improfícuas se revelaram», afirmam os sindicatos.

A cada questão, uma vez mais colocada, os sindicatos deparam com a «inalterável incapacidade do ME para levar a cabo as soluções, por mais evidentes e simples que estas fossem».

«Sempre a mesma inércia, sempre a mesma resposta: – vai-se estudar, constitui-se (ou vai constituir-se) um grupo de trabalho, vai promover-se uma reunião (ou duas ou três), tomámos boa nota. Nunca uma decisão, nunca a resposta concreta, precisa, necessária», prosseguem os sindicatos que resumem a acção do ME: «Adiar, adiar sempre, procurando enlear os professores nos apelos à sua dedicação, competência e solidariedade profissional».

No comunicado, os representantes de alguns milhares de professores terminam, garantindo que «os professores não pactuam e não desarmam. Saberão encontrar os meios para pôr fim a esta política».

Professores provisórios

O concurso para professores provisórios para o ano escolar de 1983/84, está já aberto, informou o Ministério da Educação.

Poderão concorrer os professores, já contratados plurianualmente sem profissionalização, em exercício e que, até 30 de Setembro deste ano, terminem o primeiro ano da respectiva contratação.

Os professores nestas condições poderão candidatar-se a lugares abertos para a contratação plurianual com profissionalização em exercício, quer na mesma escola quer em outra.

CONHEÇA OS SEUS DIREITOS

REGIME GERAL DE SEGURANÇA SOCIAL

NOVA FÓRMULA DE CÁLCULO DAS PENSÕES DE VELHICE E INVALIDEZ

O Decreto - regulamentar n.º 9/83, de 7 de Fevereiro veio substituir o critério de cálculo das pensões de velhice e de invalidez do regime geral de segurança social que vigorava desde Janeiro de 1974 por uma nova fórmula que valoriza o montante inicial das pensões.
Sobre a média salarial considerada como base de cálculo das pensões (Decreto 486/73 de 27 de Setembro) passam a incidir as percentagens e limites a seguir indicados:

2,2%	por cada ano de trabalho sobre o qual incidiram contribuições para a Segurança Social	anteriormente 2%
30%	como limite mínimo decorrido o prazo de garantia	mantem-se o valor anterior
80%	como limite máximo que se pode atingir	anteriormente 70%

Exemplificando: Um beneficiário com uma média salarial, para efeitos de cálculo de pensão, de 16.000$00:

ANOS DE DESCONTO	PENSÃO A QUE TEM DIREITO			PELO CRITÉRIO ANTERIOR
20	44%	de	16 000$00	7 040$00	6 400$00
30	66%	de	16 000$00	10 560$00	9 600$00
37	80%	de	16 000$00	12 800$00	11 200$00

A nova fórmula de cálculo permitirá que o valor inicial das pensões estatutárias seja superior, entre 10% e 14%, ao valor obtido pelo anterior sistema.

O novo critério entrará em vigor no dia 1 de Julho do corrente ano e aplica-se a todas as pensões de regime geral requeridas desde essa data.

Para mais informações consulte o Centro Regional de Segurança Social da sua área ou o Centro Nacional de Pensões.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

A greve dos transportes

Governo joga na agudização dos conflitos laborais

— acusa a CGTP

A CGTP acusa o Governo de «jogar irresponsavelmente na agudização dos conflitos laborais, particularmente naqueles que têm maior impacte na população, por estar em causa a satisfação de serviços essenciais».

A central sindical comenta desta forma o inexplicável silêncio do Governo à proposta que os sindicatos lhe entregaram na passada segunda-feira.

Tal proposta, apresentada pela coordenadora sindical do sector dos transportes apontava para que se procedesse a um adiantamento salarial no Metro, Carris e CP, tendo por base os aumentos já acordados na contratação colectiva durante o ano de 1983. «A quantificação numérica deste aumento seria pois achado na média de todos os contratos, já acordados e celebrados, este ano, o que representa cerca de 22,9 por cento globalmente e 21 por cento na tabela salarial, garantindo-se sempre a vigência de 12 meses», precisa a referida comissão para pôr cobro a algumas «interpretações abusivas» feitas por alguns órgãos de Comunicação Social.

Uma vez que os ministros do Trabalho e dos Transportes consideram na ocasião, uma tal proposta «aceitável», tendo até agendado uma reunião para o dia seguinte com os sindicatos, a CGTP coloca ao Governo algumas perguntas pertinentes: «Porquê a recusa de uma reunião por si agendada? Será que o Governo tem outras razões que nada têm a ver com o tecto salarial e que passam pela agudização dos conflitos laborais? Com que fins?»

Depois de considerar a posição do Executivo como «provocatória», a CGTP adianta que face a esta atitude não resta aos trabalhadores «outro recurso senão prosseguir a luta» para a qual o Secretariado da central «lhes reitera o seu total apoio».

Entretanto, mantêm-se as greves convocadas para hoje na Carris, entre as 13 e as 17 horas, e no Metropolitano com início às 13 para terminar à uma e meia da madrugada de amanhã.

Quanto à CP a paralisação de 48 horas iniciada ontem termina às 24 horas de hoje.

UGT protesta

A Comissão de Sindicatos da UGT na Carris acusou «elementos afectos à FESTRU-Inter» da prática de «actos de violência e vandalismo» durante a greve que ontem paralisou o sector dos transportes. Em comunicado, aquela comissão alega que tais actos «foram cometidos contra trabalhadores da Carris que não aderiram à greve».

Depois de afirmar que «os sindicatos democráticos não pactuam com qualquer situação de violência ou agressão que vise obrigar os trabalhadores da Carris a parar à força ou a aderirem a uma greve com que não concordam», o comunicam prossegue dizendo que «alguns dos que hoje (ontem) se estão a destacar nas violências contra os trabalhadores que não querem parar foram dos mais entusiásticos fura-greves na paralisação da passada sexta-feira».

Desconvocada greve na Tinco

Os trabalhadores da fábrica de tintas Tinco desconvocaram as greves de três horas e meia marcadas para ontem sexta-feira - anunciou a comissão de trabalhadores.

O porta-voz da CT afirmou que a greve ficou sem efeito por a administração ter aceite que as diuturnidades sejam pagas em função da antiguidade na empresa e não do tempo de permanência na respectiva categoria, principal ponto de litígio na negociação do caderno reivindicativo.

Acrescentou que depois de alcançado acordo sobre aquele ponto as negociações prosseguem normalmente.

Os trabalhadores da Tinco efectuaram três dias de greves de duas horas na semana passada e paralisaram três horas e meia na passada segunda-feira.

A Tinco é uma empresa que produz e comercializa tintas, com fábrica no Barreiro e estabelecimentos em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro e que emprega 283 trabalhadores.

Greve na Caima e Silvicaima

Os trabalhadores da Caima e Silvicaima paralisam sexta-feira para protestar contra a suspensão de um delegado sindical dos fogueiros – revelou hoje um dirigente sindical.

O porta-voz da Federação dos Sindicatos da Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa recordou que os trabalhadores das empresas estiveram em greve pela aceitação das suas reivindicações no âmbito do acordo de empresa.

Acrescentou que os sindicatos e administração firmaram segunda-feira um acordo que estabelece aumentos salariais de 24 por cento e a actualização do subsídio de alimentação.

A Caima e Silvicaima são empresas de fabrico de celulose com administração comum que empregam no conjunto cerca de 700 trabalhadores.

Impasse nas negociações do CCTV da Imprensa

A reunião de negociações do contrato colectivo de trabalho vertical (CCTV) da Imprensa efectuada terça-feira terminou em impasse – revelou um dirigente sindical.

O porta-voz da Federação dos Sindicatos da Celulose, Papel Gráfica e Imprensa declarou que «a Associação da Imprensa Diária mantêm a posição de não dar aumentos superiores a 17 por cento e recusa-se a consagrar o subsídio de alimentação, tal como ficara estabelecido nas anteriores negociaçhoes».

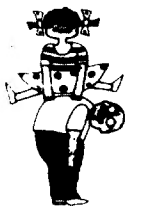
Afirmou que os sindicatos admitiram a possibilidade de tabela diferidas, uma a vigorar nos primeiros seis meses e outra no semestre seguinte, garantindo a reposição do poder de compra dos trabalhadores, proposta que a associação patronal recusou.

O dirigente sindical anunciou que vao ser posta à discussão nas empresas «a posição a adoptar perante a intransigência da associação patronal, nomeadamente a aprovação de formas de luta».

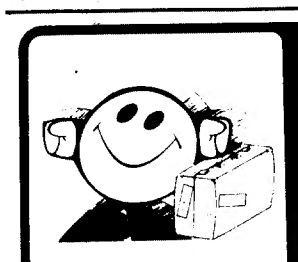
A federação sindical vai também «lançar um abaix-assinado de repúdio pela posição da Associação da Imprensa Diária nas negociações».

Acrescentou que o patronato pretendia encerrar a fase de conciliação, o que não foi aceite pela parte sindical, ficando marcada nova reunião para 4 de Março

PRATIQUE DESPORTO



DEFENDA A SAÚDE



GRANDE CONCURSO DA REGISCONTA
aquela máquina na EUROPA!
7 VIAGENS DUPLAS, COM TUDO PAGO
E MAIS PRÉMIOS! CONSULTE OS JORNAIS
CORREIO DA MANHÃ — O GLOBO
TEMPO — PRIMEIRO DE JANEIRO

AVISO AOS CREDORES

EMPRESA PÚBLICA DO JORNAL «O SÉCULO»

RECLAMAÇÃO DE CRÉDITOS

Nos termos do Art.º 43.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 260/76, de 8 de Abril, e do n.º 2 do Art.º 6.º do Decreto 162/79, de 29 de Dezembro, aviso todos os credores da liquidação daquela Empresa Pública.

Os credores da EPJS (incluindo ex-trabalhadores) deverão reclamar os seus créditos, no prazo de **TRINTA DIAS,** conforme o consignado no Art.º 8.º, n.º 1 do Decreto 162/79, de 29 de Dezembro.

As reclamações de créditos deverão ser dirigidas à Comissão Liquidatária da EPJS para a Rua do Século, 41 a 63, 1200 LISBOA.

O PRESIDENTE
DA COMISSÃO LIQUIDATÁRIA
DA EMPRESA PÚBLICA
DO JORNAL «O SÉCULO»

(Dr. Fernando da Luz Rodrigues da Silva)

CGTP-INTERSINDICAL

4 CONGRESSO CGTP-IN

COLÓQUIO SOBRE PAZ E DESARMAMENTO

PARTICIPAÇÃO DE:

MARECHAL COSTA GOMES
DR. BEJA SANTOS
PADRE LUÍS FRANÇA
ÁLVARO RANA — CGTP-IN
MANUEL LOPES — CGTP-IN
(Moderador)

QUINTA-FEIRA, DIA 24
ÀS 21.15 HORAS

No Centro Social
dos Trabalhadores do Comércio
Rossio, 113 — LISBOA

INICIATIVA NO ÂMBITO DA DINAMIZAÇÃO DO 4.º CONGRESSO DA CGTP-IN (Aberto a todos os Sindicatos)

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO, ESCRITÓRIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE COIMBRA

TRAVESSA DA RUA NOVA, 1-1.º COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL

DIA 28/FEV/83 — 21,30 HORAS

Em cumprimento do Art.º 44.º dos Estatutos, nos termos do Art.º 1.º do Regulamento da Assembleia Geral e para os efeitos da alínea e) do Art.º 43.º dos Estatutos, convoco a ASSEMBLEIA GERAL para reunir em SESSÃO ORDINÁRIA, pelas 21,30 horas do dia 28 de Fevereiro de 1983, na sede do sindicato, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto único: Apreciação e deliberação sobre o Relatória e Contas de 1982 apresentado pela direcção e o Parecer da Assembleia de Delegados.

Esgotada a Ordem de Trabalhos da Sessão Ordinária, a Assembleia Geral continuará reunida, então em Sessão Extraordinária que convoco ao abrigo da alínea b) do ponto 2) do Art.º 44.º dos Estatutos, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1) IV Congresso da CGTP-IN
2) Informações

O President da Mesa da Assembleia Geral

(Carlos Augusto Duarte)

Coimbra, 22 de Fevereiro de 1983

NOTA: O Relatório e Contas/82 e o Parecer da Assembleia de Delegados, enviados a todos os delegados sindicais, estão à disposição dos associados na sede do Sindicato e na delegação da Figueira da Foz.

A decisão é já na próxima semana

Descida generalizada do petróleo ou guerra aberta entre produtores

Os ministros do Petróleo do golfo anunciaram 4.ª-feira em Ryad que tinham chegado a um acordo de princípio para a descida dos preços do bruto e ameaçaram recorrer à guerra dos preços se os outros países da OPEP não estivessem dispostos a segui-los.

A ameaça foi expressa pelo ministro do Petróleo dos Emirados, Maneh Al-Oteiba, que anunciou, também, que os países da OPEP reunirão «dentro de uma semana em Genebra ou Viena para estudarem a descida dos preços».

«Se não for conseguido um acordo, os países do golfo seguirão o seu próprio caminho e procederão a uma baixa ainda mais importante», acrescentou, dirigindo-se aos jornalistas no final das reuniões dos ministros do Petróleo do golfo, 3.ª e 4.ª-feira, em Ryad.

Esta reunião, em Genebra ou em Viena, é a derradeira tentativa dos países produtores para procurarem concertar uma baixa generalizada e controlada do preço das ramas.

Depois da atitude da Nigéria que baixou unilateralmente o preço do seu petróleo, e conhecidas as reservas da Venezuela, do México e da Argélia quanto ao facto de a OPEP, no seu conjunto, acompanhar a política petrolífera nigeriana, os observadores são unânimes em considerar que chegou a hora da verdade nos mercados do petróleo. Os produtores tentam a todo o custo evitar o afundamento – países há, como a Nigéria, a Venezuela e o México a quem esta descida vai abalar profundamente – enquanto os mercados financeiros internacionais entram em período de grande agitação.

Mergulhados em total incerteza sobre a evolução dos preços do «ouro negro», os operadores financeiros davam ontem mostras de actividade febril, tendo o dólar recuperado fortemente nos mercados de câmbios.

Os países da OPEP, estudam uma resposta à descida de preços, mais forte do que a prevista, decidida a semana passada pela Nigéria, decisão essa que fez voar em estilhaços a tabela dos preços oficiais da organização, assente numa tarifa de base de 34 dólares. Recorda-se que aNigéria decidiu diminuir de 5,5 dólares por barril, fixando-o em 30 dólares, o preço do seu bruto de melhor qualidade, o «bonny light».

Cedência do México, Venezuela e Indonésia

Venezuela e México reafirmaram ontem quererem actuar conjuntamente para estabilizar e ordenar o mercado petrolífero mundial, embora pareça inevitável que ambos baixem também o preço das suas ramas para manter a clientela, apesar dos custos da operação.

Numa reunião entre o presidente mexicano, Miguel de la Madrid, e o ministro da Energia da Venezuela, Humberto Calderon Berti, os dois países reiteraram a necessidade de ser processado de forma ordenada qualquer reajuste dos preços.

De la Madrid e Berti, que chegou terça-feira ao México para uma visita de 24 horas, afirmaram que esse reajuste evitaria reduções competitivas que desencadeariam um processo acumulativo de descidas.

O acordo para a descida fora subscrito até ao momento pelos quatro países que participam nas conversações de Ryad: Arábia Saudita, Emiratos Árabes Unidos, Kuwait e Qatar, e também pelo Iraque, cujo ministro, Qassim Taqi Al Oraibi, assistiu ontem à reunião.

Informou-se que a Indonésia, através de um telefonema do seu ministro do Petróleo, Subroto, comunicara que aceitava igualmente o acordo.

Yamani não especificou qual o montante da redução e sublinhou que isso «depende das circunstâncias».

Acrescentou que devem chegar ainda hoje a Ryad os ministros do Petróleo da Venezuela e Líbia, Humberto Calderon e Kamel Hassan Naghur, a fim de participarem nas conversações.

em duas palavras

UM EMPRÉSTIMO DE 7,5 MILHÕES de contos, destinados a financiar o projecto de desenvolvimento rural integrado de Trás-os-Montes e o projecto de poupança e diversificação das fontes de energia, foi autorizado pela Assembleia da República.

O empréstimo vai ser contraído junto do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento e deverá ser subscrito em várias moedas até ao montante de 81 milhões de dólares, ou seja, cerca de sete milhões de contos. A respectiva autorização foi hoje publicada no «Diário da República».

●●●

AS ALTERAÇÕES AO OGE/82 necessárias para aplicação da Lei 40/81 de 31 de Dezembro (Orçamento Geral do Estado para 1982) e o encerramento das contas respectivas, foram hoje publicadas em Suplemento ao «Diário da República» de 31 de Dezembro de 1982.

Inclue também esse suplemento um decreto-lei que estabelece as normas de contratação de um empréstimo interno no montante de 17 milhões de contos.

●●●

UM SEMINÁRIO PARA BANCÁRIOS, visando a preparação e reciclagem de funcionários está a decorrer no Banco Fonsecas e Burnay. Participam na primeira fase, já em andamento, os quadros superiores daquele Banco.

Esta Série de Seminários, subordinada ao tema do Desenvolvimento em gestão global, insere-se num programa de preparação dos quadros do Banco para o futuro, que será desenvolvido nos próximos anos e abrangerá todos os níveis hierárquicos daquela instituição bancária.

Com novos recursos financeiros

Utilização intensiva dos carvões vai arrancar

Um passo importante para a pesquisa, exploração e aproveitamento intensivo dos carvões nacionais acaba de ser dado pelo Governo através de medidas que colocam disponíveis meios financeiros de apoio às prospecções de novas jazidas.

Com efeito, e através de um despacho do ministro da Indústria e Energia hoje publicado, em suplemento ao «Diário da República» de 30 de Dezembro, a EDP (Electricidade de Portugal) passa a pagar à Direcção-Geral de Geologia e Minas um forte adicional pelo carvão comprado à Empresa Carbonífera do Douro e que é normalmente utilizado na central da Tapada do Outeiro.

Trata-se de uma decisão tomada «a título transitório», segundo a Portaria 89/82 do MIEE, e que permitirá reunir fundos que, juntos a outros meios já colocados ou a pôr à disposição da Direcção-Geral de Geologia e Minas, permitem «o lançamento de um programa minimamente coerente para a pesquisa e exploração dos carvões nacionais.»

Segundo as linhas do Plano Energético ultimamente divulgado, visa-se o máximo aproveitamento dos recursos disponíveis no sector. Isto aponta para a imediata utilização das lignites de Rio Maior e a intensificação das prospecções nas áreas da bacia carbonífera do Douro.

Está igualmente em curso uma reformulação do sector empresarial dedicado ao carvão, mais concretamente no que respeita a um novo enquadramento da Empresa Carbonífera do Douro, que sai do universo do IPE e passa para a tutela do Ministério da Indústria, Energia e Exportação através da Ferominas, empresa que ficará a deter o seu capital.

Por outro lado, aproveitando alguns atrasos verificados ao nível do projecto de Moncorvo, envolvegse também a Ferrominas nos problemas de desenvolvimento da exploração dos carvões nacionais.

Para cobrir o défice comercial

A França mergulhou na escalada do endividamento

A França prossegue a sua escalada de endividamento e, segundo fontes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), emitiu obrigações no mercado internacional de capitais no valor de 1640 milhões de dólares, durante o passado mês de Janeiro.

Paralelamente, apesar dos desmentidos do Ministério da Economia e Finanças, persistem rumores sobre um próximo empréstimo de dois mil milhões de dólares, idêntico ao de quatro mil milhões, contraído no Outono passado.

O primeiro-ministro, Pierre Mauroy, negou que as novas dívidas da França – contraidas em 1982 – ascendessem a 25 mil milhões de dólares, tal como anunciaram o ex-presidente Giscard D' Estaing. mas nenhum deles apresentou provas concretas do que disse.

De acordo com fontes da OCDE, os empréstimos contraídos no passado mês de Janeiro pela França foram feitos através de diversas empresas nacionalizadas e com o aval do Tesouro.

As razões dadas pelo Tesouro público gaulês para justificar estas operações coincidem com a tendência favorável do mercado e têm como objectivo evidente cobrir o défice da balança comercial, que no ano passado superou os 13 mil milhões de dólares.

O endividamento real, no final de 1982, tinha-se elevado a 8,8 mil milhões de dólares, segundo declarou, na terça-feira, o ministro francês da Economia e Finanças, Jacques Delors.

Este endividamento corresponde a um mês de exportações, acrescentou o ministro francês.

CGTP INTERSINDICAL

4 1983 CONGRESSO CGTP-IN

NA UNIDADE A FORÇA DOS TRABALHADORES

O MOVIMENTO SINDICAL E O COMBATE AO ANALFABETISMO

DEBATE COM:

DR.ª HELENA CIDADE MOURA
representante do MDP/CDE no CNAEBA

DR. JORGE LEMOS
Deputado do PCP

DR. LUCAS ESTÊVÃO
representante do PS no CNAEBA

MANUEL LOPES
do Secretariado Nacional da CGTP/IN

RAUL VILAR
representante das Colectividades de Cultura e Recreio no CNAEBA

DR.ª TERESA ST.ª CLARA GOMES
representante da UEDS no CNAEBA

VASCO GRAÇA
representante do Movimento Sindical no CNAEBA

SEXTA-FEIRA, DIA 25, ÀS 21.00 H

CENTRO SOCIAL DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO
ROSSIO, 113 — LISBOA

Iniciativa no âmbito da dinamização do 4.º Congresso da CGTP-IN, aberto a todos os Sindicatos

PROGRAMA

MANHÃ DESPORTIVA

— VOLEIBOL
— XADREZ
— CHINQUILHO
— LANÇAMENTO DE PESO
— ATLETISMO INFANTIL
— ETC.

TARDE CULTURAL

— LUÍS CÍLIA
— FRANCISCO FANHAIS
— PALHAÇOS «OS EMILIANOS»
— BANDA ALVORADA
— HORIZONTE NOVO
— ILUSIONISTA JOYEF

TRAGA O FATO DE TREINO E O SEU FARNEL
A CÂMARA ASSEGURA O TRANSPORTE
COMPARECE ÀS 9.30 H. EM FRENTE À CÂMARA

Conversações do Sal

Manobras de Pretória fazem fracassar esta sessão

A atitude assumida por Pretória no encontro que ontem pelas 15 horas assinalou na ilha do Sal (Cabo Verde) a retomada de negociações entre Angola e a África do Sul parece ter feito gorar todas as expectativas de progressos nesta fase. Na verdade, o baixo nível da delegação sul-africana levou dois membros do governo angolano, que faziam parte da delegação do seu país, a não comparecer nas negociações. A delegação angolana compõe-se do ministro do Interior, Alexandre Rodrigues, do vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Venâncio de Moura, e do vice-ministro da Defesa, chefe do EMG das FAPLA e comandante da Força Aérea Popular de Angola, N'Dalu França, além do embaixador angolano em Lisboa, Van Dunnen. Só Venâncio Fernandes se avistou com o director-geral do MNE sul-africano, Han Van Dalsen e com Brandt Fourie. A baixa representatividade da delegação sul-africana impediu ainda os encontros previstos entre os enviados de Pretória e o primeiro-ministro cabo-verdiano, Pedro Pires, o qual desistiu da sua projectada deslocação à ilha do Sal. Nada se sabe sobre um programado (ou, pelo menos, pensado) encontro entre o presidente Aristides Pereira e o seu ministro dos NE, Silvino da Luz, com os sul-africanos. É no entanto, de supor que essa reunião se terá gorado. O representante do governo de Cabo Verde junto de ambas as delegações é o ministro cabo-verdiano do Interior, Júlio de Carvalho, que, segundo a ANOP, tem sido um dos elementos mais activos na realização dos encontros angolano – sul-africanos.

Informações que circulavam ontem à tarde no Sal e que foram transmitidas pela ANOP davam conta que as conversações prosseguiriam até ao próximo domingo, depois de a África do Sul eventualmente elevar o nível da sua representação. Outras informações posteriores, igualmente citadas pela ANOP, precisam que os trabalhos foram interrompidos e que as duas delegações partem hoje do Sal para os seus respectivos países a fim de procederem a consultas com os seus governos. A ANOP, a partir do Maputo, parece dar uma explicação clara para este imbróglio: a África do Sul pretendeu com este falso encontro «testar» a boa vontade dos angolanos, enviando uma delegação meramente técnica, que ali foi apenas para se informar **acerca de certas coisas** que Angola poderá confirmar ou desmentir. Se Angola as confirmar, então não haverá quaisquer possibilidades de uma retomada do diálogo nem a curto nem a médio prazo. Se Angola provar que **essas coisas** são falsas, então ainda antes do fim-de-semana os sul-africanos enviarão os ministros combinados para o Sal e as negociações serão desbloqueadas. Um dos enviados de Pretória, em tal circunstância, poderia ser o próprio ministro Botha.

Neste momento sabe-se porém que está arredada qualquer hipótese de o recomeço das conversações antes da próxima semana, o que, aliás já foi afirmado oficialmente por Pretória.

Segundo Alexandre Rodrigues (v. entrevista com a ANOP publicada na íntegra na nossa página 14 desta edição), Angola não foi ao Sal mendigar a paz nem discutir qualquer acordo de cessar-fogo com a África do Sul. Angola foi ali apenas para negociar a reposição da legalidade dentro do seu território, de modo a poder implementar-se a resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU (isto é, a resolução que traça a modalidade e o calendário da independência da Namíbia).

Esta questão sobre **certas coisas** que a África do Sul tem a perguntar a Angola já se arrasta desde a semana passada (ao menos publicamente noticiada) e parece ter estado na base do adiamento da retomada das negociações, verificado nos finais de Janeiro passado.

De momento, não será lícito entrar em especulações sobre esta atitude da África do Sul, muito semelhante às que Israel adopta nos seus processos negociais. Não podemos, porém, dissociá-la de duas coisas essenciais: de uma certa solução «à maneira do Estado do Líbano livre de Saad Haddad» (sobre a qual têm corrido certos rumores) nem de outra coisa, muito mais importante, isto é, do rearmamento gigantesco da África do Sul.

Notícias recentes publicadas pela revista inglesa «África Now» provam que Pretória está a preparar-se febrilmente para uma guerra convencional em larga escala. A isto há que somar as já divulgadas informações sobre a instalação que os EUA projectam fazer na África do Sul dos «afromísseis» de Cruzeiro e sobre as armas químicas e biológicas de que Pretória dispõe.

Daqui até Março – data marcada para a «cimeira» de solidariedade com os Estados da Linha da Frente, em Lisboa – vai verificar-se umaautêntica corrida contra o tempo, na qual deveremos incluir a realização do encontro de cúpula dos Não-Alinhados em Nova Deli. Daí que certas forças comecem a gesticular freneticamente contra a cimeira de Lisboa, pois, neste momento, quase decerto os EUA não querem que nenhum factor de perturbação venha incomodar os seus planos de «médio-orientalização» da África Austral. Segundo certos círculos, a Internacional Socialista (onde a França tem um peso decisivo, que, neste caso, adquire importância crucial, dados os anseios **mitterrandistas** de fazer regressar o seu país à categoria de potência mundial, partindo de uma posição heliocêntrica em África...) poderá capitular perante os EUA. Recordemos ainda que para o mês de Junho está marcada na capital tanzaniana a «solidariedade» da IS com a Linha da Frente...

AN

Desmentido acerca do CNA

O presidente do conselho Nacional Africano, da África do Sul, Oliver Tambo, seguiu de Luanda para Harabe no avião do presidente José Eduardo dos Santos – esclareceu hoje a agência ANGOP, citada pela ANOP.

O esclarecimento desmente um indicação, que a ANOP recolhera terça-feira de fontes diplomáticas, segundo as quais a delegação angolana à recente cimeira da Linha da Frente, em Harare, teria tentado evitar a participação de Oliver Tambo.

Só por si, o facto de Tambo ter viajado no avião presidencial angolano anula as especulações de tal assunto – disseram hoje à ANOP da sede da agência ANGOP em Luanda.

Governo de Ma o primeiro gru

— 18 bancos e

MADRID (do correspondente do «DL», Fernando Jauregui) – A decisão do Conselho de Ministros de ontem de expropriar 18 bancos e «outras sociedades» do grupo Rumasa, o «holding» económico mais importante da Espanha, com 60 000 trabalhadores e 350 000 milhões de pesetas de facturação no ano passado é, sem dúvida, a mais transcendental de todas as adoptadas no campo económico neste país nos últimos 25 anos.

Por um acordo sem precedentes, adoptado de surpresa e anunciado à meia-noite pelo porta-voz governamental, o jornalista Eduardo Sotillos, o gabinete socialista de Felipe Gonzalez decidiu a expropriação do Rumasa, o maior império económico espanhol, mas de quem se vinha dizendo que tinha «os pés de barro». Um total de 18 bancos – entre eles o Atlântico, um dos dez mais importantes do país – e 400 empresas entre as quais se incluem grandes armazéns, cadeias de hotéis, seguradoras e muitas outras, sempre sob o símbolo, já célebre em Espanha de uma colmeia no interior de um hexágono. Um símbolo presente nos mais célebres edifícios de Madrid comos as «torres de Colon» rebaptizadas mais tarde como «torres de Jerez» por José Maria Ruiz-Mateos, o proprietário do «holding», em memória do lugar do seu nascimento.

Sem ter ainda completado cinquenta anos, José Maria Ruiz-Mateos, conotado com a «Opus Dei», tinha-se convertido num dos empresários mais atípicos de Espanha, num dos mais temidos e misteriosos capitães de empresas de todo o país. Quando as outras estavam em crise, ele comprava. Comprava sempre, empresas de todos os géneros, na sua maioria de serviços e não propriamente industriais. Comprava na baixa, e imediatamente as suas compras eram revalorizadas. Chegou a criar uma das divisões de compras mais importantes do país... mas os rumores da crise sempre o perseguiram: vários governos, desde os tempos de Adolfo Suarez, anunciaram auditorias a um «holding» que começava a ser um estado dentro do Estado e do qual existiam mais que suspeitas de irregularidades no pagamento de impostos, saída de divisas, transferências de capitais e no pagamento à segurança social.

Mas, quem se atrevia a falar do tema? Quem se atreveria, e com isto sempre jogou o astuto Ruiz-Mateos, a pôr em perigo os 60 000 postos de trabalho, dos quais, indirectamente, dependem, pelo menos, outros quinze mil?

O governo de Felipe Gonzalez atreveu-se, numa decisão fulminante da qual, segundo afirma a Imprensa madrilena esta manhã, Ruiz-Mateos só tomou conhecimento quando a imagem de Sotillos apareceu no último «telediário» para ler um comunicado que anunciava a primeira expropriação importante decidida por um executivo espanhol em mais de vinte e cinco anos. Esta manhã, reinava a confusão à entrada dos bancos Rumasa e

Colocar em submarinos os novos euromísseis

— volta a defender Egon Bahr

O dirigente da oposição social-demo-crata alemã federal, o perito em desarmamento Egon Bahr, propôs a instalação dos novos euromísseis aliados a bordo de submarinos, para erradicar o perigo de uma guerra nuclear limitada à Europa.

A sugestão é publicada no semanário alemão federal social-democrata «Vorwaerts», na sua última edição.

Bahr é uma das figuras mais influentes do SPD e, juntamente com Herbert Wehner e Willy Brandt, foi responsável pela chamada «Ostpolitik», de abertura de Bona aos países do Leste Europeu.

A instalação dos euromísseis – 572 «Cruise» e «Pershing II» – em submarinos seria, segundo Bahr, mais «digerível» pela opinião pública, e, ao mesmo tempo, aumentaria a capacidade de dissuasão das novas armas, dado que se tornariam menos vulneráveis, enquanto alvos dos sistemas soviéticos de mísseis.

A instalação dos euromísseis em submarinos foi uma das alternativas que se estudaram na altura do debate de 1979 na NATO sobre a adopção da chamada «dupla decisão», mas foi posta de lado.

Para Bahr, a sua colocação em submarinos contribuiria para «dissipar a loucura» de quantos crêm possível ganhar uma guerra nuclear limitada na Europa.

Apesar da sua capacidade de alcance de território soviético, tal como os mísseis balísticos intercontinentais, os «Cruise» e «Pershing II» não são considerados como armas estratégicas e não estão incluídos no tratado sobre Limitação de Armas Estratégicas. (SALT).

Essa distinção deixaria, no entanto, de ter razão de ser, se os euromísseis fossem instalados em submarinos, passando a haver uma maior vinculação entre a defesa da Europa Ocidental e a defesa dos Estados Unidos.

Entretanto, em círculos políticos de Bona diz-se ultimamente que a NATO ampliou o alcance da chamada «Opção zero» norte-americana,

Segundo esses círculos, a União Soviética não só deverá destruir todos os seus mísseis de alcance médio, se quiser que a NATO não instale os euromísseis, mas terá ainda que aceitar condições relacionadas com a segurança dos dois blocos militares.

Espanha vai re

No segundo aniversário da tentativa golpista de 23 de Fevereiro, o governo de Madrid anunciou uma importante redução dos efectivos militares espanhóis.

Segundo a edição de hoje do «Diário de Notícias», a redução de efectivos das Forças Armadas espanholas espanholas, que se insere no programa de importantes reformas de âmbito militar, será hoje anunciada detalhadamente pelo ministro da Defesa, Narciso Serra. Ainda segundo aquele matutino a redução de efectivos será de 160 mil (de 250 para 90 mil).

Entretanto, decorreu ontem o segundo aniversário da intentona golpista de 23 de Fevereiro por entre afirmações de disciplina e respeito pela constituição.

Numa alocução dirigida às forças páraquedistas por ocasião do seu vigésimo quarto aniversário, ontem celebrado, o ministro da Defesa salientou que o seu governo pretende conseguir umas Forças Armadas «fortes, disciplinadas e unidas» para cumprirem as suas missões constitucionais. Respondendo às afirmações do ministro, o chefe da brigada pára-quedista, general Juan Castellanos, afirmou, por seu lado, que as «Forças Armadas têm como missão garantir a soberania e a independência da pátria, defender a unidade e integridade territorial e o ordenamento constitucional».

Não servimos para governar

«Nós, os militares, não servimos para governar», afirmou numa entrevista ontem publicada pelo «Diário 16», o tenente-coronel Gabeiras Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exercito à data do frustado golpe de 23 de Fevereiro de 1981.

Aquele oficial general actualmente na situação de reserva, referindo-se aos acontecimentos, de há dois anos, salientou que sempre teve a sensação de ter a situação nas mãos. Sobre a actual situação, aquele militar cuja actuação foi determinante na

EXCURSÕES abreu

férias da páscoa

- Preços excepcionais, a vantagem dos voos especiais!
- A garantia de serviços com a tradicional qualidade abreu!

EM AVIÃO A JACTO

AÇORES 26 MAR e 2 ABR
AÇORES e MADEIRA 24 e 31 MAR
AMSTERDAM 29 MAR
ATENAS 27 e 31 MAR
ATENAS c/ Cruzeiro 31 MAR
ATENAS, ISTAMBUL e ROMA 24 MAR
ATENAS e ROMA 29 MAR
EGIPTO 27 MAR
FUNCHAL 25, 26, 27 e 29 MAR 2 e 3 ABR
HUNGRIA, POLÓNIA e CHECOSLOVÁQUIA – 29 MAR
LONDRES – 27 e 31 MAR 3 ABR
LONDRES e ESCÓCIA – 27 MAR e 3 ABR
MARROCOS – 26 MAR e 2 ABR
MOSCOVO e LENINEGRADO – 29 MAR
PARIS – 25 MAR e 1 ABR
ROMA – 26 MAR
VIENA, BUDAPESTE e PARIS – 24 MAR

GRANDES VIAGENS

ÁFRICA MARAVILHOSA – 30 MAR
ÍNDIA, NEPAL e TAILÂNDIA – 21 MAR
JOANESBURGO 27 MAR
SONHO DO JAPÃO 21 MAR
TAILÂNDIA 17 MAR

AVIÃO + AUTOPULLMAN

ALEMANHA ROMÂNTICA 26 MAR
BENELUX, PARIS e VALE DO RENO 28 MAR
CIRCUITO DA COSTA ADRIÁTICA 25 MAR
FIORDS DA NORUEGA 25 MAR
GRANDE CIRCUITO ITALIANO – 26 MAR, 1 ABR
TERRA SANTA – 30 MAR
TRIÂNGULO TURISTICO ESCANDINAVO – 27 MAR

AUTOPULLMAN DE LUXO

ESPANHA, ANDORRA e LOURDES – 24 MAR
ITÁLIA (ROMA e ASSIS) – 19 MAR
MARROCOS IMPERIAL – 24 MAR

CRUZEIRO DA PÁSCOA
no Paquete «Funchal»
GIBRALTAR, TÂNGER e CASABLANCA 28 MAR

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840

1200 LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Tel. 371341
1700 LISBOA: Av. de Roma, 66-B • Tel. 805096
4000 PORTO: Av. Aliados, 207 • Tel. 317921
4100 PORTO: R. Eug. Castro, 256 • Tel. 61151
3000 COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Tel. 27011
4700 BRAGA: Av. Central, 171 • Tel. 71623
8000 FARO: Av. República, 124 • Tel. 25035
2500 PORTIMÃO: R. Inf. D. Henr., 83 • Tel. 27151
2800 ALMADA: R. de Olivença, 9-C • Tel. 2755756
9000 FUNCHAL: Rua do Gorguilho, 1 • Tel. 31077

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE, AO SEU SERVIÇO

Em Inglaterra

Roubados 177 quilos de cianeto

De uma fábrica de produtos químicos de Bilston, em Inglaterra, foram roubados 177kg de cianeto, quantidade suficiente para matar mais de meio milhão de pessoas – revelou uma fonte local.

O cianeto roubado encontrava-se guardado em tabletes com a grossura de uma simples caixa de fósforos. Bastam 0,25 gramas de cianeto para provocar a morte de uma pessoa.

O roubo verificou-se no passado fim-de-semana, mas a Polícia só ontem o divulgou. Além do cianeto, os assaltantes levaram também 10 sacos de 25kg de soda e 8 sacos de 50kg de um outro produto tóxico.

"Piratas do ar" renderam-se

Os piratas do ar que tinham desviado, no domingo à tarde, um «Boeing 727» das «Libyan Arilines» para o aeroporto de Luc-A-La Valetta, Malta, cederam finalmente às exigências das autoridades maltesas e renderam-se ontem à tarde, depois de terem libertado todos os reféns. Para surpresa geral, os 154 passageiros, entre os quais doze mulheres e dez crianças, não pareciam ter sofrido demasiado nestas 65 horas passadas na car-

adrid decide expropriar po empresarial do país

400 empresas são abrangidas

nas empresas mais conhecidas do grupo, como os «Armazens Preciados» e «sears». O congelamento dos títulos da bolsa do «holding», assim como o encerramento das entidades bancárias na próxima segunda-feira, evitarão manobras especulativas.

Sete grandes contra Rumasa

Ao meio dia de hoje o titular da pasta da Economia, Miguel Boyer, deu uma conferência de imprensa, na qual explicou as razões da decisão que se destina a «assegurar os postos de trabalho». A história desta decisão é breve: na passada sexta-feira, Boyer anunciava a um grupo de jornalistas que se Rumasa não concluissse a auditoria iniciada com a empresa de Arthur Andersen, então teria que enviar auditores do banco de Espanha. Esta declaração provocou uma tormenta, e uma mão cheia de especulações. José Maria Ruiz-Mateos, contra-atacava um dia depois com uma conferência de Imprensa, na qual responsabilizava o governo de tudo que pudesse ocorrer, comprometia-se a criar 60.000 novos postos de trabalho, e assegurava que a saúde económica das suas empresas era excelente. Paralelamente os contabilistas dos bancos Rumasa começam a retirada dos depósitos: mais de dois mil milhões de pesetas são retiradas num só dia. Por fim, ontem, no conselho de ministros, iniciava-se a discussão sobre o que se iria fazer com a Rumasa, não sem que antes se desse um encontro Boyer-Ruiz Mateos, no qual se propôs a redacção de um comunicado conjunto, o que não se realizou por falta de acordo sobre um simples detalhe, se bem que ambas as partes concluissem que a auditoria devia realizar-se até ao fim. Os boatos asseguravam, entretanto, que a discussão no conselho de ministros não se realizou sem algumas tensões e discussões entre o vice-presidente, Alfonso Guerra e o titular da Economia, Boyer, protagonistas de algumas divergências no seio do conselho. Mas, nesta ocasião, parece ter havido consenso, em torno do passo a dar. Finalmente anunciava-se a expropriação à meia-noite e prometem-se para hoje explicações mais completas.

Nos meios económicos especula-se que a eterna guerra entre os «sete grandes» da banca (Banesto, Banco Central, Banco de Santander, Banco da Biscaia, Banco Hispano-Americano, Banco Popular, Banco de Bilbau) contra Rumasa teve muito a ver com a decisão governamental. Todos esperam para hoje uma declaração oficial dos «sete grandes» tranquilizando o país e aprovando a medida de expropriação. Mas o certo é que, até agora, o único poder «fáctico» económico consultado, o presidente da Patronal, Carlos Ferrer y Salat, qualificou a medida de «preocupante e grave» e que os representantes do grupo parlamentar da oposição, o grupo popular (AP), também não foram comedidos nas suas afirmações.

Golpe contra o 23-F

Negar, neste momento, que o clima é de extrema preocupação pela saúde económica do país, seria absurdo. E alguns órgãos de informação, como o ultradireitista «El Alcazar» (e, em menor medida o «ABC»; que passou a ser dirigido por Luís Maria Anson) não esquecem, e destacam, que, para eles, este «golpe económico» é realizado quando já vencia o 23 de Fevereiro... triste efeméride, de certo, de outra tentativa golpista bem distinta. Mas o certo parece ser, na falta de explicações governamentais mais completas, que a medida do Governo, é como salienta o influente jornal «El País», desta manhã, «uma decisão discutível, mas corajosa». «Tão corajosa que, se, não a conseguir explicar, o gabinete de Gonzalez terá lançado a semente do descrédito e da desconfiança empresarial maior que se recorda na recente, e não tão recente, história económica deste país».

E, se fosse pouco, hoje afirma-se, não com menos surpresa, que o acordo de amizade bilateral entre Espanha e os Estados Unidos, no qual se deixa à margem o tema da integração espanhola na NATO (ainda que se subentenda que a Espanha se mantém na Aliança) admite a presença das bases norte-americanas se bem colocadas sob comando espanhol. De tudo isto, ressalta a opinião, por entre decisões internas e externas, que o gabinete de Felipe Gonzalez está decidido a que os seus primeiros, cem dias de governo, que se concluem em meados de Março, sejam notáveis e recordados.

luzir Forças Armadas

contenção dos intentos golpistas, afirmou que «as forças armadas mudaram muito pouco nestes dois anos», mas que se mantêm fiéis ao sistema constitucional: «o Exército está no seu ar às ordens do governo legitimamente constituído», sublinhou Gabeiras Monteiro.

Por sua vez, o tenente-general Saenz de Santamaria, capitão-general da Região Militar de Catalunha, e em 23 de Fevereiro de 1981, inspector-geral da Polícia Nacional, afirmou em entrevista ao jornal «Pueblo», ontem publicado, que o 23-F deve ser «esquecido, desmistificado uma vez por todas».

«O desejável – afirmou aquele militar – é que se acentue mais a união entre o povo e as Forças Armadas e que não se identifique mais o 23 de Fevereiro com as Forças Armadas».

Entretanto, uma fonte oficial confirmou que, por motivos de segurança, as forças policiais e militares tinham ontem sido postas em estado de alerta, contra qualquer provocação.

Os jornais madrilenos, à excepção do ultradireitista «El Alcazar» conhecido pelo seu aplauso para com os protagonistas do 23-F inserem, nas suas edições de ontem, editoriais sobre o segundo aniversário da mais séria tentativa de derrube do regime constitucional democrático em Espanha.

De uma maneira geral, a Imprensa afasta a possibilidade de uma nova tentativa golpista. O «Diário 16» comenta, a este propósito que «as eleições do 28 de Outubro bastaram para demonstrar que o golpismo não conta com nenhum apoio popular, que todo o país ama a liberdade e que com um governo estável, qualquer que seja a sua ideologia e a sua cor política, o receio de acções anticonstitucionais quase desapareceu do espírito dos espanhóis». Por seu lado, o conservador «ABC» apela à vigilância pois os sentimentos golpistas podem estar adormecidos ou aplacados, mas não necessariamente eliminados.

Sete implicados já libertados

Numa atmosfera de indiferença quase geral, segundo salienta o correspondente da agência AFP em Madrid, foram libertados na madrugada de ontem seis oficiais e um civil condenados a 24 meses de prisão, pela sua participação, na tentativa de sublevação.

Cinco dos detidos, que se encontravam aprisionados no presídio militar de Alcala de Henares, próximo de Madrid, sairam desse estabelecimento prisional por uma porta secundária. À sua espera estavam dois automóveis que se afastaram rapidamente por uma estrada secundária. Cinquenta jornalistas e uma dezena de jovens neofascistas que se encontravam junto ao portão principal do presídio, viram, assim, iludida a sua espera.

A única manifestação de apoio aos golpistas, registou-se junto a uma clínica de Madrid, onde se encontrava detido, devido a doença cardíaca, Juan Garcia Carres.

Contra a vontade do Congresso

Governo Reagan vai aumentar ajuda militar a El Salvador

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, afirmou que o governo de Washington está decidido a aumentar a sua ajuda militar a El Salvador, apesar da opsição do Congresso dos Estados Unidos.

Weinberger disse que a Administração Reagan propôs a atribuição a El Salvador de 60 milhões de dólares de ajuda militar extraordinária em 1983, porque as Forças Armadas salvadorenhas necessitam «urgentemente» de ser auxiliadas.

Pretende também aumentar para 75 o número de «conselheiros» militares norte-americanos destacados junto do Exército salvadorenho e para 20 o pessoal da missão militar permanente dos Estados Unidos em San Salvador.

Mojitos congressistas norte-americanos opêm-se à política seguida pelo governo e pelo Pentágono em relação a El Salvador.

Vários membros da Câmara dos Representantes pediram que, dada a situação de «empate» a que, segundo eles, teria chegado a luta armada entre a guerrilha e o exército em El Salvador, o governo de Washington promova um processo de reconciliação e de negociações entre as partes em confronto, para uma solução política do conflito.

O governo norte-americano continua a rejeitar o princípio das negociações com a guerrilha da Frente Farabundo Marti.

Na proposta de orçamento para 1984 incluiu importantes verbas de ajuda ao governo salvadorenho: 86,3 milhões de dólares de ajuda militar, 120 milhões de ajuda económica de segurança e 38 milhões de ajuda para o desenvolvimento.

Guerrilha ocupa outra povoação

A guerrilha salvadorenha ocupou ontem a povoação de Tejutla, 61 quilómetros a norte de San Salvador, onde se registavam fortes confrontos desde o dia anterior.

Informações de pessoas precedentes da zona referem que a Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional (FMLN) aprisionou nove guardas nacionais.

Tejutla, de 12 mil habitantes, foi ocupada por 250 efectivos guerrilheiros, depois da guarnição militar ali estacionada se ter retirado.

Chile

Comunistas e socialistas apelam à unidade do povo

Dois dirigentes dos partidos comunista e socialista chilenos (proibidos) lançaram ontem um apelo a favor da «unidade do povo» e do estabelecimento da democracia.

O antigo ministro comunista Pascual Barraza e o antigo presidente do município de Santiago, o socialista Julio Stuardo, pediram «o termo das leis repressivas e o regresso a um Estado de direito, que são as reivindicações essenciais de uma imensa maioria» de chilenos.

Evocando os efeitos da crise económica no Chile, os dois dirigentes sublinharam a paralisia da indústria e da agricultura, a amplitude do desemprego – que atinge «um em cada três chilenos» – e a importância da dívida externa, que ultrapassa os 17 mil milhões de dólares.

Os dois homens fizeram estas declarações durante uma conferência de Imprensa organizada para evocar o assassínio, a 25 de Fevereiro do ano passado, do dirigente sindical Tucapel Jimenez. Este, que era presidente da Associação Nacional dos Empregados do Fisco, foi assassinado alguns dias depois de ter lançado um apelo à unidade dos trabalhadores contra a política económica liberal do regime militar.

Negócios nucleares com a Grã-Bretanha

O governo chileno desmentiu informações de que estaria a negociar com a Grã-Bretanha a compra de um reactor nuclear que lhe permitiria o fabrico de bombas atómicas antes do fim dos anos 80.

O director da comissão chilena da energia nuclear qualificou de «novela de ficção científica» a notícia publicada pelo semanário trabalhista «New Statesman», de Londres.

O jornal britânico afirmava que, com a compra de um reactor tipo «Magnox», de 300 megavátios, o Chile ficaria em condições de «fabricar dezenas de bombas atómicas até ao fim desta década».

O Chile tem um contrato de cooperação com a Grã-Bretanha em matéria de energia nuclear.

Peru: banho de sangue em Ayacucho

A Imprensa peruana referia ontem que a luta contra a organização maoísta Sendero Luminoso é promovida pelos familiares das pessoas assassinadas por esta organização e não pelos camponeses.

Um deputado do partido APRA pelo departamento de Ayacucho disse que os senderistas conseguiram a dado momento o apoio de algumas comunidades, ou por convicção ou por medo, mas actualmente perderam-no.

O banho de sangue continua, entretanto, em Ayacucho, de onde chegam notícias diárias de confrontos e mortos.

Em Manchire, província de Vítor Fajardo, a guerrilha assassinou um casal, e na localidade de Totos, província de Gangallo, matou a tiro uma mulher, acusando-a de traidora.

Em Huancasancos, localidade onde desde há dias se confrontam polícias e senderistas, morreram cinco militante do Sendero e dois camponeses dos que lutam ao lado da Guarda Civil.

Em Ghaccha, elementos do Sendero Luminoso exigiram alimentos à população camponesa, mas não conseguiram o seu objectivo, o que originou um confronto que terminou com quatro senderistas mortos e a fuga dos restantes.

Begin recusou garantias de segurança dos EUA

O primeiro-ministro israelita, Menahem Begin, afastou ontem vigorosa e frontalmente a ideia de garantias americanas de segurança na fronteira norte de Israel, sugerida na véspera pelo presidente Ronald Reagan.

Usando da palavra em Jerusalém, durante a cerimónia de encerramento do terceiro congresso mundial dos antigos combatentes judeus, Begin afirmou, utilizando a linguagem sionista ultradireitista dos seus «bons tempos»: «não queremos pseudogarantias: o que exigimos é um acordo de segurança em boa e devida forma com o Líbano».

Anteriormente, Begin havia reagido indirectamente às resoluções do décimo sexto Conselho Nacional Palestino de Argel, sublinhando que «estas não modificaram quatro artigos da carta palestina que proclamam pura e simplesmente o desmantelamento do Estado de Israel». «Devemos tirar as lições do passado, prosseguiu o primeiro-ministro. Quando um homem vos diz que deseja a vossa destruição, é preciso acreditar nele».

Depois de explicitar longamente os «laços históricos» do povo judeu com «Eretz Israel» (literalmente o Israel das fronteiras bíblicas, compreendendo nomeadamente a Cisjordânia e Gaza), Begin pronunciou-se contra a criação de um Estado palestino e a favor da aplicação do projecto de autonomia dos palestinos «de acordo com a segunda versão dos acordos de Camp David».

O primeiro-ministro israelita reafirmou também que o programa de implantações israelitas nos territórios ocupados prosseguirá, «nada podendo impedir os judeus de se instalarem no lugar onde apareceram».

m Malta

ga do «Boeing», praticamente m víveres e muito pouca água ável.

Os autores do desvio foram inimente dois oficiais do Exército o, armados de pistolas e gradas.

Detido outro soviético

Um funcionário soviético, Viktor Koniaev, de 38 anos, vice-director comercial da sociedade Nafta-Itália foi preso em Roma por espionagem, anunciaram hoje os carabineiros.

Segundo os carabineiros a prisão de Viktor Koniaev está ligada à de Viktor Pronine, vice-director comercial da Aeroflot em Roma, detido em 14 deste mês, também por espionagem.

FEIRAS E EXPOSIÇÕES 1983

VIAGENS COM ALOJAMENTO GARANTIDO

BARCELONA
CONSTRUMAT Feira Int de Materiais de Construção ..... 1 a 4/MAR
GRAPHISPACK Feira Int de Embalagem e Artes Gráficas para Rotulagem 15 a 19/MAR
Salão do Pronto-a-Vestir Feminino 19 a 23/MAR

PARIS
Salão Int da Agricultura e da Máquina Agrícola 5 a 9 MAR
Festival Int do Som e da Imagem Video
Salão Int Audiovisual e Comunicação
Salão Int Artigos para o Lar 9 a 13 MAR
PREMIÈRE VISION - Salão Int de Tecidos para Vestuário ..... 19 a 23 MAR
Salão Int das Indústrias da Pele
Salão Int da Marroquinaria 26 a 30 MAR
TPG - Salão Int do Papel da Impressão e das Artes Gráficas 27 a 26 ABR

COLÓNIA
Feira Int de Ferragens Ferramentas Bonequilharia e do Faça você mesmo 8 a 17 MAR

MILAO
MICAM MODACALZATURA Salão Internacional do Calçado 10 a 14 MAR
MIPEL Salão Int de Marroquinaria 21 a 27 MAR
Feira Internacional de Amostras 13 a 17 ABR / 17 a 21 ABR / 21 a 24 ABR

MUNIQUE
BAUMA - Feira Int de Máquinas e Materiais para a Construção Civil 7 a 11 ABR / 11 a 15 ABR

COPENHAGUE
TEMA'83 - Feira Internacional de Alimentação e Embalagem ... 9 a 13/ABR

BERLIM
INTERCHIC - Salão Int do Pronto-a-Vestir Feminino ..... 9 a 13/ABR

FRANKFURT
Feira Internacional das Peles ..... 12 a 16/ABR

HANNOVER
Feira Internacional ..... 10 a 22/ABR / 12 a 16/ABR / 16 a 20/ABR

HANNOVER + MILÃO
2 Feiras Internacionais ..... 13 a 21/ABR / 17 a 24/ABR

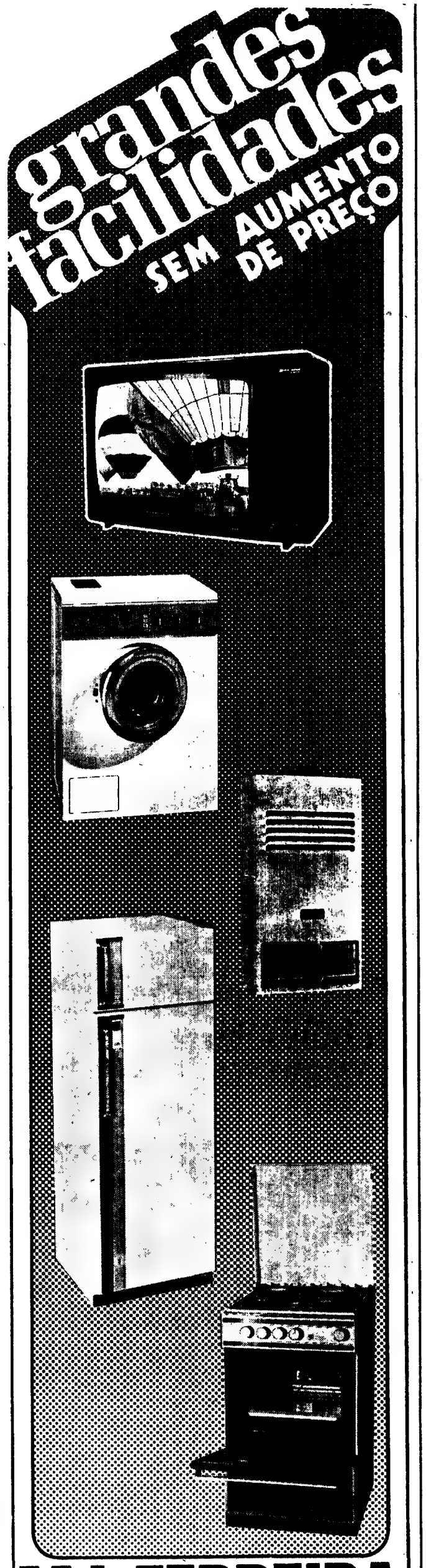
NÚMERO LIMITADO DE LUGARES

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu

fundada em 1840

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 31792 1
PORTO - R. Eug. Castro, 256 - Tel. 6 11 5 1
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 3 71 3 41
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 80 50 96
ALMADA - R de Olivença, 9-C - Tel. 2755756
BRAGA - Av. Central, 171 - Tel. 7 1 6 2 3
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
PORTIMÃO - R. Inf. D. Henrique, 83 - Tel. 2 7 1 5 1
FUNCHAL - Rua do Gorguilho, 1 - Tel. 31077/8



URSS condena rearmamento do Japão

Andrei Gromyko, ministro soviético dos Negódios Estrangeiros, comunicou ao embaixador do Japão em Mosocvo, Masuo Takashima, a reprovação pela URSS das tendências militaristas da política do Governo japonês, indica a agência TASS.

Gromyko, que recebia o embaixador a seu pedido, declarou, segundo a agência oficial soviética, que «as medidas tomadas nos últimos tempos pelo Governo japonês testemunham um deslocamento sensível da política japonesa para o acréscimo do potencial de guerra e para uma acentuação perigosa das tendências militaristas».

«Esta política só servirá para agravar a tensão no Extremo Oriente», afirmou Gromyko.

O ministro soviético evocou as últimas iniciativas da URSS «tendentes a deter a corrida aos armamentos, prevenir uma guerra nuclear, restabelecer a confiança nas relações internacionais e prosseguir o processo de desanuviamento no Mundo, incluindo no Extremo Oriente».

«O Japão, disse Gromyko, poderia dar uma contribuição importante para a realização destes objectivos.»

O chefe da diplomacia soviética salientou que o «desenvolvimento das relações entre a URSS e o Japão no sentido da boa vizinhança, de uma cooperação mutuamente vantajosa e da confiança seria conforme aos interesses dos dois povos, tal como aos da paz e da segurança no Extremo Oriente e em toda a Ásia».

A agência TASS limita-se a indicar que o diplomata japonês expôs, por seu turno, a posição do seu Governo acerca do desenvolvimento das relações nipo-soviéticas e da situação internacional.

Alexandre Rodrigues à Anop

Falta de representatividade da delegação sul-africana impede progressos no Sal

O ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues, declarou terça-feira à noite, na ilha do Sal, que a sua delegação tinha poderes para avançar muito mais no diálogo com Pretória.

«Se no encontro de terça-feira não se chegou a resultados mais positivos foi por causa da fraca representatividade dos sul-africanos» – disse Alexandre Rodrigues à ANOP, numa entrevista concedida depois da suspensão dos trabalhos, que em breve serão reatados.

O novo encontro do Sal serviu para reajustar posições – afirmou o ministro, segundo o qual uma das razões por que Angola compareceu nesta ilha de Cabo Verde foi a de permitir a aplicação da resolução 435 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (sobre a independência da Namíbia).

«Não estamos aqui a substituir a SWAPO. Nós não declarámos guerra à África do Sul. Não há acordo de cessar-fogo a negociar connosco» – disse Alexandre Rodrigues, que não participou directamente nos trabalhos oficiais de terça-feira, devido a não haver no local qualquer ministro sul-africano.

«A África do Sul é que deve cessar as hostilidades, para que a normalidade seja reposta e haja condições para a aplicação da resolução da ONU» – acrescentou.

Depois de afirmar haver ficado inicialmente surpreendido com a disparidade das representações dos dois países, Alexandre Rodrigues sublinhou que não queria culpar a África do Sul e deixou entender que outros factores poderiam ter estado por trás do baixo nível da delegação de Pretória.

«Pensámos mesmo que houvesse da sua parte o desejo de demonstrar menos vontade em continuar a dialogar» – indicou o ministro.

Alexandre Rodrigues refutou a argumentação sul-africana de que a representatividade dos enviados não seria maior por causa de uma recente ofensiva da SWAPO: «Também no nosso território houve ataques a pontos estratégicos – feitos com uma tal perícia que sugere terem sido levados a cabo por forças especialmente treinadas, que a Imprensa internacional diz existirem na África do Sul – e nós viemos tal como o que fora acordado no primeiro encontro».

Interrogado sobre se considerava a hipótese de haver pressões de terceiros sobre a República da África do Sul, o ministro angolano respondeu que esse era um problema de Pretória e não de Luanda.

Posta a questão de eventualmente Angola cessar o apoio à SWAPO, em troca do fim do apoio da África do Sul à UNITA, Alexandre Rodrigues afirmou que «não há troca de moeda».

«Não podemos comparar a UNITA com a SWAPO, – acentuou – a primeira é uma organização fantoche, de bandidos, que luta ilegalmente contra os interesses do povo angolano, enquanto a segunda é uma organização reconhecida internacionalmente, inclusive pela ONU, e que está a lutar legalmente pelo direito do seu povo à independência».

O ministro, que conferenciou à margem dos trabalhos oficiais da reunião do Sal com os elementos da delegação sul-africana, disse à ANOP que Angola «não seria condenada se apoiasse para a Namíbia uma solução semelhante à que foi encontrada para o Zimbabwe».

«Nós queremos ver o povo namibiano independente e temos a certeza de que a SWAPO vencerá eleições livres e honestas» – sublinhou Alexandre Rodrigues, que prosseguiu:

«Por outro lado, estamos convencidos de que o ideal progressista que anima a ZANU (partido de Robert Mugabe) também existe na SWAPO, que conhece a realidade do seu país e sabe que não pode desligar-se economicamente da África do Sul».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrido a dilação de vinte dias, que começará a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 6488-B 1.ª secção

Exequentes — Portugal Previdente — Companhia de Seguros

Executado — Ludgero Adrião Monteiro e mulher Maria José Zarco Carneiro Chaves Adrião, residentes no Bairro das Terleiras, em Torres Novas.

Lisboa, 16 de Fevereiro de 1983

O Juíz de Direito
(a) Joaquim Dias

O Escrivão de Direito,
(a) Carminda Maria Antunes

PROF. DR. ANTÓNIO ARMANDO GONÇALVES PEREIRA

MISSA DO 30.º DIA

Viviane Gonçalves Pereira, Jorge Gonçalves Pereira, esposa e filhos, André Gonçalves Pereira, Carlos Renato Gonçalves Pereira, esposa e filhos participam que será rezada missa pelo eterno descanso do seu marido, pai, irmão e parente na Basílica da Estrela no dia 28 de Fevereiro pelas 18 horas.

AGÊNCIA SALGADO
TELEF. 548258

NOTARIADO PORTUGUÊS
BAZAR ROSY DE AMADE & FILHOS, LIMITADA

Eu abaixo assinado, ajudante do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Avenida Almirante Reis, 202, rés-do-chão, certifico para efeitos de publicação que por escritura de 26/1/83 lavrada nas notas deste Cartório no livro 198-E de folhas 55 a folhas 56 Badur Ali Amade, Naoroz Ali Badur Ali Amade e Abzal Sultan Badur Ali Amade como únicos sócios da Pastelaria Rosy de Amade & Filhos, Limitada, sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Avenida Cardoso Lopes, número 3-A, freguesia e concelho de Amadora, alteraram os artigos 1.º, 2.º, 4.º e seu § único do pacto nos termos seguintes:

Artigo primeiro — A sociedade adopta a denominação de BAZAR ROSY DE AMADE & FILHOS, LIMITADA, tem a sua sede e estabelecimento na Avenida Cardoso Lopes, número três-A, na freguesia e concelho de Amadora, e durará por tempo indeterminado, a contar de vinte de Novembro de mil novecentos e setenta e nove, data da sua constituição.

Artigo segundo — O seu objecto é o comércio de brinquedos, loiças, perfumaria, papelaria, tabacaria, artigos orientais, plásticos, bijutarias, electrodomésticos e drogaria ou qualquer outro ramo ou indústria em que os sócios acordem.

Artigo quarto — A administração da sociedade compete exclusivamente ao sócio Abzal Sultan Badur Ali Amade, nomeado gerente com dispensa de caução, sendo suficiente a sua assinatura para obrigar validamente a sociedade.

Parágrafo único — O gerente poderá delegar os seus poderes e a sociedade poderá constituir mandatários.

Que em tudo o mais se mantém o que consta do invocado pacto social, inclusive o capital de setecentos cinquenta contos.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial que vai conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que se certifica. Lisboa, 3 de Fevbreiro de 1983.

A ajudante,
(Maria da Reasurreição Pereira Felício Patrício)

Caminhos de Ferro Portugueses — Informaçao

ANÚNCIO

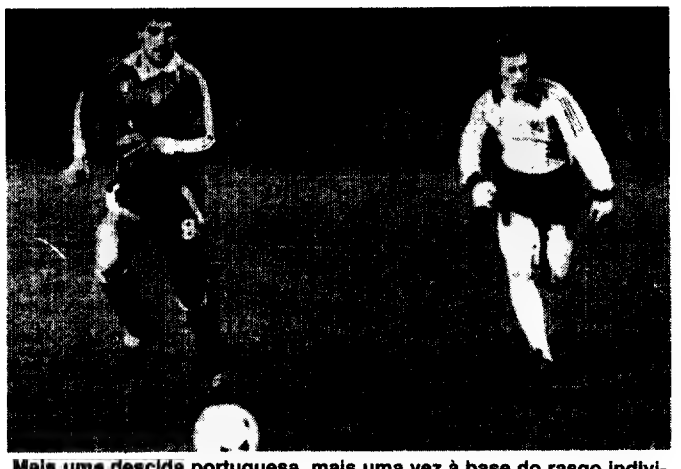
Está aberto concurso público até 3 de Março de 1983, para adjudicação durante o 2.º trimestre/83 das seguintes sucatas:

- **Tambores vazios**
- **Tambores com óleo queimado**
- **Aço macio**
- **Limalha de ferro**
- **Desperdícios de madeira**
- **Papel**

Todas as informações complementares bem como o caderno de concurso, podem ser obtidas no Departamento de Aprovisionamentos da CP, Rua de Santa Apolónia, 65 — 1196 LISBOA CODEX telefones 869760 a 68 ext. 229.

DESPORTO

A foto para a posteridade. De «manta de retalhos» à glória, assim se constrói a história



Mais uma descida portuguesa, mais uma vez à base do rasgo individual, neste caso é Dito (o autor do golo solitário) que leva de vencida o defesa alemão

Portugal, 1-RFA, 0

Uma vitória redentora

Vitória inesperada – como disse no termo da partida o treinador da RFA, Jupp Derwall – talvez fosse a vitória memorável daquela selecção do futebol profissional português, ontem à noite, no estádio do Restelo, perante a credenciadíssima congénere da República Federal da Alemanha. Surpreendente também, levando em linha de conta todo o conjunto de circunstâncias, bem conhecidas, que precederam o encontro e que culminaram com o pedido de demissão apresentado por Otto Glória.

TODAVIA, uma vitória justíssima, a corresponder inteiramente ao esforço, ao querer, à «raiva», daquele punhado de profissionais que, indiferentes ao burburinho (ou por causa dele) gerado à volta do jogo, ofereceram aos cerca de 15 mil que foram ao estádio uma saborosa lição de humildade.

É evidente que vitórias destas não se conseguem apenas à base de humildade, ou de raiva, ou de esforço e abnegação. Também houve, para além da inspiração e da sorte, futebol de bom quilate por banda dos seleccionados portugueses.

Sem temerem a alta técnica e superior condição física dos alemães federais, os nossos rapazes fizeram alarde, no relvado do Restelo, dos requisitos indispensáveis ao resultado obtido.

É certo que não dominaram as operações no conjunto dos noventa minutos, foi até notório o recurso a jogadas de pura destruição (principalmente após a obtenção do monumental golão de Dito), mas quando soou o apito final, quem se lembraria de criticá-los por isso?

O sector atacante da turma portuguesa funcionou mais à base de rasgos individuais, em detrimento da organização e pouco trabalho deu ao guarda-redes Schumacher. Bento foi obrigado a um número muito superior de intervenções.

Mas foi na defesa e no meio campo que a turma nacional obteve a nota mais elevada. João Pinto, Eurico e Jaime Pacheco, bem secundados por João Cardoso e Festas, cedo começaram a evidenciar o firme propósito de não deixarem os alemães fazerem o seu jogo.

Bento transmitiu a confiança necessária à equipa, com um punhado de intervenções decididas e aquela espectacular defesa ao tremendo tiro de Dremmler poucos minutos depois do golo de Dito, que para além da construção do resultado (e da superior forma como o conseguiu), se integrou bem no colectivo e, à sua maneira um pouco lenta, assinou alguns pormenores de relevo.

Manuel Fernandes, lesionado no final do primeiro tempo, assim como Gomes e Costa, quedaram-se num plano mais modesto. Reinaldo foi útil na segunda parte (a substituir Manuel Fernandes), mas mesmo assim longe do que se poderia esperar da sua capacidade física.

Quanto aos da RFA, que entraram no campo convencidos de uma superioridade incontestável e por essa razão confiantes em que os golos haviam de ir aparecendo, mostraram apesar de tudo que constituem uma equipa adulta, senhores de todos os segredos da alta competição futebolística e possuidores da craveira técnico-atlética que os tem conduzido ao topo do futebol mundial.

Talvez o excesso de confiança, traduzida em campo numa arrogância a não passar despercebida, os tivesse traído.

Ao verem passar-se os minutos e nada de tocar as redes à guarda de Bento, por certo contrariados pela luta que não esperavam enfrentar, foram perdendo o controlo dos minutos iniciais e cairam mesmo no desespero quando sofreram o único tento da partida. Os que mais deram nas vistas, foram ainda os consagrados Rummenigge e Littbarski, mas de uma maneira geral os pupilos de Jupp Derwall mostraram o que valem e que de uma forma geral se sabe e reconhece.

Só que do outro lado esteve aquela «manta de retalhos», disposta a tudo menos a fazer de bombo da festa.

Pelo contrário, a festa foi deles... e nossa.

Rodrigues Borges

Sob a arbitragem do francês Marcel Bacou, coadjuvado por Claude Lopez e Jean Pierre Bloiet, e perante cerca de 15 mil espectadores, as equipas alinharam:

PORTUGAL – Bento, João Pinto, Lima Pereira (Paris, 73), Festas (Murça, 73), Eurico, João Cardoso, Manuel Fernandes (Reinaldo, 45), Dito, Gomes (cap.), Jaime Pacheco e Costa.

RFA – Schumacher, Kaltz, Bernd Foerster, Briegel, Dremmler, Rolff Littbarski (Allofs, 80), Voeller (Meier, 55), Matthaeus (Otten, 45) e Rummenigge (cap.).

CARTÃO AMARELO: Festas, 57 e Littbarski, 60.

Otto no final: o entusiasmo venceu

A vitória da selecção portuguesa de futebol por 1-0 sobre a RFA mostrou que na equipa há mais que um jogador para cada lugar – disse o seleccionador demissionário Otto Glória no termo do encontro.

Comentando o triunfo da equipa portuguesa, a primeira no confronto entre os dois países, o técnico brasileiro acrescentou que os lugares na selecção têm assim que «ser discutidos entre novos e os veteranos».

Na equipa improvisada que alinhou no Restelo, Otto Glória disse ter havido «dedicação, esforço e patriotismo como não se registara em Guimarães contra a França».

«O entusiasmo da equipa portuguesa venceu o jogo», sublinhou o técnico, que acompanhou no banco a equipa, «por solidariedade para com os jogadores».

Quanto à equipa da RFA, vice-campeã mundial, Otto considerou-a uma das melhores do mundo, não o decepcionando, mas – acrescentou – «a selecção portuguesa foi superior neste jogo».

Jupp Derwall: resultado inesperado

O treinador da selecção alemã de futebol, Jupp Derwall, considerou «um resultado inesperado» a derrota da sua equipa frente à selecção portuguesa por 0-1.

«Portugal foi feliz ao ter conseguido um belo golo no único remate que fez à baliza alemã e, depois, ao ter segurado o resultado sem que a minha equipa tenha logrado contrariar a táctica posta em prática pelos seus jogadores», disse Derwall.

O treinador da selecção alemã, visivelmente contratiado pela derrota sofrida pela sua equipa, salientou que, durante todo o encontro, a RFA não conseguiu destruir a organização da selecção portuguesa.

Sporting e FC Porto armados em Arlequim e Mangerona

Pinto da Costa, presidente do F. C. do Porto, «entusiasmou dirigentes do Sporting» para contratarem há duas épocas o futebolista Oliveira – revela um comunicado da direcção do clube de Alvalade divulgado após a reunião realizada terça-feira.

A reunião destinou-se a apreciar as afirmações ultimamente produzidas por Pinto da Costa, no seguimento da atitude assumida pelos futebolistas Gabriel e Romeu, que decidiram rescindir os contratos que haviam celebrado com o F. C. do Porto.

Foi Pinto da Costa, «na altura empenhado em truculenta campanha contra a direcção do dr. Américo de Sá, que aconselhou o futebolista Oliveira a rescindir o contrato com o F. C. do Porto e a transferir-se para o Penafiel», acrescenta o comunicado da direcção «leonina».

Os dirigentes dos leões acrescentam que «quando Oliveira terminou o seu contrato com este último clube (Penafiel) e havia a possibilidade de regressar ao F. C. do Porto, foi ainda o sr. Pinto da Costa que entusiasmou dirigentes do Sporting para assegurarem o concurso daquele jogador, prontificando-se a todas as diligências para o efeito».

Diz ainda a Direcção do Sporting que «se for necessário levar este caso até às últimas consequências, teremos de recordar ao sr. Pinto da Costa as suas repetidas pressões junto de um director do clube, para também trazer para o Sporting três outros dos principais futebolistas do Porto».

«Este facto, extremamente edificante, permitirá aos sócios e adeptos do F. C. do Porto retirar ilacções sobre o fervor clubista do sr. Pinto da Costa», acrescenta o comunicado.

Quanto ao interesse do Sporting por futebolistas desvinculados do F. C. do Porto, a direcção dos leões lembra a Pinto da Costa «a arrogância das afirmações que repetidamente proferiu, durante a sua campanha eleitoral, no sentido de que não respeitaria os compromissos contraídos e cumpridos pelo dr. Américo de Sá, pelo que recrutaria os jogadores que entendesse».

«E como veio a comportar-se de acordo com esta linha de actuação – acrescenta o comunicado – firmou contratos com futebolistas do Sporting, do Marítimo, do Vitória de Setúbal e de outros clubes, alguns contratos antes da época terminar.»

Afirmam os dirigentes do Sporting não compreender, «por isso, como o sr. Pinto da Costa passou da sobranceria à lamecha e, o que é mais lamentável, ao insulto, fazendo, com a mesma leviandade, o mal e a caramunha».

Acrescenta a Direcção do Sporting que «não pode deixar de reagir com a mais viva repulsa aos soezes ataques» lançados pelo presidente do F. C. do Porto e que lhe cumpre esclarecer «as pessoas equilibradas, de são critério e recto juízo, de que o sr. Pinto da Costa não dispõe de fundamento legal nem de autoridade moral para assumir as suas destemperadas e jactanciosas posições».

Dizem ainda os leões que Pinto da Costa, «falando muito mas pagando pouco, não satisfez as retribuições contratadas, pelo que colocou a generalidade dos jogadores, na defesa dos seus legítimos interesses, na situação de poderem rescindir os seus contratos com o F. C. do Porto».

Pinto da Costa reaje

O comunicado distribuído pela direcção do Sporting fazendo acusações ao presidente do FC Porto, Pinto da Costa, não surpreendeu o dirigente portista – afirmou o próprio.

«Já estávamos avisados dessas insinuações caluniosas e até de outras como se poderá verificar no comunicado que, também nós, temos para distribuir à Imprensa», comentou Pinto da Costa.

O presidente do FC Porto negou que algum dirigente do seu clube tenha interferido na ida de Oliveira para o Sporting e – disse – «até é ridículo poder admiti-lo».

Sobre este ponto e dado que é um caso que está em tribunal, o dirigente portista disse que «a seu tempo tudo ficará devidamente esclarecido».

Acerca da afirmação do comunicado do Sporting, de que Pinto da Costa fala muito pagando pouco, o presidente do FC Porto replicou referindo que «a direcção do Sporting fala muitíssimo mas paga pouquíssimo».

O dirigente portista acrescentou que «contrariamente às afirmações leoninas, que não têm qualquer prova capaz», replica com «factos concretos».

De acordo com esta afirmação, Pinto da Costa disse poder exibir fotocópia do cheque número 17 295 193 sobre o Banco Pinto e Sotto Mayor, da conta do Sporting e assinado por dois dirigentes do clube leonino, «um dos quais João Rocha», datado de 11 de Novembro de 1982 e da importância de 12 500 escudos.

Segundo o presidente do FC Porto, o cheque foi passado à Liga Portuguesa dos Clubes de Futebol Profissional e no verso, com a data de 26 de Novembro, «pode ver-se escrito, devolvido por falta de provisão, com a assinatura dos responsáveis do banco».

O comunicado do FC Porto

O FC Porto não aceita, «de forma alguma», a estratégia dos que pretendem lançá-lo «para uma eventual guerra Norte-Sul» – afirma a direcção do clube das Antas num comunicado.

O comunicado, resultante da reunião da direcção realizada ontem, acentua o desejo do FC Porto «de manter as melhores relações com todos os clubes do país, independentemente da sua situação geográfica» e cita como exemplo «as modelares relações com o Benfica».

A direcção portista afirma «estranhar a incorrecta comparação das transferências» dos atletas Eurico e Inácio, que, acrescenta, «no final dos seus contratos livremente se mudaram para o FC Porto, com a de outros que o façam de outras formas menos claras e correctas e antes de terminar os seus contratos».

O comunicado repudia, também, as declarações do presidente do Sporting, João Rocha, a um trissemanário desportivo, «em que – dizem os dirigentes portistas – entre outras afirmações declarava que o nosso atleta Sousa iria rescindir o contrato para ingressar no Sporting».

Futebol junior

França, 1-Portugal, 0

Portugal foi ontem eliminado do Campeonato da Europa de Juniores de futebol ao perder com a França por 1-0.

Com o tempo encoberto mas a relva num estado excelente, o conjunto português mostrou-se muito mais aguerrido e com melhor técnica do que os seus opositores e, só por manifesta infelicidade, não obteve, pelo menos, o empate.

Por duas vezes a turma portuguesa poderia ter macado, aos 20 minutos por intermédio de Almeida e aos 68 quando Gonçalves falhou uma grande penalidade.

O encontro chegou a atingir certa violência, tendo o árbitro luxemburguês, Rolles, demonstrado grande dificuldade em segurar os jogadores mais excitados.

As duas equipas alinharam com:

PORTUGAL – Sérgio; Paiva, Carvalhal, Mourato e Fonseca; Barrocal, Júlio Sérgio, Jorge Oliveira, Futre, Hernâni e Xico Faria.

FRANÇA – Sabonnadiere; Masciaux, Sirvent, Soumach e Hely; Fournier, Ribar, Fernier, Christen, Daille e Guion.

Suplentes: – Chatrefoux, Botard, Prissette, Protinn e Thomas.

Fernier (75) foi substituído por Prottin e Christen por Thomas (78).

Na equipa portuguesa Santos deu o lugar a Semedo (70 minutos).

Cartões amarelos: Furnier (58) e Costa (24).

Com este resultado a França ficou apurada para a final que terá lugar de 13 a 22 de Maio em Inglaterra.

Em juvenis

França, 2-Portugal, 1

Portugal foi ontem derrotado pela França por 1-2 (0-1 ao intervalo), em jogo a contar para o Campeonato Europeu de Futebol juvenil disputado em Martigues, perto de Marselha.

A selecção portuguesa esteve a perder por 2-0, reduziu para 2-1 e teve um final de jogo espectacular, acabando por não merecer a derrota.

Os franceses inauguraram o marcador aos 15 minutos por Haon e, na segunda metade, também aos 15 minutos, o mesmo jogador elevou para 2-0.

Formosinho, aos 71, reduziu para 2-1.

A primeira parte foi totalmente dominada pelos franceses, mercê de melhor preparação física e técnica e, sobretudo, por ter o vento forte a ajudar pelas costas. A defesa portuguesa esteve sempre em dificuldades.

A segunda parte foi de recuperação da selecção portuguesa, mas a técnica da equipa adversária voltou ao de cima e surgiu o segundo golo.

De novo Portugal recuperou e de forma espectacular, reduzindo a diferença e merecendo pelo menos a igualdade, pelo jogo produzido, em particular nos derradeiros dez minutos.

Sob a arbitragem do suíço Renggie, que mostrou o cartão amarelo a Mendes, aos 53 minutos, as equipas alinharam:

PORTUGAL: Mota, Eugénio, Germano, João Manuel, Fernando Mendes, Pereira (Guedes 28), Nito, Serrinha, Litos, Formosinho, Caetano.

FRANÇA: Pageaud, Villa, Martinez, Roche, Vernet (Galtier 76), Mazzolini, Silvestre, Labejof, Lambert, Haon, Remy (Meunier 63).

Assistência: cinco mil.

DESPORTO

Seminário para dirigentes desportivos

Olhos virados para o futuro

ALDEIA DAS AÇOTEIAS (Por Neves de Sousa, nosso enviado especial) – O planeamento do treino (Monge da Silva) e liderança e formação desportiva (Teotónio Lima) enquadraram mais uma ronda do seminário de formação para dirigentes desportivos, que o Instituto Nacional dos Desportos e a DGD trouxeram até à Aldeia das Açoteias com uma carga de análises e debates que bem podem marcar uma etapa-viragem na história contemporânea do nosso desporto.

Monge da Silva, que veio a primeiro plano como um dos homens do «staff» técnico do Benfica de Baroti, contou-nos da sua larga experiência muito diferente e mais enriquecida que aquela que apenas poderia ser conhecida da sua permanência junto dos Humbertos e dos Nenés. Para melhorar é preciso destruir: foi com base neste lema e tomando como exemplo aquilo que se entende como forma desportiva que o prof. Monge da Silva falou das tremendas carências visíveis nos calendários de competições que estão entregues a dirigentes normalmente recrutados em antigos praticantes e donos da bola, e depois redundam nos fracassos que se conhecem, o último dos quais a arremesar para o rés-do-chão o pobre futebol português, que é, afinal, exemplo tão perfeito e espelho tão radical do desporto que possuimos como o hóquei patinado, que já acertou comparecer em 1 de Outubro em Itália para competir para o título europeu depois de passar férias em Agosto, e de o mês de Setembro ser exclusivamente para treinos, já que no mesmo dia em que se inicia a disputa do título do velho continente, está paradoxalmente marcada a primeira etapa do campeonato nacional....

Exemplos repetem-se

Evidentemente que, nos países que estão identificados com a realidade desportiva, o treinador e o gestor da forma físico-técnica do praticante. E se os planos de treino têm de ser diferentes entre indivíduos ou conjuntos, não há dúvida nenhuma que os resultados imediatos ou a evolução futura de um país, em termos desportivos, depende sempre daquilo que um técnico como cozinheiro, preparar para o cliente que se senta à mesa. Depois da estagnação ou queda dos pequenos génios, que não tem mais lugar no tempo moderno porque agora se constróem campeões, cinco parcelas se juntam, para criar um atleta de alta competição: técnica, táctica, força, velocidade e resistência. Várias fases dividem a preparação das chamadas estrelas: Monge da Silva definiu-as como técnico-táctica (dada por antigo praticante sem formação teórica), física (onde surge o homem que sabe do corpo humano e forma dupla com o técnico, num casamento por conveniência que normalmente traz um choque mais dia menos dia) e os cursos de treinadores, com os práticos (que possuem formação académica ou dominam todos os sectores de treino). Tudo o mais é chuva no molhado.

– Trabalha com alegria quem tem liberdade.

Monge da Silva saltou da sua pele de técnico de educação física para citar casos e exemplos aos punhados, que vão por aí fora, no domínio incorrecto da formação de treinadores desportivos. «Neste momento, no futebol português, trabalha-se de mais em relação a qualidade do trabalho»: Disse Monge da Silva sem se escusar a criticar quem não planifica o trabalho de uma temporada e depois se lamenta duramente de fracasso sobre fracasso. E não apenas no futebol...

Planeamento e organização

O técnico Germano Jochen Kulh, especialista de basquetebol, mas com formação total das exigentes escolas desportivas da RFA, falou de planeamento e organização e de manifestações desportivas de molde a prender especialmente o interesse dos representantes de países de África que tomaram boa nota das muitas minúcias que rodeiam o crescimento de um grande espectáculo desportivo, sonho desse velho continente negro que não desiste de levar para a sua terra imensa a maior confraternização entre os povos: precisamente as olímpiadas.

Liderança e formação

Teotónio Lima, homem--autor da conquista de muitos títulos desportivos, nomeadamente na bola ao cesto, dissecou «liderança e formação desportiva» centrando as duas horas da sua expectacular apresentação em torno da obra (que muito respeita) do também, professor José Sousa Esteves... Enalteceu Mário Moniz Pereira «autor» de um leque de fundistas de valor mundial: Manuel Faria, Manuel de Oliveira, Lopes e Mamede. E, afirmando-se defensor de torneios por convite, onde os atletas podem conseguir as melhores marcas e lutar honestament por supremacias (sem a loucura dos pontos e dos campeonatos) afirmou que é contra a especialização precoce de um atleta, que normalmente morre na casca depois de o terem feito atingir a curva máxima de uma carreira mal saiu do berço ou ainda viaja pelo liceu. Oportunidade e experiência, formação e potencialidade (garante Teotónio Lima) são qualidades básicas também para se poder conseguir liderança como dirigente desportivo. As qualidades de comando terão de ter por base a dinâmica mas podem viajar entre a liderança por tradição (filho de chefe é chefe) por características pessoais, estruturação de funções, relações humanas (o bom, o otário, o que concorda com tudo e resolve os problemas dos outros), por estruturação de funções, no quadro específico das situações ou como organizador do trabalho comum, o que já diz respeito à psicologia industrial. Os diferentes graus de autoridade do treinador foram graduados por Teotónio Lima segundo o seu poder de decisão: grau de liberdade concedida aos jogadores, comunicação de uma decisão que ele faz aceitar pelos jogadores, pela sua apresentação de uma ideia a que sugere perguntas, pelo técnico que respeita uma alteração, por aquele que apresenta um problema e pede sugestões e só depois toma uma decisão, pelo que define os limites e só depois aceita dos jogadores a decisão, e por aqueles que se cingem àquilo que manda o dirigente e acaba sempre no olho da rua.

A psicologia aplicada na sua solução dos problemas individuais de um alteta tem de ser a arma constante de qualquer bom técnico.

Teotónio Lima fez várias considerações em torno da chamada «tarde desportiva» que é fornecida nos liceus a milhares de alunos quando as instalações apenas permitem capacidade de acção simultânea a 300 miúdos: apenas três vezes ao ano, de dez em dez semanas, o garoto ou a menina podem praticar desporto num país que consignou na Constituição que esse era um soberano direito do povo.

O inspector superior da DGD acrescentou ainda ser defensor do boxe praticado pela juventude (cria resistência do material-corpo) e afirma que um génio é fenómeno, porque não faz parte da regra. «Temos de ganhar coragem para confessar a nossa ignorância e no caso dos dirigentes desportivos, a quem directamente me dirijo, têm de possuir o estatuto de autoridade e um programa com objectivos concretos para transmitirem aos companheiros a sua personalidade.» Teotónio Lima disse mais:«é preciso que o dirigente seja observador, organizador do trabalho dos subordinados, que saiba optar ou escolher bem, que defina perfeitamente a forma de relação com técnicos, juízes e atletas e promova eficazmente acções sociais que possam fomentar a nova dinâmica que todos exigimos para o desporto português.

E, enquanto nos bastidores do seminário se falava de uma eventual aceitação de Luís Fontoura para integrar, como presidente da assembleia geral, a lista de Fernando Martins para as eleições benfiquistas, e a equipa finlandesa de «corrida orientada» desembarcava nas Açoteias para praticar uma modalidade desportiva que está pouco divulgada por estas bandas, veio à baila o problema das arbitragens no desporto, ao mesmo tempo que os intervenientes nesse magnífico conclave se preparam para esta manhã escutar o arq. Serra e Moura falando de instalações, urbanização e arquitectura desportivas e mais logo o comandante Vicente Moura se debruçar sobre a organização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles onde, do coração, se espera não haja boicotes como os que cercaram de dúvidas Montreal e Moscovo.

Só amanhã, ao cair da noite, as conclusões do seminário poderão começar a entrar na história. Até lá teremos ainda Correia da Fonseca dissecando o muito que sabe dos negócios totobolísticos, Jochen Kuhl e Bjorn Wangemann falando com a mensagem do desporto da Alemanha Federal, David Sequerra aprofundando também o movimento olímpico até à palavra de Lopes Marques que completará uma circunstanciada análise prospectiva do sistema desportivo, detendo-se no desporto dentro da sociedade moderna, um capítulo sucessivamente adiado porque entre nós os governos que vão passando testemunho apenas lhe tocam quando estão envolvidos em campanhas eleitorais.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 9

DE 27 DE FEVEREIRO DE 1983

Rádio Totobola: 121 111 122 X222; O Diário: 121 X11 11X X22X; Correio de Coimbra: 121 X11 1XX 122X; Correio do Vouga: 121 111 111 1222; Defesa de Espinho: 121 1X1 1X2 X22X; Diário de Lisboa: 121 111 1XX 112X; Ecos do Cacia: 121 X11 1X2 X222; Estrela da Manhã: 121 111 122 X221; Folha do Domingo: 121 11X 122 X2X2; Gazeta das Caldas: 121 111 1XX XX2X; Jornal da Beira: 121 111 112 X222; O Jornal da Lixa: 121 11X 1XX X22X; Jornal de Sintra: X21 XX2 12X 1222; Jornal Linhas de Elvas: 121 X11 11X 1221; Rádio Altitude: 121 X11 1X2 X2X2; Reconquista: 121 111 112 X22X; Notícias de Felgueiras: 121 X11 1XX XXXX; Notícias de Guimarães: 121 1XX 121 121X; Rádio Sports: 121 111 11X XXX2; RDP/Secção Desportiva: 121 111 112 222X; RDP/Tempo de Desporto: 121 X11 1X2 X222; A Voz do Domingo: 121 111 1X2 XX21; Música e Não Só: 121 1X1 1XX 2X21; Ponto de Encontro: 121 X1X 122 122X; Pátio das Cantigas: 121 11X 111 XX2X; Café com Leite: 121 111 112 X222; Bola Branca: 121 X11 1XX 222X; Manhã Manhã: 121 111 XX2 1222; RDP/Rodapé: 11X 221 1XX X221; RDP – Reportagens Exteriores: 121 X12 1X1 12XX; Diário de Coimbra: 121 111 11X 1X2X; O Jornal de Amarante: 121 111 1XX 1221; RDP-/Centro Desporto em Análise: 121 1X1 X11 122X; Voz de Lamego: 121 11X 112 122X; Jornal de Santo Tirso: 121 112 X12 2212; Maria da Fonte: 121 XX1 1XX 222X; Notícias de Chaves: 121 X1X 12X X22X; A Voz de Palmela: 121 X11 11X 22XX; A Voz das Beiras: 121 11X 111 1X12; Eu Sei Tudo: 121 1X1 1XX 2222; A Comarca de Arganil: 121 11X 11X 122X; Notícias de Évora: 121 X11 11X X22X; Alvo Desportivo: 121 11X 11X 1XXX; O Comércio de Leixões: 121 X11 1X2 X222; Jornal de Gaia: 1X1 X11 1XX 12XX; Jornal da Graça: 121 111 11X 2222; Jornal de Notícias: 121 X1X 12X 22XX; Manchete Desportiva: 121 111 122 22XX; Penalty: 12X 1X1 1X1 222X; O Primeiro de Janeiro: 121 X11 1XX 222X; Quadrante Norte: 121 X1X 1X2 X22X; Rádio Alvo: 12X XX1 1X2 X222; Repórter do Dia: 121 X11 112 1X21; Resenha Desportiva: 121 112 X1X 22X2; A Voz dos Rdiiculos: 121 XXX 1X2 X221; Jornal o Porto: 121 X11 1XX X221; Jornal a Voz do Ave: 121 111 111 1111; Ritmo e Amizade: 121 11X 111 1XX2; Diário do Porto: 121 X12 111 1121; Clube do Ar: 121 111 111 1212.

	PROGNÓSTICO 1	X	2	BOLA 1	X	2 a)
1. PORTO - BOAVISTA	59	1	0	11	1	1
2. ALCOBAÇA - SPORTING	1	1	58	1	1	10
3. GUIMARÃES - SALGUEIROS	57	3	0	11	1	1
4. MARÍTIMO - SETÚBAL	34	25	1	7	4	1
5. RIO AVE - ESPINHO	49	10	1	9	2	1
6. AMORA - BRAGA	41	14	5	8	3	1
7. PORTIMONENSE - VARZIM	56	4	0	11	[illegible]	1
8. RIOPELE - CHAVES	25	26	9	5	[illegible]	2
9. GIL VICENTE - PENAFIEL	11	27	22	[illegible]	6	4
10. FEIRENSE - P. FERREIRA	22	25	13	4	5	3
11. NAZARENOS - ACADÉMICO	3	11	46	1	2	9
12. V. DA GAMA - FARENSE	5	12	43	1	[illegible]	9
13. SACAVENENSE - BELENENSES	11	29	20	2	6	4

a) - Nos termos do Art.º 14º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera de sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" TÉCNICA SERÁ:

[illegible] 111 [illegible] X22X

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal Texto: Pierre Christin 20

Copyright Dargaud/Meribérica/«DL»

continua

Notícias da BD

Organizada pelo Grupo de Acção Cultural da Escola Secundária Patrício Prazeres, decorre até ao próximo dia 28 uma Semana da BD.

Do programa, destaca-se ao começo da tarde de hoje um debate animado por José Ruy, que apresentará originais da sua obra «Os Lusíadas em BD» (ainda em preparação).

Amanhã, pela mesma hora, será a vez de José Garcês proceder a uma breve retrospectiva da história da BD em Portugal. Sábado, Vítor Mesquita debaterá, a partir das 10 da manhã, os problemas dos autores nacionais. À tarde, «O balão, a onomatopeia e o signo cinético, som e movimento na BD», serão tema de uma conferência de Geraldes Lino, do Clube Português de BD.

Desde o passado dia 21 e até segunda-feira próxima, está patente naquela escola uma exposição de originais e ampliações de livros de quadradinhos, completada por uma banca onde serão vendidas edições com desconto.

Um destes dias, fomos surpreendidos com o lançamento da BD capital de Hugo Pratt, «A Balada do Mar Salgado». E esta, quem o esperaria?...

Uma boa novidade, para o ano em curso, que gostosamente aqui deixamos aos leitores, é o lançamento próximo de «Silence», do admirável Comès.

Mais novidades, que não o são exactamente: a reedição do primeiro volume de «O Segredo do Espadão», e do «Enigma da Atlântida», de Jacobs, a mostrar que quadradinhos de qualidade também vende.

Da excelente série infantil «Diogène», estão prestes a sair dois álbuns. E ainda dois títulos de uma nova colecção com Charlie Brown. Óptimo.

entrevista

FERNANDA ALVES

Alguns porquês do Teatro

«Esta actriz faria uma grande carreira na Alemanha», palavras de Tankred Dorst. A crítica do Brasil, quando Fernanda Alves lá esteve com «A Grande Imprecação», seria unânime em corroborá-las. Sábato Magaldi, por exemplo, no «Estado de S. Paulo», disse dela que era «uma das primeiras actrizes da língua»; Fernanda Peixoto, na «Opiniáo» do Rio, classificou-a de «intérprete extraordinária»...

Como ninguém é profeta na sua terra, por cá a sua história profissional tem decorrido discreta, sem lances de sensação, mas nem por isso menos ligada à problemática do actor português e do teatro em Portugal.

Societária do Teatro Moderno de Lisboa, fundadora de grupos de teatro independente, galardoada com quatro prémios nacionais (dois de encenação e dois de representação), Fernanda há já algum tempo (até à sua actual reaparição do Nacional) que não dava novidades.

– Até à sua ida para o Nacional, você esteve quase sempre ligada a projectos orientados para a ruptura com a imobilidade, o rotineirismo formal e o estatuto económico dominantes no teatro português. Como vê as coisas hoje? Que teatro temos?

«Temos o que podemos ter: quase nenhum. Em Portugal quase não há teatro. O que há são variedades teatrais...».

– Variedades teatrais?

«Sucedâneos, aproximações, revistas, performances, boulevard ao natural, boulevard disfarçado (esta uma variedade de grande êxito e largo futuro porque inculca habilmente nas pessoas a ilusão de participarem sem esforço em acontecimentos político-culturais importantes). Com isto, não quero dizer que não haja **algum** teatro, nem gente capaz de fazê-lo, mas quando há as pessoas (intelectualidade incluída) regra geral não gostam, não estão habituadas... No fundo, a questão resume-se a isto: o teatro é uma arte eminentememte social e a nossa é uma caricatura de sociedade».

Atravessar o Rossio

«Já experimentou atravessar o Rossio, o centro da nossa capital? É uma experiência interessante que sem preconceitos aristocráticos logo lhe revela a qualidade do nosso ser e estar colectivos em 1983: tem aqui algo de indefinível, de equidistante entre o lugar de uma cidade e o acampamento de ciganos (sem ofensa para os ciganos, com quem aliás simpatizo)...

– E como se sente na sua pele de actriz, num sítio onde, como afirma, quase não há teatro?

«Mal. Mas espere aí. Quando digo que em Portugal quase não há teatro, você pode contrapor que para haver teatro basta público e um actor a desenvolver determinada acção num espaço cénico. Claro que basta. Mas isso é tão teatro como a multiplicação de 1 por 1 é matemática. Quanto à condição de actriz numa situação como é a nossa aqui e agora, o que sinto não tem importância nenhuma. Um de nós, actores, definiu-nos como «espuma da vida». É uma bela imagem, e é justa. Trabalhamos no supérfluo, no efémero, e a grandeza e seriedade disto é um segredo que não partilhamos com ninguém, já que ninguém, fora do teatro, o entenderia».

– Mas não acha que o 25 de Abril veio melhorar a situação? Há hoje um surto de teatro popular que não é justo ignorar...

«Falou no 25 de Abril. Foi uma época curta. Não chegou para dar resposta satisfatória a tantos anos de apatia, abulia colectiva decadência profunda recheada de desastres, misérias, calamidades. O que nós estamos a viver é outro 25, mas de Novembro».

«Por outro lado, o 25 de Abril devolveu-nos **todas** as liberdade, incluindo as que não fazem falta. O trabalho sério que estava a ser feito viu-se de repente submergido por vagas sucessivas de oportunismo e demagogia. Muita gente perdeu a cabeça e pôs-se a agitar bandeiras negras e vermelhas em cena... Achei que era altura de fazer uma pausa e afastei-me, à espera que a febre acalmasse. Pus-me a percorrer a Beira Alta, Trás-os-Montes e os Açores, com o MFA».

«No que diz respeito ao teatro popular, há o que é feito pelo povo, e é quase sempre bom (mas está a desaparecer, com a liquidação da cultura tradicional camponesa) e há o que é feito **para** o povo, e só raramente não é mau. Bem vê: a ideia que se faz da arte popular depende da ideia que se tem do povo, limitando-se a **contar** o povo aos diversos estratos da burguesia urbana e a **fixar** nessas classes a ideia (de idealismo) que fazem do povo».

«Quando se procura tornar populares (popularizar) as obras de arte, em vez de se satisfazer a reivindicação de uma arte popular, o que se faz exactamente é reprimir essa reivindicação. No fundo há uma certa semelhança entre o populismo em arte e a ideologia burguesa do consumo».

– Não nega, no entanto, que houve uma certa evolução, que hoje se faz um teatro menos académico, mais desempoeirado, mais moderno, em suma...

«Sabe: eu acho Ésquilo mais **moderno** do que Shakespeare, e este muitíssimo mais do que Beckett. Entre nós, não sei de ninguém mais **moderno** do que Gil Vicente. Penso ser altamente contestável, pelo menos em arte, essa ideia evolucionista de um progresso cronológico contínuo, fatal e irreversível».

Uma situação bloqueada

«Sobre a situação real que actualmente se vive no teatro, melhor seria ouvir os jovens actores. Poderão contar-lhe coisas curiosas acerca do bloqueio com que deparam, da desanimadora falta de perspectivas de trabalho, dos inconvenientes de estar tudo dependente de uma única entidade subsidiadora (o Estado), do desinteresse do público por trabalhos sérios, cada vez mais desmotivado por uma imprensa na generalidade deseducativa e uma televisão catastrófica, eu sei lá».

«Há onze anos, eu e os meus companheiros dos Bonecreiros, sem subsídios de nenhuma espécie, apenas com o produto dos nossos espectáculos (que em duas épocas sucessivas bateram todos os recordes de afluência de público, revista incluída), corremos o país de lés-a-lés. Uma experiência dessas é hoje completamente impossível».

– Mas não era propriamente às condições de produção de espectáculos que eu me referia; era à parte estética...

«Essa é boa! E como quer você separar a estética das condições de produção? Paradoxalmente, antes do 25 de Abril foi possível a algumas cooperativas de actores apossarem-se na totalidade dos seus meios de produção (portanto, sem subsídios) e hoje não é; hoje sem subsídios do Estado não há grupos nem há independência, e você diz-me que isso não tem reflexos a nível estético? Tem reflexos a todos os níveis e está a transformar o teatro português numa selva, onde não há nenhuma solidariedade, mas concorrência feroz, com grupos a acusarem outros de se terem transformado em miniteatros nacionais».

«Noutro plano, o teatro sofre, como nenhuma outra arte, o bombardeamento deformante da chamada cultura de massas, que ao massificar o público, ao torná-lo cada vez mais passivo, exclui o espectador como co-criador dos espectáculos. Mas isso são outros contos...».

– E porventura terá ainda outras consequências, como a de focar todas as luzes da publicidade sobre os que entram no jogo, deixando na sombra os autênticos artistas criadores....

«Oh, isso também não tem importância. No teatro vigorou sempre uma inabalável hierarquia secreta que faz com que cada um conheça bem o lugar que cabe a si e aos outros. Crítica, público, meios de comunicação social não alteram em nada essa hierarquia. Podem atacar um actor, pô-lo na prateleira, sumi-lo durante 10 ou 20 anos, que isso não consegue alterar em nada o lugar que lhe compete na ordem hierárquica. É evidente que neste mister, como nos outros, há tentativas de usurpação, mas falhadas ou conseguidas na escala social, na ordem teatral só provocam sorrisos».

– Não acha que há nisso alguma coisa de corporativo?

«É possível. O teatro é uma arte muito antiga...» **(risos).**

– Bom. Mas a sério: suponho que concordará comigo em que nem tudo são desgraças. Apareceram muitos talentos...

«Talentos há muitos. Quem saiba representar é que há pouco...» **(risos).**

– E que é para si representar, encarnar uma personagem?

«Encarnar personagens? Credo! Não sou medium. Eu sou comediante. Procuro representar...»

Representar: Como é?

«O público inglês, fino conhecedor da arte do comediante, fartava-se de rir se lhe aparecesse algum actor a tentar **encarnar** o Rei Lear ou o Próspero... Esta ideia das **encarnações** e outras ideias parecidas, como a de que se é actor para poder viver outras vidas, assumir outras personalidades num espaço e num tempo livres das contingências naturais, são uma sobrevivência ingénua da magia integrante dos grupos humanos primitivos, origem viva do teatro, mas hoje tão anacrónica como acender o cigarro com calhaus de pederneira...».

– Os materiais do teatro são os mesmos há milénios: actos e palavras...

«Pois são, e continua a recorrer-se aos sortilégios, ao canto e à dança, à música, mas entretanto apareceram as cidades, os estados, a história, a magia deveio ciência, e tudo isso teve repercussões estéticas: passou-se da **imitação** à **representação** da natureza».

«Não quero parecer pedante, mas faço-lhe notar que vivemos a época da decadência burguesa, em que a classe dominante perde a sua formosa segurança, a sua serena confiança e oculta a si própria as dificuldades que sente, enleando-se em pormenores psicológicos ou formalistas. Isso é muito mau para o teatro, na medida em que, mais do que qualquer outra arte, vê distorcida a sua vocação historicistas pela erupção de ritualismos obsletos, revivescências naturalistas, enfim, por toda uma série de modismos que longe de revitalizarem o teatro, o relegam para o museu das curiosidades exóticas. Vi, por exemplo, a companhia de Grotowsky e o Living Theatre nos seus tempos gloriosos, e sabe uma coisa? Penso que entre essas experiências e a impostação teórica de Antoine com o teatro naturalista dos princípios do século, há muito mais afinidades do que em geral se admite...»

«Mas perguntou o que era para mim representar. Começo por responder que não é nada que deixe ficar a minha identidade civil no camarim. Em cena, não sou a personagem X, Y ou Z; sou a actriz fulana de tal a representar essas personagens. A minha relação com elas é de vaivém: ora me aproximo, ora me afasto, do que julgo ser o carácter ou a essência das personagens, transpondo ou transcrevendo na parte da escrita cénica que cabe ao jogo do actor, os sinais que irão mostrá-las ao espectador, eventualmente as iluminando ou explicando, enfim, problematizando».

«Não quero encarecer o meu peixe (**risos**), mas suponho que já advinhou a dificuldade disto. É um trabalho sem rede (**mais risos**) que para resultar precisa de uma grande clareza expressiva, inviável se não se apoiar nos meios técnicos exigidos (voz bem empostada, dicção clara, movimentos corporais capazes de exprimirem, se necessário for, o reflexo fantástico da existência humana). Um gesto em falso, gratuito ou mal articularo nos outros, e lá vai tudo por água abaixo...»

– E sentir? Qual é o papel do sentir nesse esquema?

«Sentir, como dizia o poeta, sinta quem lê».

Um espectaculo invisível

– Também trabalhou esporadicamente no campo da encenação. Há muito tempo que se deixou disso. Porquê?

«Ora aí está como é acompanhado o trabalho dos nossos artistas (**gargalhada franca**). Então você não abe que encenei recentemente «A Sobrinha do Marquês», de Garrett, na casa do dito? Foi uma encomenda da anterior direcção do Teatro Nacional, integrada nas comemorações do 2.º Centenário da Morte do Marquês de Pombal. O espectáculo fez uma pequena 'tournée' pela província e devia ser apresentado em Lisboa esta temporada».

– Mas não foi?

«Pois não. Recolheu ao armazém (**risos**). Os fatos parece que ainda serviram para a reconstituição histórica de uma jantarada à antiga no Palácio de Queluz organizada por uma revista de turismo **hilariedade contagiosa**). Uma parte da cortina foi gentilmente cedida ao «Tanza-Variedades».

– Mas afinal que se passou?

Elenco do espectáculo invisível «A Sobrinha do Marquês», no foyer do Teatro Nacional

«Não sei. Estou-me nas tintas. Lisboa também. Paz à «Sobrinha do Marûes». Se insistir muito, não me custa nada dizer-lhe que não estranho a ausência de explicações por parte da actual direcção do teatro, nem o silêncio da Imprensa. Eu não sou uma 'happy few' e nos jornais até costumam trocar-me o nome...

– Não há aí um excesso de pessimismo?

«Qual pessimismo, qual carapuça. Gosto muito da minha profissão e por amor dela sempre consegui sobreviver a todas as tentativas de assassinato (artístico, bem entendido)».

– Mas, afinal, como era esse espectáculo?

«Uma coisa muito simples. Digamos que era um processo que tinha a sua tese no tempo de Pombal. a antítese no de Garrett e a síntese no espectáculo, ou, por outras palavras, que implicava uma certa crítica de Pombal por Garrett, de Garrett por nós e de nós pelo público, pela nossa época».

– Nós, quem?

«As pessoas que fizeram o espectáculo: eu, o José Peixoto, o Nuno Carinhas, o Pedro Caldeira Cabral, a Paula Massano...»

– E «A Casa de Bernanrda Alba», que me diz?

«Que quer que lhe dia depois do X que o totobola semanal do 'Diário de Notícias' lhe atribuiu? Ou do puxão de orelhas aplicado no 'Expresso' ao Mário Feliciano, tratado de leviano e primário por ter 'descastelhanizado' Lorca (ih! ih!)?».

– Eh lá! Você está a meter-se com a crítica?

«De modo nenhum. Alguma 'crítica' é que se mete com a crítica. Se chamam 'escolar' ao Mário (onde ele se veio meter! quem não saía de Itália para vir para aqui, sei eu quem era...), se dizem que eu e a Eunice Muñoz representamos como 'amadoras' se vêm ensinar-nos que falar de Lorca implica falar 'de certo exotismo típico de Castela' (que raio de ideia!), essas patacoadas não é a nós que atingem – atingem a crítica no seu conjunto, na medida em que lhe afectam injustamente a credibilidade».

«Digo injustamente porque a generalidade da crítica soube analisar correctamente o espectáculo, mesmo alguma que lhe foi desfavorável e nele detectou insuficiências qus certamente terá. A crítica enfrenta inúmeras dificuldades (falta de condições para se profissionalizar, falta de publicações especializadas), mas o teatro que temos suponho que não terá grandes razões de queixa. Em boa verdade, penso mesmo que o teatro independente, por exemplo, não seria o que é hoje se não fosse a crítica».

«Relativamente à 'Bernarda, as reacções do público vão de extremo a extremo: há os que gostam muito e há os que detestam; não são normas as reacções, sinal certo de que se trata de um espectáculo vivo».

– E agora esta, para acabar: não se sente «mercenária» por ter trocado o teatro independente pelo Nacional?

«Sinto. Troquei o apostolado por uma vida de luxo e dissipação (risos). E é certo que o Nacional devia ser arrasado, como avisadamente alvitrou pessoa responsável que logo, como era de esperar, foi convidada para ir lá fazer uam encenação (não aceitou honra lhe seja). É mesmo por causa desta irresistível tendência para o mercenariato que nunca fui a festivais internacionais. Nem sequer um convitezito do xá da Pérsia, nos bons tempos, para ir a Chiraz. Nem uma simples bolsita para ir aprender coisas no estrangeiro (pedi uma, mas não me deram). Já agora, posso fazer-lhe uma pergunta?

– Pois não.

«Sabe quanto ganho?».

– Não si.

«O mesmo que um sargento (estão mal pagos os sargentos, diga-se de passagem). Querem palhaços de borla e ainda nos insultam! Por mim, aqui e agora, enquanto esta sociedade não for digna do meu respeito e não me respeitar, podem meter o apostolado, com todas as suas honras e carismas, num sítio que eu cá sei...» **(não houve risos, a conversa terminou em silêncio).**

S.N.

A Cultura Portuguesa no Renascimento

A Associação de Professores de História promove um colóquio, que terá lugar no Anfiteatro n.º 1 do ISCTE (Av. das Forças Armadas), sobre «A Cultura do Renascimento Português». A primeira sessão do colóquio realiza-se, na sexta-feira, 25 de Fevereiro, pelas 14 horas e 30, sendo os temas introduzidos por Eduarda Dionísio (Literatura do Renascimento) e Dagoberto Markel (Arte). No sábado, dia 26 de Fevereiro, pelas 10 horas, realiza-se a sessão dedicada à cultura científica e filosófica do Renascimento, tema que será apresentado por Luís Barreto. À tarde, pelas 14 horas e 30, João de Freitas Branco falara da música na época do Renascimento. Actuará, ilustrando musicalmente o tema, o Coro de Câmara do Conservatório Nacional, dirigido pela professora Teresita Gutierres Marques.

Estreia adiada

A Casa da Comédia anunciou ontem o adiamento da estreia da peça «A Marquesa de Sade» de 24 de Fevereiro, para 3 de Março.

O adiamento, decidido a pouco mais de 24 horas da prevista estreia, fica-se a dever à lesão do actor João d'Ávila: rotura em músculo e ligamento da barriga da perna esquerda.

João d'Ávila está a ser tratado pelo mestre belga de artes marciais Stobbaerts, um dos colaboradores de Filipe La Feria na encenação de «A Marquesa de Sade».

Telectu, um duo Actu Telectu, um disco

Somos música portuguesa e da mais viva...

TELECTU é um duo, é um disco. É uma palavra da invenção poética de Melo e Castro. Na verdade não sei o que significa (nunca fui forte em enigmas) mas não vou ficar complexada por isso. Jorge Lima Barreto e e Victor Rua constituem-no, incorporam-no, musicaram-no – são Telectu. Ainda na órbita do rock, neste álbum, partem para algo de indefinível, sem rótulo, a que se adere ou não se adere...

Telectu submete-se, em certas passagens, à «estética repetitiva» caminho que os seus autores acham que lhes serve. **Parte-se de uma frase melódica e rítmica que se vai repetindo ao longo da faixa...**, diz Victor Rua, ex-líder musical do grupo GNR, agora esfrangalhado embora os estóicos que não desertaram continuem a garantir que nada mudou. Rei morto, rei posto – outro já no lugar dele. Mas terá o GNR ainda fôlego?

Dei o grupo como findo. Já não existe GNR... mas sim um outro grupo com o qual nada tenho a ver. A minha ideia foi sempre acabar com «Independência», o nosso último disco... Ao que consta divergências, quanto ao projecto musical, estalaram no seio do grupo. O entendimento não será mais possível. Vítor Rua tem outras ambições que não a comercialização da imagem. E não se pode transigir com tudo o que aparece mesmo que isso custe a marginalização, o não surgir nos jornais nem nos programas de Televisão.

Oiçam lá: isso da estética repetitiva... não chateia um bocado?

É o que neste momento há de mais vanguardista. Já abordei isso no meu livro «Musicónomos»... Jimmy Hendrix utilizava essa linguagem e John Surman, um «jazzman» também se passou para a estética repetitiva. Já no disco que gravei com o Jean Sarbib incluímos um tema dentro dessa linha... Explica Jorge Lima Barreto. Ele no sintonizador e Vítor Rua na guitarra eléctrica fazem-me uma demonstração musical para que eu pudesse entender melhor a «onda» em que os dois agora andam. Atiraram-me à cara com umas «frases» musicais que de facto me convenceram.

Um discurso eléctrico, de botões e fiozinhos, que nos arranha a alma e nos transporta da rua da Imprensa Nacional, pacata zona do Bairro Alto, ainda com cheiro a peixe frito, alguns artesãos, capelistas e tasquinhas, para as séries de ficção científica americanas. **Mas nós somos música portuguesa. Não é preciso estar a tocar o vira do Minho ou a cantar o fado para se ser português. Somos música portuguesa viva e da mais avançada...** Contesta Jorge Lima Barreto.

Cita os exemplos de Carlos Zíngaro que actua na Itália, de Sarbib que está em Nova Iorque onde gravou o álbum «Encounters», aclamado pela crítica americana sempre tão exigente e ainda Sequeira e Costa que toca Mozart nos Estados Unidos. Foi preciso abandonarem o País para serem reconhecidos como grandes músicos. Nesta «parvalheira só se aplaude a mediocridade, o fácil... e depois é a questão do ovo de Colombo, afinal tão fácil de descobrir. E depois é o dito por não dito, é a mentira de dizer: nós já sabíamos que eram bons, venham meus filhos estamos orgulhosos de vocês... Também **Telectu** projecta uma série de concertos em Paris, organizados por Rui Bacelar que tem um programa em português na Rádio **onde o Papa foi falar na língua lusitana.**

E provavelmente irão «repetir-se» em Tânger, Marraqueche, Agadir Casablanca e Rabat, caso se concretizem as negociações (em curso) que estabeleceram. Os contactos estão feitos – é esperar. **Temos ambições internacionais. O Gismonti tornou-se famoso por isso mesmo. Se fosse só brasileiro ninguém conhecia... aos marroquinos vamos mostrar uma tecnologia que eles desconhecem...**

Venderam-se cerca de seiscentos exemplares de **Telectu** numa semana, o que é animador embora a editora, segundo Jorge Lima Barreto, pouco se tenha preocupado com a promoção do disco.

...Isso da estética repetitiva não será mais uma moda? **No tempo do barroco era natural que se fosse atrás de Handel. Vivemos numa época em que a estética repetitiva domina... agora não vamos tocar minuetes. Não estamos no século dezanove...** Portanto para Lima Barreto tanto o rock como o jazz marcham para aí. Eu discordo. Vejo que há necessidade de regressar às origens, as raízes que nos agarram, o resto dissolve-se e desaparece sem deixar lembrança. O eterno retorno, dos gregos, parece ser válido...

A nossa música é original em todos os aspectos. Não há nela plágios, tudo criado. Não nos prendemos a esteriótipos... Repara no disco «O Amor» dos «Heróis do Mar» que é um plágio de «Heaven 17».

«...Defende Jorge Lima Barreto que há menos de dois meses esteve em Nova Iorque onde as coisas correm, galgam o tempo. E onde se aprecia a qualidade. Mais valem dez dias em Nova Iorque que dez anos em Lisboa onde se aplaudem os Duran-Duran...

Às voltas com as guitarras de todos os feitios, estilos e nacionalidades, com ligação à corrente eléctrica ou não e utros instrumentos mais esquisitos, Victor Rua repete frases musicais. Agarrado ao Júpiter 8 ou Juno 6, mãaos no piano ou nos teclados, Jorge Lima Barreto colabora... Ambos se propõem sacudir o marasmo da música portuguesa.

Lourdes Féria

100 CONTOS ENTRADA

ANDARES PRONTOS
Telf. 57 84 57 57 83 36

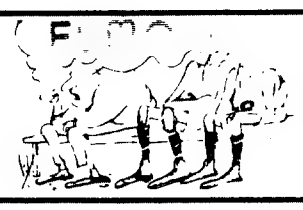
R.N. Tours VIAGENS TURISMO

OPERADOR ALVARÁ 16/58

FUTEBOL 83
TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS
★★★★★★★
SPORTING
EM
SAN SEBASTIAN
COM VISITA A **MADRID**
4 DIAS – 15 A 18 MARÇO
VIAGEM EM AUTOPULLMAN DE LUXO
ALOJAMENTOS E PEQ. ALMOÇOS – HOTEIS DE 4 ESTRELAS 8.700$00

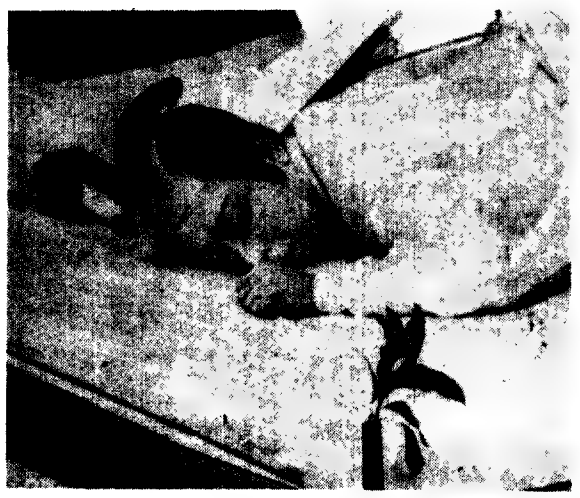
TAÇA UEFA
★★★★★★★
BENFICA EM ROMA
27 DE FEV. A 3 DE MARÇO
VIAGEM DE AVIÃO, VISITA DA CIDADE, ALOJ. E P. ALMOÇOS 39 950$00
GARANTIMOS BILHETES PARA OS JOGOS

R.N. Tours
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
LISBOA Av. Fontes Pereira de Melo, 33 1096 LISBOA Codex Telefones 56 00 15/16 56 34 51/52
Rua do Arsenal, 124-1.º – 1100 LISBOA Telefone 36 75 29
OU NAS VÁRIAS AGÊNCIAS ESPALHADAS PELO PAIS. COIMBRA — Tel 22944 • LEIRIA — Tel: 22413 • PORTO — Tel 21109 • SETUBAL — Tel: 23291 • FARO — Tel 23025 P. ROCHA — Tel 22370 • ÉVORA — Tel. 24254



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

CASA DA COMÉDIA
Rua S. Francisco de Borja, 22 (às Janelas Verdes)
ESPAÇO REMODELADO
HOJE ESTREIA
A MARQUESA DE SADE
(representada na véspera do suicídio de Yukio Mishima



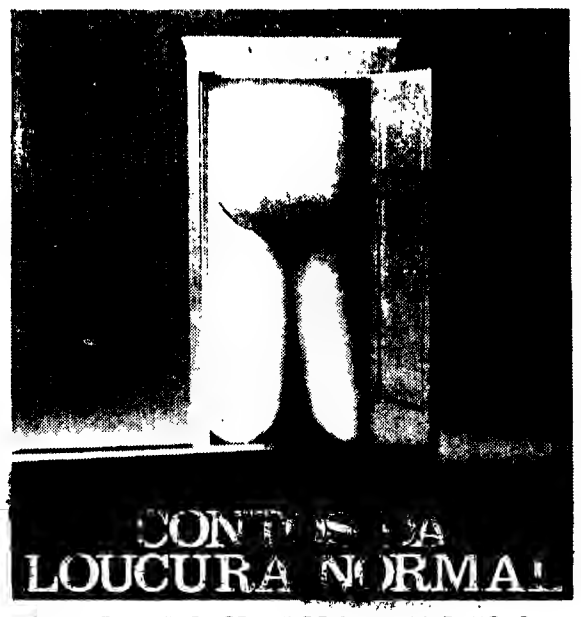
ESPECTÁCULO DE FILIPE LA FÉRIA

Com: António Cruz, João D'Avila, Rogério Samora, José Wallenstem, Miguel Martins, Durval Lucena, Juvenal Garcês e Lucinda Loureiro

Músicos: Jorge Garcia, Jorge Paria e André Sousa Machado.
Participação do cantor lírico Paulo Viana, Partitura original de José Júlio Lopes

De 3.ª a Domingo às 21h30
folga às 2.ªs feiras
Marcações pelo telef: 607299
Subsidiado pela SEC

A OBRA PRIMA DE
Marco Ferreri
COM
BEN GAZZARA · ORNELLA MUTI



CONTO DA LOUCURA NORMAL
TIRADO DO BEST SELLER DE CHARLES BUKOVSKI
"Tales of ordinary madness"

PRÉMIOS e RECOMPENSAS
Vencedor, em Italia, dos 4 Premios Nacionais «DAVID DI DONATELLO»
• MELHOR REALIZAÇÃO • MELHOR FOTOGRAFIA
• MELHOR CENOGRAFIA • MELHOR MONTAGEM

CLASSIFICADO OFICIALMENTE «FILME DE QUALIDADE»

7ª semana
agora só no quarteto
Inter a menores de 18 anos
EXCEPCIONAL EXCLUSIVO DE MUNDIAL FILMES

BREJOS DE AZEITÃO

TERRENOS A 130 C.
TELEF.: 221 17 01

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21,45 H
A CASTRO
ANTONIO FERREIRA · 2.º MÊS
ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
terça feira a sabado
AS 21,45
sábado e domingo
AS 17 H
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE
PRAÇA DE ESPANHA
SESEC TEL 72 08 18

— Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15
Teatro da Cornucopia
ORATÓRIA
uma colagem de textos de GIL VICENTE/GOETHE/BRECHT
ÚLTIMAS SEMANAS
«espantoso cenário... actores (notáveis, sem excepção)... fascinante espectáculo»
João Lopes — J.L.
Todos os dias às 21.30, dom. às 17

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 83 00 (subMCCC) (m/13)
2.º MÊS

UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO
Textos de A. R. Chiado Direcção: Helder Costa
3.ª a SÁB. 21H30. DOM. (só) 16 H.
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CIENCIA

HÁ BEBER E HÁ VIVER

Beber ou conduzir — há que decidir!

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30H.

A casa de Bernarda Alba
de Federico García Lorca

encenação
MÁRIO FELICIANO
com
(por ordem de entrada em cena)

LUCIA MARIA
FERNANDA ALVES
LUZ FRANCO
MARIA AMÉLIA MATTA
PAULA MORA
GUIDA MARIA
CATARINA AVELAR
HENRIQUETA MAYA
EUNICE MUÑOZ E
JOSEFINA SILVA

ATENÇÃO
NÃO É PERMITIDA A ENTRADA APÓS O INÍCIO DO ESPECTÁCULO

MATINÉE
AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS ÀS 16 HORAS
ESPECTÁCULO NÃO ACONS. A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª-FEIRA

«Havendo um ministro da guerra pode prescindir-se de todos os outros...O país não dá para mais!»
ANASTAS

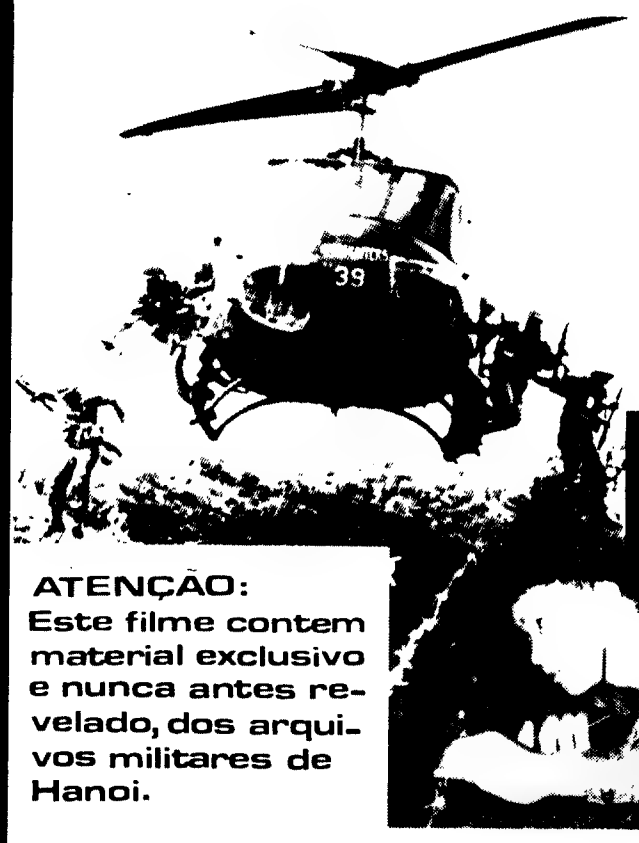
TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que por este 16.º Juízo Cível de Lisboa e 2.ª Secção, nos autos de Execução de Sentença, n.º 4082-B, que José Alves residente na Av.ª Almirante Reis, 139-1.º-Dt.º, em Lisboa move contra Urbialfa — Sociedade de Urbanização e Construções, Ld.ª, com última sede conhecida na Praça Luís de Camões, 36-4.º, Esquerdo, Lisboa, correm éditos de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a executada Urbialfa, Sociedade de Urbanização e Construções, Ld.ª, ausente em parte incerta, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzir oposição, pagar ao exequente, ou nomear bens à penhora, sob pena de se considerar devolvido ao Exequente o direito de nomeação de bens à penhora na referida execução.

O duplicado da petição inicial encontra-se arquivado na secretaria deste Juízo que será entregue logo que solicitado.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1983
O JUIZ DE DIREITO,
(assinatura ilegível)
O ESCRIVÃO ADJUNTO,
Joaquim Dias Carvalho

SENSACIONAL!
UM DOCUMENTO UNICO
VIETNAME
as duas faces da guerra



A GUERRA VISTA ALTERNADAMENTE DE CADA UM DOS CAMPOS DE BATALHA

ATENÇÃO:
Este filme contem material exclusivo e nunca antes revelado, dos arquivos militares de Hanoi.

Soldado americano: GEOFFREY BOWES
Soldado do Vietname: TOM DO-TRONG CHAU
Produção de IAN McLEOD
Produtores executivos Robert Harris and John Pozhke.

40º ANIVERSÁRIO IMF
HOJE — ESTREIA
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS
POLITEAMA

AGORA: O VERDADEIRO APOCALIPSE!

ESTREIA SIMULTÂNEA

COM O CINE — SHEZA — PORTELA

AMANHÃ — ESTREIA EM 3 CINEMAS
CASTIL quarteto quinteto
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a atravessar a rua nas passadeiras para peões

PRP
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Escalada da violência

Não vai ainda muito longe o tempo em que a RTP considerava horário bom para crianças aquele em que punha a funcionar o Topo Gígio, ou seja, logo a seguir ao telejornal.

Talvez por isso ache a hora óptima para outras ratices, como a que transmitiu ontem.

Assim, à violência da estupidez do Guedes da Vaca, fez seguir a estupidez da violência de ontem. De facto, faltavam pouco menos de 20 minutos para as nove (ainda a noite era uma criança!) quando se deu início a uma telefita de rara violência...

O crítico sente-se desarmado quando sonha com um recurso imediato. Ele confia na força da opinião pública – se não confiasse arrumava as botas, que é como quem diz, arrumava a caneta e ia por-se antes à janela a ver chover, o que, nos tempos que correm, com tanta gente a pedir chuva, é um espectáculo digno de se ver. Só que, mesmo em tempos normais, o processo é longo, entretanto os telegangsters vão fazendo mil tropelias...

A quem deve o crítico recorrer para evitar a degradação que, na TV, tende para uma escalada galopante? Quem souber alguma coisa a este respeito, avise-me, por favor.

A mistela filmada contava uma hipotética operação hitleriana para raptar o Churchill («o pior inimigo de Hitler», conforme se dizia na história...) dentro da própria Inglaterra. A coboiada atinje índices verdadeiramente alarmantes, ingleses e americanos, por um lado, alemães por outro, num cortejo de mortos de meter medo.

Ali não havia nazismos, nem democracias, enfim, essas coisas. Havia uma guerra tecnocrática, cumprida por soldados em funções próprias. Nem sequer havia aqueles combatentes civis que, estão a ver? dão logo um carácter político e social aos confrontos. É tudo gente fardada, fiel cumpridora dos seus deveres, género «juro que cumprirei com lealdade as funções que forem confiadas», estão a topar?

Até há uma altura em que o coronel alemão, fiel seguidor de Hitler, diz para os seus bravos homens. «Foi uma honra servir com vocês»...

Tudo aliás se passa gentlemaniacamente, de soldado para soldado, de oficial para oficial. Ressalta uma grande admiração por aqueles bravos hitlerianos que não se rendem!

Eu gostava era de saber como é que a televisão portuguesa arranja estes filmes. Compra-os em saldo? Há intermediário que faz negócio? São «oferecidos»? oferecidos entre aspas, claro porque o capitalismo não oferece nada, mesmo quando parece estar dando, está sempre recebendo algo em troca...

A opinião pública portuguesa certamente gostaria à brava de saber a forma de aquisição de algumas produções. A de ontem, por exemplo, bem como a da semana passada, o **Simpático Idiota,** que pareceu andar por fora de todos os esquemas comerciais. Formulo aqui uma vez mais à RTP o convite a uma explicação pública. Meus caros senhores, que diabo, quem não deve, não teme, vamos lá acabar com os incómodos rumores e desconfianças...

Mas a paixão que a RTP nutre pela violência, em qualquer das suas formas, não se manifesta apenas nas obras de ficção. Os boletins informativos estão ensopados dela. Particularmente – vejam só! – as «últimas notícias». Deve ser para acalmar...

Há dias, começaram com o retrato de Angelo Correia. A seguir, o Botha sul-africano a declarar que apoiaria todos os que combatessem «os demónios do Comunismo». Em fila: um espião soviético preso não sei onde; desordens na Polónia; tempestades não sei onde (Estados Unidos, com certeza) e incidentes de que resultaram oito mortos; não sei quê por injúrias às autoridades; violento incêndio em Vila da Ladeira, distrito de Viseu... outra preferência ultimamente manifestada pela RTP é a movimentação laboral. As greves. Mais greves. Greve da Carris, do Metro, da CP, os graves inconvenientes para a população. O Governo está a fazer todos os possíveis por accionar sistemas alternativos, etc., etc.

Ou seja: telejornal noticia as greves com as cores mais negras da sua paleta e faz realçar o papel do Governo na defesa das populações, coitadinhas. E aqui é que assenta a violência: o telejornal não dá conta de todos os esforços dos sindicatos para pôr fim à questão, não dá conta das manobras do Governo tendentes a agudizá-la.

Faz esquecer que, por muitos incómodos que a população sofra, as principais vítimas são os trabalhadores. O Governo, e não eles, é que deve sentar-se no banco dos réus.

Os esforços da RTP têm resultado infrutíferos. A população tem compreendido porque, afinal, ela não é mais do que o conjunto dos trabalhadores, deste ou daquele sector. E ela sabe que sem sacrifícios nada se consegue.

Hoje

No Programa Superestrelas, da RTP-1, poderemos ver a III parte de James Last ao Vivo em Londres

Das **13.35** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.22 **Tempo dos Mais Novos**
18.55 **Autovisão**
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – notícias do País e do estrangeiro.
20.30 **Direito de Antena** – UDP.
20.50 **Superestrelas** – James Last ao Vivo em Londres (III parte).
21.45 **Primeira Página** – programa da Direcção de Informação.
22.55 **Últimas Notícias**

2 RTP

Na RTP-2 exibe-se o 4.º episódio da série «Uma Vida, um Desafio»

18.02 **Longa Metragem**
19.30 **País, País**
19.55 **Desenhos Animados**
20.30 **Aulas de Canto e Interpretação de Elizabeth Schwarzkopf** – último programa.
21.00 **«Uma Vida, um Desafio»** – 4.º episódio. Intérpretes: John Duttine, Frank Middlemass, Patrícia Lawrence, Belinda Lang e Kim Bradem. Produtor: Ken Riddington.
22.00 **«Cabocla»** – 92.º episódio.
22.30 **Jornal da Noite**

Amanhã

1 RTP

08.00: Bom Dia Portugal; **09.30**: Desenhos Animados; **10.30**: «Amor num Clima Frio»; **11.30**: Artistas – Fernanda Maria; **12.00**: «Baila Comigo»; **13.00**: Jornal da Tarde; das **13.35** às **17.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.20**: Tempo dos Mais Novos; **18.55**: Alimentação e Saúde; **19.20**: Tur/83; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Querida Televisão; **21.00**: Recreativo; **21.30**: «A Balada de Hill Street» – 1.º episódio; **22.35**: Últimas Notícias.

2 RTP

18.00: «Conquistadores das Filipinas»; **19.30**: País, País; **19.55**: Desenhos Animados; **20.20**: Imagem das Letras; **21.00**: Festa da Música – com Ana Caiana; **21.30**: «Quendo Roch»; **22.00**: «Cabocla»; **22.30**: Jornal da Noite.

GRANDE PROMOÇÃO

DESCONTOS DESDE 50%

EM DISCOS E CASSETES

ATÉ FINS DE FEVEREIRO

DISCOTECA FILINTO

AV. 5 DE OUTUBRO, 53-A — LISBOA
TEL.: 53 50 40

SAAGA

SOCIEDADE AÇORIANA DE ARMAZENAGEM DE GÁS

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada
Sede: Instalações da Nordela
PONTA DELGADA, S. MIGUEL, AÇORES

CAPITAL SOCIAL: 12 000 000$00

Assembleia Geral Ordinária

CONVOCATÓRIA

São convocados os Senhores Accionistas para se reunirem em Assembleia Geral Ordinária no Hotel de S. Pedro, sito na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, Açores, no dia 31 de Março de 1983, pelas 11.00 horas, a fim de:

1.º – Discutirem, aprovarem ou modificarem o relatório e contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1982;

2.º – Procederem às eleições para os lugares vagos nos Corpos Sociais.

O exercício do direito de voto na Assembleia Geral cabera aos Accionistas cujas acções se encontrem registadas na sociedade ou depositadas numa instituição de crédito, nos termos do Decreto-Lei n.º 150/77, de 13 de Abril, com observância do prazo fixado no Artigo 18.º dos Estatutos.

O 2.º SECRETÁRIO
DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Nuno de Brito e Cunha

Ponta Delgada, 17 de Fevereiro de 1983.

SOCIEDADE DE INSTRUÇÃO E BENEFICÊNCIA

A VOZ DO OPERÁRIO

SEDE: Rua da Voz do Operário, 13
Telefone P.P.C.A. 86 21 55
LISBOA — PORTUGAL

1.º CENTENÁRIO

Convidamos todos os associados e amigos de «A Voz do Operário» a participarem na Sessão Solene comemorativa do 100.º. Aniversário, a realizar no dia 26 de Fevereiro, pelas 21 h. 30 m., na sede social, com o seguinte:

PROGRAMA

1.ª parte — Descerramento do busto de Custódio Brás Pacheco, fundador de «A Voz do Operário» no átrio do edifício.

2.ª parte — Sessão Solene, no salão de festas, com
- Apresentação da Comissão de Honra
- Palestra sobre a história de «A Voz do Operário», pelo dr. Fernando Piteira Santos
- Atribuição de medalhas à Comissão de Honra e condecoração de trabalhadores e associados mais antigos

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP
James Last ao Vivo em Londres
(20.50)

2 RTP
«Uma Vida, um Desafio»
(21.00)

...e sugere para hoje...

2 RTP
(episódio n.º 94)

Justino fica orgulhoso ao saber por Xexéu da actuação de Neco no comício. Julieta, Mariquinha e Neco ficam espantados quando Justino lhes conta que Pepa vai casar com ele, mesmo pensando que ele não tem nada. Luís promete ajudar Boanerges a traçar um plano para anular as investidas de Neco. Bina fica preocupada quando Zuca lhe conta que Luís quer casar o mais depressa possível. Justino prepara-se para ir buscar Pepa, dizendo que quer os filhos presentes no casamento. Luís tenta demover Macário de fazer um escândalo no casamento de Justino. Zuca diz a Pepa que não deveria ir para a igreja vestida de noiva, porque nem pode imaginar o que a espera.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

«Sopinhas de Mel», de Teresa Rita, com encenação de Jorge Listopad, está agora no Porto para uma curta série de representações

Teatro

«Sopinhas de Mel», de Teresa Rita, com encenação de Jorge Listopad, por finalistas do Conservatório Nacional, está até ao dia 27, na Sala dos Modestos, no Porto. Foi um convite do Grupo 'Cena', que estará em Maio em Lisboa com o seu belo espectáculo «Leôncio na», que há dias cessou a sua apresentação no Porto.

No TEP continua a peça de John Arden «Viver como Porcos», na sua sala da Escola Académica, à Rua do Pinheiro, no Porto. Peça polémica de um autor quase desconhecido entre nós.

Ópera

«As Guerras de Alecrim e Mangerona», sobre o liberto de A. J. da Silva (O Judeu), pelo Círculo Portuense de Ópera, estreou ontem no Teatro Circo de Braga, em início de temporada e de digressão daquele círculo por diversas localidades nortenhas. Guimarães (hoje, no Jordão) e Viana do Castelo (dia 25, no Sá de Miranda), Porto (28, no Carlos Alberto) e Póvoa de Varzim (2 de Março, no Teatro Garrett) são as outras localidades desta série. A direcção é do maestro G. Anglebe e a encenação de Couto Viana.

«Subsídios para a história da Amadora»

«Subsídios para a história da Amadora» é um pequeno livro do já falecido amadorense António dos Santos Coelho. Editado pela Câmara, vai ser lançado amanhã, às 21 horas, no salão de conferências do município, numa sessão em que haverá intervenções de Piteira Santos e Orlando Gonçalves.

Música

A programação do Hot Clube de Portugal para este fm-de-semana compreende uma série de concertos por João Corinha (saxofone soprano), Manuel Paulo (piano), David Gausden (contrabaixo) e Paleka (bateria). Sessões hoje, amanhã e no sábado, às 10.30 e às 0.30 horas.

O cantor uruguaio Jorge Bonaldi estará no Porto amanhã, sábado e domingo, onde dará três recitais na Sala do Realejo à Rua dos Mercadores, 136 (à Ribeira) todos com início às 22 horas. Os bilhetes estão à venda no local e na «mc-discoteca» na Rua Passos Manuel, 134-1.º. As marcações podem ser feitas pelos telefones 383642 e 25402.

Esta vinda de Jorge Bonaldi a Portugal é uma iniciativa conjunta da Cooperativa «O Realejo» e da revista de música popular «mc/mundo da canção».

Jorge Bonaldi, um dos nomes mais representativos do canto popular uruguaio acaba de realizar uma digressão por algumas cidades de Espanha e vem directamente de Madrid para efectuar, antes de regressar ao Uruguai, esta série de recitais na sala do Realejo transformada para o efeito em espaço de café-concerto e que vai ser pequena para albergar todos aqueles que na cidade Invicta dão a sua melhor atenção à música e aos intérpretes da América Latina.

A Tuna Académica de Coimbra, no prosseguimento da série de espectáculos que integram o II Ciclo de Música Instrumental, vai organizar hoje, às 21.30, mais um concerto no Gil Vicente. Na primeira parte, actua um duo de piano e flauta transversal, composto por Henrique Canelhas e Mota Lopes; na segunda, a Tuna Académica executa obras de Carlos Seixas, Frederico de Freitas, Fisher, Raposo Marques, Bach, Vibaldi e Michael Haydn, sob a direcção do maestro prof. Tobias Cardoso (Paulo Vaz de Carvalho tocará ainda várias peças em guitarra clássica); na terceira, actua o Quarteto de Guitarras de Coimbra formado por António Brojo, António Portugal, Aurélio Reis e Luís Filipe.

Exposições

O artista Amaral da Cunha apresenta uma exposição de gravura e escultura em bronze, mármore e granito na Galeria Quadrum (R. Alberto de Oliveira, Coruchéus, Alvalade). A mostra permanecerá patente ao público até 11 de Março de 1983, podendo ser visitada todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19 horas (excepto aos domingos), e aos sábados das 15 às 19 horas.

Pintores Portugueses de Paris na Alliance Française. De 25 de Fevereiro a 24 de Março, estará patente no «Espace Alliance» uma exposição de telas de pintores portugueses radicados em Paris: Manuel Amorim, Pedro Avelar, Augusto Barros, Adelaide Cad'Oro, Manuel Cargaleiro, Lourdes de Castro, Gonçalo Duarte, Eduardo Luís, Jacinto Luís, Júlio Pomar, Vieira da Silva e José David. O «Espace Alliance» fica na R. Braamcamp, 13-1.º, onde a mostra poderá ser visitada de 2.ª a 6.ª-feira, das 10 às 20 horas.

JAIME AUGUSTO BORDALO JÚNIOR

MISSA DE SÉTIMO DIA

Os seus familiares informam que será celebrada missa de sétimo dia amanhã, dia 25, pelas 18.30 h, na Igreja de N.ª Sr.ª da Conceição (Olivais Sul).

Em ALVERCA o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA LUSA
Rua Joaquim Sabino Faria, 16

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	65$95	71$95
ALEMANHA FED (marco)	37$75	38$85
AUSTRIA (xelim)	5$25	5$45
BELGICA (franco)	1$741	1$941
BRASIL (cruzeiro)	$083	$183
CANADA (dolar notas de 1 e 2)	74$20	76$20
(notas de 5 a 1000)	74$70	76$70
DINAMARCA (coroa)	10$60	11$00
ESPANHA (peseta)	$686	$786
EUA (dolar notas de 1 e 2)	91$45	93$45
(notas de 5 a 1000)	91$95	93$95
FINLÂNDIA (marka)	16$95	17$55
FRANÇA (franco)	13$30	14$00
HOLANDA (florim)	34$15	35$15
INGLATERRA (libra)	139$20	143$20
IRLANDA (libra)	125$75	129$75
ITALIA (lira)	$059	$069
JAPÃO (iene)	$354	$389
NORUEGA (coroa)	12$25	12$25
SUECIA (coroa)	12$80	13$30
SUIÇA (franco)	44$95	46$05
VENEZUELA (bolivar)		

Observações.
1 – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil**

rádio

Antena Um

17.00: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: «Cristo Recrucificado», original de Nikos Kazantzaki; **20.15**: O espaço é seu; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Viva a noite – Antena 1 no Casino Estoril; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares as **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00**, **22.00** e **23.00** horas.

Programa 2

17.00: Os olhos férteis; **17.30**: Música de piano, para novos e velhos, de Nielsen; **17.55**: Transmissão directa do Teatro da Trindade em Lisboa, do concerto promovido em colaboração com a Embaixada de Israel, pela Orquestra Sinfónica da RDP; **19.45**: Sonatina em ré maior, n.º 1, de Schubert; **20.10**: Para além da leitura; **21.00**: Mesa redonda; **23.00**: Quarteto n.º 1, em ré maior, op. 11, de Tchaikowsky; **23.28**: Música vanada; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Sortido fino; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Mensagens bíblicas – diálogo; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Musicando; **21.00**: Abandajazz; **22.00**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Grande círculo; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

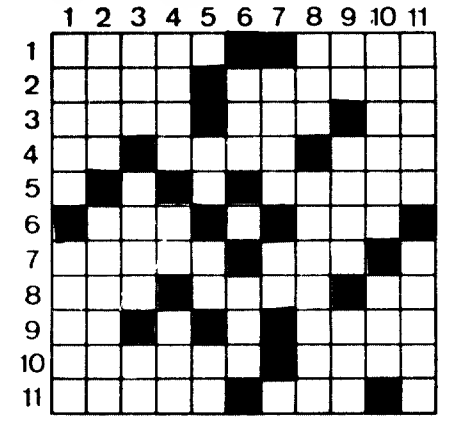
Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama.

Tiragem media diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 670



HORIZONTAIS

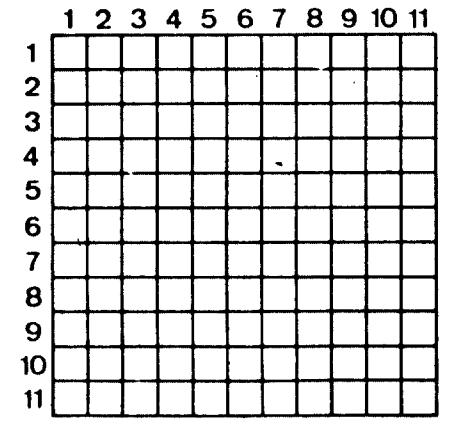
1 As duas juntas. Gavinhas.
2 Em mais alto grau. Representara o valor de.
3 Cidade da Argélia. Enguia. Actínio (s.q.).
4 Rénio (s.q.). Brame. Nome de letra
5 Refegos
6 Imensidade Conjunção
7 Enxugai. Oferecer.
8 Cidade da África Ocidental Francesa, na margem do Níger Verdadeiro. Abreviatura de mister (senhor).
9 Interjeição que exprime admiração. Cantor entre os Gregos.
10 Ressonas. Tempo do verbo ir.
11 Em má hora (ant.). Pega.

VERTICAIS

1 Nome de fruto. Fechara as asas para descer mais depressa.
2 Oportunidade. Mais bom.
3 Grande árvore da Índia. Armadilha. Em a.
4 Guarneceu de asas. Batráquio. Mil e novecentos em romano
5 Reis. Iridio (s.q.). Autores.
6 Contemplar. Aqui está.
7 Lavrar. Quinto filho de Jacob.
8 Gavinha. Meteis em mala.
9 Vê. Mãe de Ismael. Época.
10 Oráculos. Mil quinhentos e um em romano.
11 Bolsas. Pães de milho

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9520



HORIZONTAIS

1 Vestir com farda. Espécie de embarcação asiática.
2 Herdade delimitada por marcos. Mantos.
3 Nome de mulher. Nome da primeira mulher.
4 Pronome pessoal. Celebra em verso. Carta de jogar.
5 Caluniariam.
6 Mililitro. Cidade dos Países Baixos.
7 Grego (abrev.). Desgraça. Achaque. Lavrar.
8 Encoleriza. Espera deferimento.
9 Sentidas condolências. Suplicar. Moderato.
10 Sensibilizaram. Forma apocopada e proclítica de vale.
11 Artigo definido. Grande distância (fig.).

VERTICAIS

1 Banquete. Consumo.
2 Lavrais. Opulentos.
3 Grande quantidade. Sua Majestade.
4 Tranquilizaram.
5 Antigo Testamento. Antes de Cristo. Agora.
6 Ruténio (s.q.). Em a. Deixar em testamento.
7 Sustenta. Carta de jogar.
8 Letra grega. Ópera de Verdi.
9 Acético. Elemento que entra em algumas palavras com o significado de ar. Verso.
10 Limpar com água. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
11 Pegas. Arrulha (pop).

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13 659

HORIZONTAIS:
1 Má. Fó. Calem
2 Abro. GALO.
3 Trair. Ferir.
4 Ais. Anis. Ao.
5 Saim. As.
6 Roa. BOM.
7 Rã. Sr. Ga.
8 Imã. Iamos.
9 NUNCA. Arara.
10 Arco. Cedi.
11 Soara. Vasos.

VERTICAIS:
1 Mata. Trinas.
2 Abris. Amuro.
3 Rasar. Anca.
4 FOI. Ios. Cor.
5 Ramaria.
7 Fimbria.
8 Ages. Arca.
9 Lar. Am. Mães.
10 Elias. GORDO.
11 Moro. Casais.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9519

HORIZONTAIS
1 Atum. Puras.
2 Sãs. Nicos.
3 Sevilha. Lu.
4 Maria. Ata.
5 Os. Lás. Amar.
6 Reme. Tira.
7 Gr. Terras.
8 Selar. Ps.
9 Pesarias.
10 Cor. Sátiras.
11 Aras. Sassas.

VERTICAIS
1 Ás. Corgo. Ca.
2 Tas. Ser. Por.
3 Usem. Será.
4 Valetes.
5 Mira. Elas.
6 Listaras.
7 Unha. Irrita.
8 Ria. Ará. Ais.
9 Ac. Amas. Srs.
10 Solta. Aa.
11 Suarias. SS.

Proverbio: Galo bom nunca foi gordo.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
– N. ac. men. 13 a.
ROADIE

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

10.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE

10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português

11.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 24
OS RAPAZES DA COMPANHIA C

CITY CINE 49999

R. Tomás Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
24.ª Semana

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO
– Int. men. 13 a.
3.ª Seman
Às 24
FORT APACHE, THE BRONX

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O TIGRE EM FÚRIA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO
2.ª Semana

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
ADEUS AMÉRICA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
MAD MAX 2, O GUERREIRO DA ESTRADA

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
A agressão do amor que desponta, desejo implacável da paixão adolescente!
O PADRASTO
c/ Patrick Dewaere

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30 e 19
AS QUENTES NOITES DE CALÍGULA
Às 21.30
VIETNAME, AS DUAS FACES DA GUERRA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CAÇADA DE DUROS
Às 24
O FUGITIVO DA ILHA DO DIABO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Estreia às 21.30
O ENTE MISTERIOSO
Às 15.15, 18.15 – Ultimas
O GRANDE DESAFIO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.30, 18 e 21.30
N. acons. m/13 anos
EFFI BRIEST

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
GARDÊNIA, O INDOMÁVEL

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men 13 a.
SEM SOMBRA DE PECADO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 24
O MEU TIO

SALA 2
Às 14, 16, 18, 20 e 22
– N. ac. men. 18 a.
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
O ANJO DO ROCK

SALA 3
Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores de 18 anos
ANDREI RUBLIOV
Às 00.30
AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE

SALA 4
Às 14.30, 17.45 e 21
– Int. men. 13 a.
AO CORRER DO TEMPO
Às 00.15
A LESTE DO PARAÍSO

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
QUARTO DE HOTEL
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A FELINA

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
c/ Nick Nolte
6.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
6.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
10.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA
Domingo às 11.15 – Para Todos
FESTIVAL PANTERA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
24.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
CHRISTIANE F.
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
PRIMAVERA PERDIDA
3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «Christiane F.», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Sexo Brutal», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «Supermundo das Bacanais», sessões permanentes (18 anos)
ROYAL – «A Troca», às 21.30 (13 anos)
2000 – «O Dragão Invencível Ataca», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Última Perseguição», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «A Desforra do Vietname», às 21.30 (18 anos)
ZODÍACO – «A Última Loucura de Mel Brooks», às 21.30 (6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Casa do Lago», às 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Woodstock», às 21,15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Doido por Ela», às 21.15 (18 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «Os Cinco Dedos da Morte», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Amarcord», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «A Ratoeira», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «Encontro Fatal», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Sindicato do Suborno», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «A Esfinge», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Sindicato do Suborno», às 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Gerações em Conflito», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Desforra do Vietname», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «Campo Infernal das Mulheres Perdidas», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Mais Bela História de Amor», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cinestúdio Flores – «O Fugitivo», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Brigada Mundana», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «A Liceal, o Diabo e a Água Benta», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Raiva Silenciosa», às 21.30 (18 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «A Mais Bela História de Amor», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «Comandos, Operação Leopardo», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Um Casanento», às 21.15 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO – «Fruto Proibido», às 21.30 (13 anos)
TERÇO – «O Rapto do Presidente», às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN – «O Tubarão», às 21.30 (18 anos)
ESTUDIO – «O Espião Implacável», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «O Dragão Negro Entra na Dança», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Yol, Licença Precária», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Christiane F.», às 21.30 (18 anos)
SAO JOAO – «E. T.. o Extraterrestre». às 21.30 (6 anos)
CHARLOT – «O Palco da Vida», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos». às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Momentos Intimos», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIZ – «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «A Face do Poder», às 21.45 (18 anos)
ÁGUIA –20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «Noites Escaldantes», às 21.45 (18 anos)
BATALHA – «Caçada de Duros», às 26.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T.. o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
LUMIÈRE-A – «Sem Sombra de Pecado», às 21.30 (18 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA: Pereira, Suc., R. Paraíso, 98-100 (T. 863224); **ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro**, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma**, Av. Duque d'Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA: Avis**, Av. de Roma, 46-B-C (T. 895370); **CAMPOLIDE - SETE RIOS: Nova**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **INFANTE SANTO: Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Gémy**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 780342); **OLIVAIS SUL: Fernandes Borges**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento c/ R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C. Sacramento (T. 609111); **PENHA DE FRANÇA: Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA: Luzmar**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO: São Mamede**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel; **PONTINHA: Cruz Correia**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Reis, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882308); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sirius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CALHARIZ DE BENFICA: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12 (T. 743871); **CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro**, R. Campo D'OURIQUE, 133 (T. 686640); **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **SANTOS: Fontoura Carvalho**, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRANDOA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). **Até às 22 horas; ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). **Até às 22 horas; MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás**, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Permanente; **OEIRAS: Godinho**, R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho de Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Brandão**, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 276356). Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Chal**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **BARREIRO: Higiénica**, R. D. Manuel I, 178 (T. 2073017). Permanente; **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 31 (T. 2212923); **SEIXAL: Alves Velho**, L. Camões, 7, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETÚBAL: Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 2. Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueira, 169. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 970231). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726). Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 9230832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 2-A (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463; **SERPA PINTO**, R. de Serpa Pinto, 645; **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1078; **SANIL**, R. do Paraíso, 214; **SARABANDO**, L. dos Lóios, 36.

DE DIA E TODA A NOITE

GARANTIA, R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO**, Campo Mártires da Pátria, 152; **GUERRA**, R. de Costa Cabral, 43; **INVICTA**, R. do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA**, Av. da Boavista, 1016.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

FIGUEIREDO, R. da Sofia, 107-109 (T. 22837); **DIAS FERREIRA**, B. do Solum (T. 72120).

teatros

Lisboa

COMUNA – «A Castro», às 21.45 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «Oratória», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei Nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
SÃO LUIZ – Companhia Nacional de Bailado, às 21.30 (6 anos)
D. MARIA II – «A Casa de Bernarda Alba», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – Sala Experimental – «Ano IV D. C.», às 21.45 (13 anos)
A BARRACA – «Um Dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
VARIEDADES – «Há mas São Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MONUMENTAL – «As Taradas», às 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Suicidário», às 21.30 (13 anos)
ABC – «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Porto

SÁ DA BANDEIRA – «Pai Precisa-se», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE – «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20854/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

tempo

O TEMPO
MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
0.22	3,7 m	6.20	1,3 m
13.00	3,7 m	18.41	1,3 m
Dia 25			
1.22	3,9 m	7.17	1,0 m
13.55	3,9 m	19.33	1,0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	12°
PORTO	14°
PENHAS DOURADAS	7°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	14°
ÉVORA	12°
BEJA	13°
SAGRES	15°
FARO	15°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	17°

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS [illegible] HORAS DE AMANHÃ

[illegible]

últimas

Amílcar Romano e Rodarte de Almeida indultados pelo PR

Amílcar Romano, João Rodarte de Almeida e José Manuel Pinto, três dos detidos ligados ao «Caso PRP», abrangidos pela comutação de penas decidida pelo Presidente da República, no âmbito das festividades do Natal e do Ano Novo, e cuja lista é hoje publicada na folha oficial, deverão sair nos próximos dias em liberdade. Na opinião da direcção do PRP, a libertação próxima dos seus três militantes foi consequência da luta por eles travada, a qual «passou por sucessivas greves de fome». Recorde-se que, numa altura em que Amílcar Romano encetava o 39.º dia de greve de fome, o Presidente da República tomou uma posição pública em relação ao caso, através de uma comunicação lida na RTP pelo seu porta-voz, Joaquim Letria, no qual apelava ao Governo e aos três grevistas no sentido de se encontrar uma via que conduzisse ao desbloqueamento da situação. «Entende o Presidente da República – lia-se na comunicação – que teria sido preferível encontrar em sede própria e com a celeridade conveniente as soluções que se impunham de modo a evitar o recurso a meios extremos. (...) Ao formular este apelo o Presidente da República não pode prometer um perdão fora dos termos e dos limites que lhe são conferidos pela Constituição» E foi o que aconteceu.

A presente comutação abrange 21 reclusos, incidindo sobre penas aplicadas tanto nos Tribunais Civis como nos Tribunais Militares.

●

PEQUENOS CONTRABANDISTAS DE CAFÉ foram esta noite detidos pela PSP na Quinta do Cardim, junto à passagem de nível de Campolide. Em seu poder foram-lhes encontrados três volumes com 127 quilos de café «Especial cubano» em embalagens de 500 gramas, que seguiriam esta manhã para Espanha num comboio a sair de Campolide. Os contrabandistas de «via reduzida», Joaquim Diogo, de 60 anos, Manuel Matos, de 47, electricista e António Casqueira, de 45, serralheiro, estranharam o aparecimento da Polícia, dado que há já 3 anos, vinham praticando aquele pequeno contrabando sem qualquer incómodo por parte das autoridades.

Os nomes trocados de dois colaboradores de «Le Monde»

Uma leitora advertiu-nos de uma involuntária troca de nomes de autores de artigos traduzidos do jornal francês «Le Monde» que, em exclusivo, como sabeis, publicamos. Com efeito na edição de 17 de Fevereiro atribuimos ao padre Dominicano M. D. Chenu a autoria do artido «Um Concílio profético» de que, realmente é autora a freira dominicana Marie Dominique Chenu.

Aqui fica a rectificação com os nossos pedidos de desculpa, aos dois dominicanos e aos leitores.

É o governador civil a denunciar...

Gado espanhol doente entra na região da Guarda

O governador civil da Guarda, Vasco Rodrigues, denunciou a entrada de gado espanhol doente através das fronteiras da região.

Vasco Rodrigues falava no decorrer da assembleia distrital, ontem realizada e à qual presidiu, tendo acrescentado que as reses entradas padecem de tuberculose e aftose.

Frisou também a existência de matadouros na área da Guarda que funcionam ilegalmente.

Sobre as vias de comunicação regional e meios de informação, o governador civil da Guarda defendeu a abertura do Emissor Regional da Radiodifusão Portuguesa nesta cidade.

Manifestou o empenhamento de membros do Governo neste processo e classificou o seu funcionamento como uma «pedra necessária para o desenvolvimento regional».

Este problema será debatido hoje, em Lisboa, entre Vasco Rodrigues e o secretário de Estado da Administração Interna, Roberto Carneiro.

O chefe do distrito defendeu também a construção de um aeródromo na área da cidade da Guarda.

Baseou a sua posição nas eventuais utilizações do campo nos domínios da protecção civil, socorro a incêndios florestais e escoamento rápido de produtos regionais.

Referindo contactos junto da Comissão de Coordenação da Região Centro, em Coimbra, Vasco Rodrigues afirmou que, na opinião daquele órgão, a construção do aeródromo não foi viabilizada por questões económicas, relativas à carreira dos Transportes Aéreos Portugueses.

O presidente da Câmara de Figueira de Castelo Rodrigo denunciou, entretanto, o eventual encerramento da fronteira de Barca d'Alva, neste distrito.

A apresentação para aprovação, nesta assembleia, de um estatuto de interioridade foi adiado dado que, disse o governador civil, estão a ser realizados estudos para a sua feitura.

A assembleia distrital elegeu ainda os presidentes das Câmaras de Fornos de Algodres, Figueira de Castelo Rodrigo, Gouveia, Manteigas e Seia para membros do conselho distrital.

Abolição dos exames do 12.º ano e taxa de 25 escudos em processos na Provedoria

Passados que são dois meses do princípio do ano, e feito que está o balanço de 1982, o Serviço do Provedor de Justiça entrou já na sua maratona anual contando, à partida, com 2223 processos que transitam de anos anteriores, dos quais 1224 foram organizados em 1982. Para além destes, o provedor tem entre mãos, processos «frescos» dos quais, a título de exemplo, foram ontem apresentados dois, num encontro entre a Imprensa e o «ombudsman» português, conforme noticiámos, e que respeitam à abolição dos exames do 12.º ano e ao estado de degradação do Plácio de Estói, no Algarve, considerado como património nacional.

Pendentes estão ainda, no Serviço do Provedor de Justiça, seis processos respeitantes a pedidos de declaração de inconstitucionalidade que aguardam, para serem apresentados, o início das actividades do Tribunal Constitucional. Está, entre eles, o processo respeitante à portaria do Ministério dos Assuntos Sociais que estabelece o pagamento de 25 escudos por receita médica. Também pendente, devido à dissolução da Assembleia da República, está a aprovação de um estatuto elaborado pelo provedor e que visa introduzir alterações às leis que actualmente regem a instituição. O estatuto, que chegou a ser entregue ao prsidente da Assembleia e aos grupos parlamentares, diz fundamentalmente respeito, segundo afirmou ontem o provedor, à situação dos assessores que trabalham no seu serviço e, também, à estipulação de sanções que se apliquem aos serviços públicos que não prestem a colaboração que lhes é solicitada pelo provedor ou não acatem recomendações deste.

No encontro ontem realizado, o provedor de Justiça salientou uma vez mais o «papel relevante» da Imprensa na divulgação da instituição e o facto de serem os órgãos de Comunicação Social um dos principais veículos de informaçaõ do provedor, através do qual toma «conhecimento de situações que, cabendo na sua competência, dão ensejo à organização de processos de iniciativa própria. No entanto, o provedor viria a referir que, em 1982 «não foram poucos os casos em que órgãos de Comunicação Social afectaram os direitos ao bom nome e reputação tanto de cidadãos como de instituições». O «ombudsman» português viria, contudo, a salientar que a «apreciação dos resultados do I.º Congresso Nacional dos Jornalistas» o levaram a verificar que «a generalidade dos jornalistas e órgãos de Comunicação Social repudia tais métodos de actuação».

Vega processa Lobo Antunes

A Editora Vega intentou um processo judicial contra António Lobo Antunes por afirmações deste escritor, informou ontem um responsável da empresa.

«Lobo Antunes terá dito publicamente que a Editora Vega lhe fez toda a espécie de pulhices», assinala Assírio Bacelar numa nota à Imprensa intitulada «Uma Questão de Dignidade».

Abstendo-se de comentar «o nível e o grau de dignidade da linguagem do escritor», o responsável da Vega lembra ter sido esta editora que, «em período difícil para a cena literária portuguesa», lançou o autor de «Os Cus de Judas».

Assírio Bacelar assevera que a sua editora «nunca falhou os seus compromissos com o autor».

Dado que Lobo Antunes «preferiu desrespeitar os seus» (compromissos), a Vega «entende que, num país de leis, o tribunal é o local mais adequado para resolver em última instância», lê-se na nota distribuída pela editora.

Para Assírio Bacelar, «estando a decorrer um processo em que a Vega já contestou judicialmente o cenário de António Lobo Antunes, é estranho que este autor enverede agora pelo caminho do ataque desequilibrado e da provocação».

Reunião Geral dos Agentes da SPA

Hoje e amanhã efectua-se a I Reunião Geral dos Agentes da SPA. Orientados por Luís Francisco Rebelo, pres dente do Conselho Director da Sociedade Portuguesa de Autores, os trabalhos terão a participação do administrador-adjunto. Rogério Bracinha, do chefe dos Serviços de Inspecção e Fiscalização, Lopes Victor, do chefe dos Serviços e subchefe do sector de Execução Pública/Agências, respectivamente Maria Emília Falcão e José Manuel Ferreira de Almeida e dos agentes nacionais da SPA. Estes últimos visitarão as instalações da sede, participarão num «cocktail» ao fim do primeiro dia de trabalhos e assistirão a um espectáculo de teatro previamente escolhido pelos próprios. No final do segundo dia de trabalhos, que terão lugar no Auditório da SPA, e que terão como finalidade primordial a uniformização de critérios relativos à cobrança dos direitos de autor

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL.

1.º PRÉMIO – 36 380 – 42 000 CONTOS
2.º PRÉMIO – 35 406 – 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO – 62 053 – 3 000CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA – PORTO – BRAGA – AVEIRO – COIMBRA – SETUBAL – FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
36.379 – 513 000$00
36.381 – [illegible]

PRÉMIOS DE [illegible] CONTOS

00.540;	02.938;	04.780;	06.001;	06.125;	08.662;	11.642;	13.347;	15.647;
16.556;	22.001;	23.901;	25.021;	25.621;	25.801;	30.112;	34.265;	34.301;
34.905;	40.001;	42.583;	45.355;	46.055;	48.451;	49.703;	51.400;	55.750;
56.662;	58.346;	58.597;	59.288;	59.588;	65.171;	67.032;	68.652;	72.842;
73.039;	75.650;	77.807 e 79.205.						

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18 000$00 – 054; 078; 322; 387; 424; 487; 625; 753; 902 e 993.
15 000$00 – 053; 380 e 406.
6 000$00 – 05 e 59.
3 000$00 – 0 (terminação)

PRÉMIOS DE 6 000$00 (CENTENAS)

35.401 a 35.500; 36.301 a 36.400 e 62.001 a 62.100.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 24/8/83

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Seis quilómetros de óleo na costa algarvia

Uma mancha de produtos oleosos com cerca de seis quilómetros de comprimento foi ontem detectada nas praias da zona de Armação de Pêra e Senhora da Rocha, deslocando-se em direcção à costa por efeito da ondulação do vento de Sudoeste.

Em missão de observação, o navio-patrulha «Quanza» verificou que ela se situava na esteira de um navio mercante espanhol, o «Loredo», que seria posteriormente inspeccionado.

O «Loredo», que rumava em direcção ao estreito de Gibraltar, e está registado no porto de Santander, foi detectado 12 milhas a Sudoeste do cabo de Santa Maria.

Um oficial e vários elementos da guarnição do «Quanza» entraram a bordo e recolheram amostras dos tanques do navio, para comparação com as já recolhidas no mar, devendo os resíduos ser agora analisados pelo Instituto Hidrográfico.

Na sequência desta inspecção, ter-se-á verificado que o livro de registo de descarga do «Loredo» não se encontrava actualizado, e que tinha sido feito num dos seus tanques uma descarga de cem mil litros de água suja, utilizada como lastro e limpeza.

Um informador do Estado-Maior da Armada declarou mais tarde à ANOP que a situação não apresentava ainda gravidade, mas que tinham seguido para o local técnicos de serviço de combate à poluição do mar da Marinha de Guerra portuguesa.

Ainda segundo a ANOP, a mancha estaria a dissipar-se lentamente, não se prevendo que viesse a atingir a costa.

A actuação do navio de guerra português insere-se no âmbito da convenção «Olilpol-54», de que Portugal e Espanha são partes contratantes.

Segundo esta convenção, compete ao Estado representado no pavilhão do navio aplicar as sanções decorrentes de infracções praticadas a partir do processo elaborado pelas autoridades marítimas do país autuante, processo a enviar por via diplomática.

O «Loredo» prosseguiu viagem.

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
Suplemento literário
N.º 99 ● 24 de Fevereiro de 1983

GEÓMETRA

Pedro Alvim

De teus olhos, dois pontos, um triângulo
só de vê-los construo. Ei-lo no ar
do peso que não tem. Algures em mim
o vértice que tu não mais descobres!

Só triâng'los teimo, só medidas
que de mim t'aproximem ponto a ponto:
até do teu silêncio quantas linhas
ao meu silêncio chamo que não ouves...

Que geómetra sou porque te amo
não o sabes tu, não. Se o souberas
já na teia de triâng'los atentaras

– e tua fuga de mim não mais seria
tão de recta. Enfim: só mil triâng'los
eu de ver-te construo que tu não vês!

Uma semana com Borges

Convidado pelo Presidente da República francesa e pelo ministro da Cultura, o escritor argentino Jorge Luís Borges passou dez dias em Paris. Durante a estadia, deu uma «lição-conferência-diálogo» no Colégio de França e foi depois admitido como membro do Instituto de França, na qualidade de associado estrangeiro da Academia das ciências morais e políticas. François Mitterrand condecorou-o no Eliseu com a fita de comendador da Legião de Honra. François-Marie Banier, que o acompanhou, resume para os nossos leitores alguns instantâneos deste Borges parisiense.

«É o único homem que eu desejaria ter sempre a meu lado», disse Yves Bonnefoy acerca de Borges ao recebê-lo no Colégio de França. Borges conserva-se direito, de bengala preta na mão – uma bengala que lhe deram em Dublin, onde esteve há meses no centenário de Joyce. Com a cabeça um pouco inclinada para trás, os seus olhos enormes já não buscam a luz. Quando move a cabeça já não encontra rostos, encontra vozes. Estende a mão e logo sentimos a suavidade de um ser. A seu lado, Maria Kodama, a sua colaboradora, uma amiga. É jovem e muito bonita; conheceu-a quando ainda ela era uma criança. Maria tem o cabelo grisalho; seu pai é japonês e sua mãe argentina: fala melhor a língua dos saxões que o francês.

Antes da «lição» no Colégio de França, alguns escritores raros e secretos vieram saudar Borges e sentar-se junto a ele num salão: Henri Michaux, enrolado num manto-capa, comprido, aos quadrados castanhos, de óculos de sol na mão, com o crânio calvo e brilhante, uma ave lunar. Recordam um escritor perseguido na Argentina: Michaux pergunta a Borges se ainda pode lá trabalhar. «Vou existindo – responde ele –, tenho menos realidade que um cantor de fama local. Sou apenas um escritor». «Isso é útil», respondé Michaux. «Sim, quando não, não estaria aqui», diz Borges sorrindo. « Que quer que eles façam contra mim? Poderiam meter-me numa prisão? Antigamente, quando a Argentina era um país culto, talvez, mas agora já não corre perigo nenhum. Sou apenas um poeta, cego: sou simplesmente pitoresco».

Vira-se para outra voz: «Estou convencido de ser uma superstição, mais que qualquer outro. Falam-me muito, hoje em dia, de suicídio. As pessoas pensam talvez que eu me devia matar... – Há exemplos: Séneca, Petrónio, Virginia Woolf. Traduzi o **Orlando** como traduzi **As palmeiras selvagens.** Quando era director da Biblioteca de Buenos Aires e havia quem roubasse livros, eu sentia-me satisfeito: isso era a prova de que queriam lê-los. Organizar uma biblioteca é uma maneira silenciosa de exercer a arte da crítica».

Cioran, de cara brincalhona, veio por sua vez sentar-se ao lado de Borges. Diz-lhe imediatamente que tem uma paixão pela imperatriz de Áustria: «Essa que foi assassinada. Já li vinte livros a seu respeito. Como ela gostava de Heine! Que grande poeta.» E Borges recita em alemão um poema de Heine. Cioran e Borges comparam Heine e Goethe, que não apreciam. «Quando se vê que o alemão é uma língua maravilhosa – continua Cioran –, é porque os textos em hindu saem muito bem; em inglês, zero». Alguém vem sentar-se no lugar de Cioran e faz continuar o espantoso monólogo, essa voz sombria, velada, levemente argentina: «Para escrever poemas é preciso ser ingénuo e não muito inteligente. O que conta principalmente é a emoção. A prosa é mais difícil. Na poesia, há uma certa inocência, obedece-se a regras: o decassílabo, o alexandrino...». **«O momento em que eu falo já vai longe de mim...»** Sabe de quem é este verso? De um modo geral, ninguém sabe. É de Boileau! Todos desprezam Boileau e todos sabem de cor. Ser inesquecível é uma virtude. O momento em que falo já vai longe de mim...» Borges repete este verso noutro tom, murmura-o: «É belo de mais para ser de Boileau, ele deve-o ter ido buscar aos latinos! Isto devia ser era de Verlaine. A poesia é Verlaine, Verlaine e Virgílio. A suavidade é tão impor-

Continua na pág. 2

As manobras da paz

Mário Cláudio

A oficina é clara e limpa, comprida como as histórias de neblina, não isenta de surpresa. Às vezes o homem que nela estabeleceu a banca descobre, fica assombrado, recolhe na paciência o que as ondas lhe trazem. Ocupam os elementos o lugar exacto, a viagem termina, recuperam sentido como se marcassem uma hora vital. Esquadria se chamam, filete, cortina, capitular, asterisco, vinheta. No território ingressam do trabalho, entre os jardins do rei exilado e os vocalizos que a mulher tece na manhã. À superfície do estirador vem a luz espraiar-se, jogar nas películas de fotolito um naipe de manhas e perversidades. Sobre o tampo se alinham canivetes, aparos, raspadores, tira-linhas, decalcadores, uma régua, um compasso, um esquadro. A marca-de-água morde o papel, por ela o indentificamos, o respeito aprendemos e o amor que lhe é devido. Assim se baptiza e afaga, se chama Printomat e Vergé e Emir e Damier, vai do mate ao cinza e do branco ao bege, hesitante entre brilho e absorção.

Que estranhos os livros! Como nos beijam as mãos, inocentes do milagre que na vida a alma lhes soprou! Como seguem, indefesos, os caminhos do mundo! Nascem do ritmo que subjuga o esforço, dentro dele respiram, excluem o rascunho e a pressa, o imperfeito e o perigo. Neles habigam os fantasmas da condição do ser, na própria fragilidade se inventam as razões do fascínio. Observamos. a mancha impressa, aspiramos o odor a tinta fresca, rasgamos os dedos na lâmina das páginas, o vento escutamos que inspira a ordem dos serões. Estamos no espaço da transparência das plantas, do granulado da pedra, da fibrosidade dos tegumentos. Nunca mais se gritará tão forte que se amordace a sonoridade ora ríspida, ora acetinada do virar dos cadernos, e nada já nos distrai desse corpo de folhas que se nos impõe ou se nos entrega. Nenhuma outra substância assim vive do desejo dos lábios, da dádiva da língua, do cálido abrigo do palato. Tudo enfim reressa à árvore, o choupo volta a crescer e a conífera, a seiva corre neles. Encontramos os antigos artefactos, que são cristais de gelo, casulos, favos de uma doce colmeia.

Como ninguém tem ele, Armando, a ciência destes valores.

Desenho de Armando Alves

(Do catálogo da última exposição de Armando Alves, patente na última quinzena de Fevereiro no Museu dos Biscainhos, Braga.)

Diário de Lisboa LER ESCREVER

Uma semana com Borges

Continuação da pág. 11

tante, é tão rara nos nossos dias...»

Antes da conferência, confessa ter receio e pede um copo de vinho que ninguém consegue arranjar. «Não esperava ser assim tão conhecido. Fui inventado por Roger Caillois e a coisa continua. Parece-me inconcebível haver tanta gente que me conhece. Todos estes amigos visíveis e invisíveis... Estou a viver uma segunda infância».

Sou um europeu nascido no exílio

Depois de ter falado durante três quartos de hora e de responder taco a taco, da maneira mais impertinente, às mais variadas perguntas, Borges encontra outros amigos: «Sou um europeu nascido no exílio, tenho uma gota de sangue índio e não tenho um grande orgulho nisso, uma gota de sangue português, ascendências francesas, Bettencourt, um sangue francês muito remoto, talvez apócrifo e uma gota de sangue judeu, como toda a gente.»

«O meu pai era professor de psicologia. Escreveu uns poemas, um drama que rasgou e um romance. No fundo, sou escritor também um pouco porque o meu pai tinha um destino literário que não podia alcançar. Foi ele quem me ensinou que cada língua era uma música, um instrumento. Ao mesmo tempo, cada língua é uma forma de pensar.»

À noite, uma densa multidão o aguarda no pátio do colégio de França. Borges aparece com o seu manto de espinhas cinzentas e pretas. Parece um daqueles elegantes diplomatas de outros tempos. Sobe para o carro, a multidão afasta-se em silêncio e vê partir o poeta com uma emoção e um respeito infinitos.

Todas as manhãs, Borges toma o pequeno-almoço no jardim de Inverno do hotel. Ao passar pela gaiola do papagaio que ali se encontra, pára por momentos: «Quando vinha para cá, no avião, pensei muito nele. Estava doente, estava numa clínica, da última vez que eu tinha vindo a Paris. Estará a olhar para mim? Como olham as aves... de lado.» Borges senta-se e espera muito tempo, mas sem dar mostras da mínima impaciência, pelos «croissants» de Paris. «Atravessa-se a fronteira e, duzentos metros mais adiante, já os 'croissants' não são os mesmos.» Café com leite a escaldar. Para acabar, um grande copo de água. «Dormi bem, esta noite. A noite até me presenteou com um pesadelo. Agora já não acordo com os pesadelos: já os conheço. Há o do espelho, há o dos livros com as linhas a oscilar, a ondular, a vacilar e a misturar-se. Nos meus sonhos, estou sempre na Biblioteca Nacional de Buenos Aires ou em Montevideo, sempre no adocicado – eis uma palavra que eu trouxe de Genebra, pois sou um antigo estudante genebrino. Estas palavras familiares... cada família e cada país tem as suas palavras, o seu ambiente... A amizade é feita de uma mesma linguagem, destas palavrinhas, destas recordações compartilhadas, é isso que faz uma pátria, não é?»

«Max Jacob fez-se católico, acho que ele nessa altura estava um pouco doido... Que vem a ser a Trindade? Esse monstro teológico ultrapassa em monstruosidade o dragão e o licorne. No meu país pregunta-se a alguém se é católico e responde que sim; pregunta-se-lhe então se acredita na Trindade e responde 'não, mas sou católico'.» Então crê na absolvição? Não, mas sou católico! Acredita na Imaculada Conceição? Não, mas sou católico! A minha mãe era católica e não acreditava no Inferno.

Um olho azul e outro dourado

«Admira-se o Papa, é um político como qualquer outro. Vai ao México, deixa-se fotografar de **sombrero** na cabeça. Mas que estranha religião, com a sua polícia, a sua autoridade, os seus funcionários... E há quem me diga: você que está angustiado, não se inquiete, que vai encontrar-se com Deus. Batem-nos delicadamente no ombro, mas de Deus tudo é de recear!» A cabeça de Borges transforma-se conforme ele está ouvindo o que dizemos ou nos encanta: dir-se-ia que se desdobra. Quando fala, o rosto descontrai-se, abandona-se, poderia dizer-se que tem um olho azul e o outro dourado. Balança com a cabeça para nos acompanhar, pois o olhar está longe. Os lábios remexem-se-lhe, como se estivesse a segredar-nos aquilo que lhe dizemos.

«Aquilo que na literatura mais conta – diz ele a propósito de Gide, de Léautaud, de Bloy – é a sinceridade, ou pelo menos o fazer-nos crer na sinceridade; pouco importa que ela seja fingida, desde que o leitor creia nela.»

Chega, por fim, Hector Bianciotti, argentino como ele. Espiritualmente, é talvez o homem que mais perto está dele. Trabalham os dois no volume «Borges» que está para aparecer na biblioteca da **Plêiade.** «Apesar de tudo, passei toda a vida a ler e a escrever; se faltar uma só página que seja, oxalá a possam descobrir.»

Em vez de trabalhar no hotel, Borges faz questão de ir para a **Gallimard.** Ali, põe-se imediatamente em mangas de camisa; «Assim – diz ele –, se alguém abrir a porta terá a impressão de que estamos a trabalhar a sério.» Bianciotti lê o poema em castelhano, Borges ouve com a cabeça levemente inclinada para trás e as mãos, pequenas e brancas, redondinhas, na bengala preta. Por momentos, sorri, talvez surpreso. Bianciotti lê uma ou várias traduções. Discutem uma palavra, uma nota. Borges contesta uma maiúscula atribuída por um tradutor a «outro», como se este fosse algum Deus. Borges corrige: «O único outro jogo eterno a que eu aludia era: fazer amor. Minúscula! Deus não é um jogo, é uma satisfação». Bianciotti lê outra página... «Não gosto desse poema – diz Borges friamente – escolha a pior tradução, que ele merece-a.»

«O primeiro poeta que escreveu um soneto devia ser considerado como um heresiarca. Não sabia que estava a inventar uma forma eterna. Musicar poemas é uma **blasfémia**! Se forem poemas, já estão musicados. Toda e qualquer pessoa que venha visitar-me corre o risco de eu lhe ditar um soneto».

Borges, de fato preto, manto preto, gravata azul-escura com flores de lis, é cumprimentado pelo seu **chic**, pelos seus modos de **gentleman. «Demasiado chic** é um romance de Gyp». Cita um pedaço de diálogo desse livro, que deve ter lido há mais de cinquenta anos, e acrescenta: **Peindre de chic** é uma expressão francesa que, segundo julgo, significa pintar sem modelo. Littré acha que é uma palavra alemã». Sorri e pergunta como estavam escritos os psalmos hebraicos; depois compara o sueco ao chinês. Alguém que vai a passar diz, de repente, perto dele, uma palavra «cheia de perspectivas». Borges inclina-se, encantado: «Está a ver, todos podem ser um Shakespeare num momento da vida. Quando eu ditava à minha mãe – que morreu aos noventa e nove anos, teve medo da mudança de decimal, e já a memória lhe ia faltando –, ela, se a coisa lhe não agradava, dizia-me. Um dia, estava eu a contar-lhe um sonho, disse-me: escre-se já, senão tu transforma-lo».

«Quando eu era pequeno, a minha avó chamou-me: quero-te ensinar a matemática dos índios. – Mas eu não sou capaz de entender nada... Ergueu a mão, mostrou-me o dedo mínimo e começou a contar: um, dois, três, quatro, parou, não havia continuação – o infinito começara no polegar».

Dois carecas a disputar um pente

«Antigamente, eu inquietava-me muito pelo meu país; agora estou desesperado. Os militares que nos governam são tão incompetentes, tão ignorantes... Estão sempre a discutir uns com os outros. Durante a guerra das Malvinas, chegaram a não falar uns aos outros. Mas mesmo assim lá se entenderam para a fazer! Ninguém conhecia aquelas ilhas. Foi preciso que os militares as descobrissem para fazer a guerra; na nossa terra os militares são muito mais perigosos para os nossos compatriotas que para o inimigo. As Malvinas; foi a guerra dos dois carecas a disputar um pente».

«No dia em que o Sr. Mitterrand me pôs a fita da Legião de Honra, um jornalista argentino exclamou: 'Qué dia pala la Argentina'! Agora precisam de grandes dias! Como já não temos ninguém, nem actores, nem cantores, nem cosmonautas, nem campeões de football, caíram sobre mim. Mas na nossa terra toda a gente escreve: publica-se tudo! livros sem pés nem cabeça, **Memórias de um cozinheiro morto, Merdolan, Merdoline...».**

À saída do Eliseu, as televisões esperavam-no. Era já noite. Borges tateava o rebordo dos degraus com a bengala preta. Começou a descer e, de repente, os projectores iluminaram-no. As perguntas choviam sob aquela luz escaldante: «Que lhe disse o Presidente da República? Conta ir a Espanha? E, se lá for, a que cidade? Que pensa da literatura mundial? – Não a conheço», respondeu ele, desprendido, como se não fosse Borges.

Apesar de tudo isso, sente-se, dentro do carro, que ele estava sensibilizado com o acolhimento da França: «Condecorado pela Cidade-Luz»...

Borges passeia em Fontainebleau nos jardins e visita o palácio: «Muito mais belo que Versailles. Versailles é uma loucura, é a vaidade, o egoismo, as más proporções, é Luís XIV. Tudo isso deixa uma impressão de demência.»

De uma palavra, ou melhor, de um som, de uma cor, passa a outra ideia, a outra imagem, a outro verso, a outra recordação.

«1983, portanto há um século e três anos que o tango nasceu no bordel. Os instrumentos eram o piano, o violino e a flauta. As canções eram obscenas, recheadas de gabarolice. Uma música de chulos e de modo nenhum música popular. Foi ao passar pela França que o tango se fez sentimental e mundano. O meu tio, que era capitão de marinha, falava-me do preço que antigamente se pagava nos bordéis. Uma francesa, cinco pesos; uma polaca, três pesos; uma argentina, um peso. Uma francesa já velha tinha o preço de uma polaca ou de uma creoula.

Com a biblioteca na cabeça

Como Montaigne, Borges nunca saiu da biblioteca; com uma diferença – Borges tem-na na memória. Lembra-se de tudo. Quando está feliz – e, as mais das vezes, é em Paris, ao que parece –, pregunta: «Prefere a poesia épica ou a lírica?». E logo recita cinquenta versos de uma e cinquenta da outra. Perguntas e mais perguntas!

«Proust?». Fica calado durante bastante tempo, está em França e gostaria mais de que lhe falassem de Henry James. E livra-se dizendo: «Eu tenho o gosto da épica, e em Proust não se encontra épica. Quando penso no romance, penso em Conrad. Era polaco, podia ter escrito em francês mas escolheu o inglês por causa do vocabulário marítimo, que é mais extenso nesta língua. Wells dizia que Conrad falava mal inglês, mas Conrad escrevia melhor que ele». Alguém objecta que em Conrad há aspectos bem pouco ingleses. «Tanto pior para o inglês».

«Alfred Jarry? um imbecil. Porque é que ele é um clássico francês? Ao lado de Diderot...».

«Beckett? Fiquei de fora. O meu pai dizia que os livros não são feitos para nos aborrecer».

«Rabelais é muito espanhol. Os espanhóis falam muito mal a sua língua, não sabem pronunciá-la. Talvez por isso é que eles gostam tanto dela: para eles, é uma língua estrangeira».

«O **Emílio** de Rousseau? Intolerável. Alguém poderia ter a idea de fazer um romance com a educação de uma criança?».

Dizem-lhe que **Finnegans Wake** foi, finalmente, publicado em francês».

Dezassete anos para o escrever, vinte para o traduzir. E o leitor tem uma eternidade para não o ler. Gosto de **Gente de Dublin** e dos poemas».

«Maupassant? Um jornalista que contava anedotas. Acabou doido, mas já tinha começado parvo».

«Apollinaire? Muito bonito, a não ser quando fazia caligramas. Ouçam Walt Whitman em francês, em castelhano, em alemão: hão-de reconhecê-lo sempre».

Borges gostava agora de ir à China e ao Paquistão, por causa de Kipling. Fala demoradamente de Kipling, do pai de Kipling e dos pintores pré-rafaelitas.

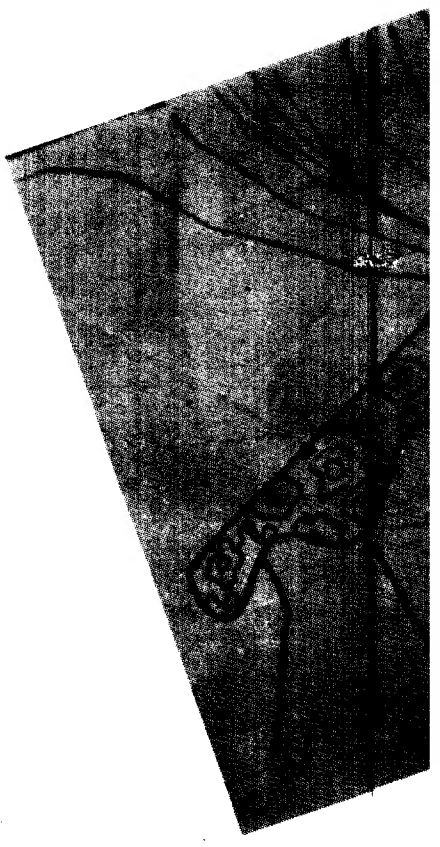
Recordar a vida privada... Diz que esteve casado durante dois anos. «Já lá vão quasi quinze anos. Não sei ao certo quando... Tenho amigos íntimos, mas nunca fizemos confidências. Tenho amigos casados que fazem vida conjugal à quinta e ao domingo; no intervalo não se vêem nem falam pelo telefone. Assim, a coisa tem todo o ar de correr bem. O casamento faz-se um hábito, e talvez um mau hábito».

«Quando se chega à minha idade está-se noutro lugar, os contemporâneos estão mortos, 'pushing up the daisies' [1], como se diz em inglês».

No ano passado, na Califórnia, Maria Kodama estava a folhear um anuário e viu uns balões numa das páginas; falou a Borges neles. «Havia três companhias a fazer viagens de balão – diz ele –. Mandámos chamar uma delas.» 'Se deseja voar, há uma largada amanhã', dizem-lhe. No dia seguinte, às cinco da manhã, depois de longo percurso num camião, estavam no campo dos balões. «Encheram o balão e minutos depois subíamos, ainda de noite, passando sobre um vale côncavo. Chegámos suavemente, com a claridade da manhã. Cinco pessoas a bordo, champagne, os ruídos amplificados da terra a acordar, o calor dos gases, os ventos gelados que nos levavam à deriva, uma impressão inesquecível» – Você está pronto para todas as partidas. «Sim, e também para todas as chegadas, principalmente se for a Paris».

FRANÇOIS-MARIE BANIER

(1) Literalmente : «a fazer crescer as boninas».



Eurico – Ilustração de um poema de 195
elegância...

Ora aqui estou eu assustadíssimo, com uma esferográfica na mão, diante de uma folha de brancura imaculada. Escrever é-me ainda mais difícil do que desenhar ou pintar e, desta vez, pior, pois se trata de escrever algo não só sobre um pintor, mas também sobre um amigo. Como hei-de eu escrever se assim que termino um simples período, me apetece imediatamente desdizer o que disse, aprofundar, pôr novas hipóteses? Creio que não há nada que se deixe **explicar** completamente: e a mim me interessa justamente o momento em que a explicação, como qualquer mosca, choca de encontro a translucidez da vidraça.

Como esquecer esse quadro de Munch em que vemos uma mulher morta sobre o leito e, perto, uma criança aterrorizada que tapa os ouvidos?

Uma pequena porta secreta, no entanto, me facilita a missão, a **descoberta** de que a obra do Eurico é poesia, quando não pela forma, pela essência. No primeiro Eurico ou no segundo, pois a sua obra se divide em formas aparentemente diferenciadas, a **razão não está felizmente a exigir de nós, a cobrir-nos de argumentos lógicos, a violentar-nos. A razão, parece-me aqui ausente. Uma**

de Escrito

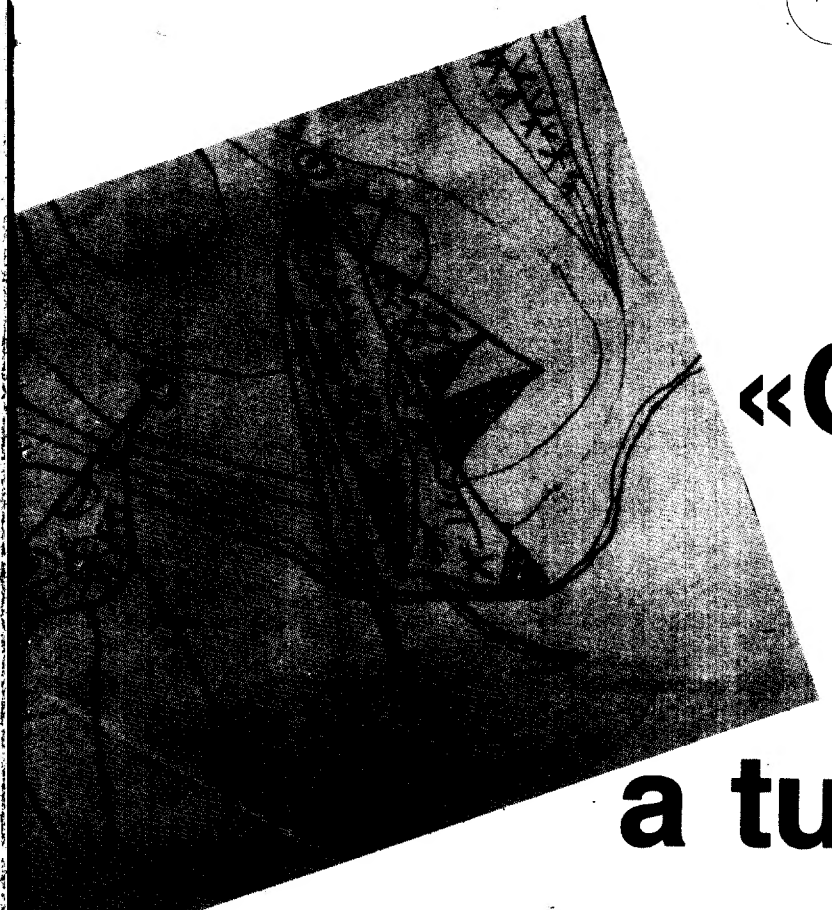
O II Encontro de Escritores e Jornalist
27 de Março.

A coordenação de semelhante convív
Cabral.

A comissão organizadora foi designad
director do semanário «Alto Tâmega»; Ber
dente da ANOP; e Fernão de Magalhães.

O I Encontro de Escritores Transmon
administrativa da província e cida que
verbas destinadas à incrementação e fom

Toda e qualquer correspondência de
Chaves, Codex.



«Obrigado, Eurico, porque a tua pintura não fala de cátedra»

1951. Um bestiário de rara

Cruzeiro Seixas

Eurico – «Tropical» desenho a tinta azul, 1960. Momento da meditação e alegria estruturado no Surrealismo

erta forma de alegria opõe-se, ou tem presença, contra a azão, contra as «conquistas a ciência». Obrigado, Eurico, orque a tua pintura não fala e cátedra.

Esta viagem – e é por certo e uma longa viagem que se rata – é vital para o pintor. ara mim, (para o público se o á), este itinerário poderá pare-er desconcertante, mas pa-ece-me que isso o torna ainda ais legítimo. O mistério é a ais apaixonante das estradas ossíveis, e, se passa por Kan-insky ou Klee, passa também or Chirico ou, pelo Zen.

Um turbilhão de ideias

O **belo** (convulsivo, à falta de elhor expressão) é para mim oje e cada vez mais desejável, uito mais do que as teorias so-iais que umas às outras se põem, as religiões com as suas ráticas grosseiras, ou mesmo s filosofias que se arrastam, co-eando, de extremo a extremo o mundo. Criar beleza pare-e-me coisa das mais subversi-as. Certas classificações, que ão prementes para muitos, ada vez me parecem a mim de omenos importância, ou impor-antes em situação completa-ente oposta àquela que lhes ão aqueles que a elas se agar-ram com unhas e dentes. Quero dizer: não arrumam nada, são espelho de mais uma forma de **loucura...** Cito o Jorge de Oliveira que considera que a sua dele pintura não é abstracta, a Paula Rego que não se considera surrealista, o Eurico que, perfazendo a sua caligrafia Zen, (do Zen sei pouco ou nada, mas é muitíssimo o que pressinto), se considera ainda hoje surrealista, Breton, que considerou surrealistas Riopelle, Degottex, De Kooning, Rothko, o movimento «Cobra», Wols, etc., ou, hoje e aqui, exposições de grande projecção e responsabilidade nacional, organizadas a partir da antinomia política SNI – SNBA nos anos 40...

Gestos mais lamentáveis ou gestos menos lamentáveis, é tudo o que temos. Mas nós estamos fartos, exaustos, de séculos de solidão, e é por isso, e porque houve a Trágico-Marítima, Alcácer Quibir e o terramoto de 1755, que escrevo estas linhas, por mais que sofra com a dearmonia das palavras, que cada vez mais e mais me aflige.

É do Eurico que falo e assim da «arte do desenho», que me parece justamente coisa para que somos especialmente dotados, de tal maneira que podemos ignorar exclentes desenhadores, como foram, por exemplo, Mário Henrique Leiria, ou Pedro Oom. Dos desenhos de Eurico, vamos ter por certo uma visão mais aproximada depois desta exposição (1) e destes desenhos se poderia partir para a bela aventura que seria a edição de livros, com reproduções e ensaios, que tanta falta fazem a todos nós, particularmente aos que começam a viver. Destes desenhos, direi que me aparecem como um sistema solar, perfeito no movimento sobre si mesmos. A imaginação formal gera em nós um turbilhão de ideias. Mas há que assinalar ainda a presença ali de um bestiário de rara elegância: e quando há olhos, eles olham para além de nós, como os da esfinge. Alguns destes desenhos dariam belíssimos murais; atenção, pois é com esforço que eles se conformam às medidas do papel que os suporta!

A «arte» tem quase sempre o poder de aterrorizar. Isto desde que o homem inventou, ou se apercebeu, da existência do mistério. Mas, por alquimia do Eurico, é como a forma de uma árvore que se exapande naturalmente diante de nós, é a alegria e a ironia, e também a crueldade da natureza. Digo que o Eurico é como uma árvore, de longas e sólidas raízes.

Outra componente importante desta extensa obra é a liberdade da linguagem, que caminha lado a lado com a tradição, tornando-a viva; a tradição da «arte popular», ou melhor, do sentimento popular. Sempre me pareceu este um caminho para a universalidade, e veja-se como o usou Souza-Cardoso, certamente o único pintor português realmente universal, e sem usar certos truques, actualmente tanto em moda...

Dar a ver o poético

O segundo Eurico parece ter tido a coragem de sacrificar esse bem supremo, que é a imaginação, trocando-a embora por outro valor seguro, o automatismo. O espaço vazio que cria agora, com as suas caligrafias, é naturalmente o infinito que temos, a «courbe unique» que Breton celebrou.

É certo que, a cada momento, podemos ver hoje a senhora que passeia pela trela o seu piano, ou o guarda-vestidos que vem até nós quando chamamos a máquina de escrever, ou o automóvel como «mosca dos pântanos». A publicidade, por odiosa que seja, vem abrir de par em par as portas à anarquia, quando, por exemplo, chama «lusíadas» a uma lata de sardinhas que possuo.. Alguém poderá hoje dizer sem hesitar que o guarda-vestidos é apenas o guarda-vestidos? A linguagem profunda da poesia já não é a imagem como julgam tantos tontos, mas sim a descoberta da totalidade do real. Estamos na verdade ainda a muitos milhões de anos luz do surreal.

Mas uma coisa há que agradeço ainda a este pintor: que a sua pintura jamais nos tenha «emmerdé» com conceitos dirigistas, para uso de uma qualquer (hipotética) **maioria.** Naturalmente que tudo o que o homem faz é político, e mais o é conforme o seu grau de consciência. Por isso a totalidade do que o Eurico nos deu a ver durante a sua vida, separado embora por um degrau (incómodo?) é, como queria mais radicalmente Whistler, «poético» e «subjectivo».

Escrevi há tempos que nada ainda nos pode garantir que a aranha ao tecer a sua teia, ou a lebre ao escavar a sua toca, não cumpram a perfeita fusão do funcional, do decorativo, do personalizado, e do transcendental.

Ao olhar uma haste de trigo temos que convir que ela chamou a si essas (e outras) responsabilidades. Mas que espécie de consciência é a sua? Disso, homens experimentados, civilizados ou sábios, que descobrimos e manipulamos as mais sofisticadas máquinas, senhores da psicanálise e da energia nuclear, e já a mais de meio século XX, muito pouco sabemos. E essa ignorância parece-me de tal forma escandalosa que me atrevo a perguntar se não teríamos descoberto até agora apenas o que é fácil... a máquina.

Surrealismo

A coluna vertebral necessária foi-a o Eurico buscar ao surrealismo, que tantos negam, ignoram ainda, ou fingem ingorar. O que leio nesta obra é um raro momento de meditação e de alegria. Talvez o momento em que se pára para descansar, de uma longa caminhada. Por mim, que estou nesse momento de revisão, voltado para os ensinamentos do passado, não esquecendo o futuro que cada vez parece mais distante e comprometido, com espanto e desgosto, olho esses cérebros infantis ou primários, sempre a sonharem com uma qualquer espécie de felicidade no amanhã. Nos meus «desaforismos» digo que, **esperança é sinónimo de doce de peras.**

Neste momento de meditação penduro eu, nas paredes da memória, a obra do Eurico. E fica bem aí. Hoje já nada pode ser visto como era há 30 anos; por exemplo, à exaltação perturbadora de uma qualquer paisagem ou monumento, há que somar coisas como os desenhos angulosos do Eurico ou as suas cartas caligráficas e hermétiças que, curiosamente por vezes, têm o tom rosa dos «pôr de sol que fazem desmaios» como dizia António Nobre.

Na consecução deste parto laborioso do dia de amanhã, de que todos sofremos as dores, continuo a desejar um plano elaborado de exposições retrospectivas dos que ergueram a voz ímpar, o gesto ímpar, o pensamento ímpar, neste país. O Eurico, é por certo um desses. E evidente me parece, que merecia outro apresentador, não este que sou... «O valor de um personagem está na razão do seu valor poético. Os Santos valem mais do que os políticos, muito mais! Porquê? Porque são poéticos». E também e ainda, transcrevendo Teixeira de Pascoaes: **«a ideia de água antecede todas as fontes».**

Cruzeiro Seixas

1 – **«Desenhos, Guachos e Poemas inéditos dos anos 50», na Junta de Turismo do Estoril**

II Encontro ores Transmontanos

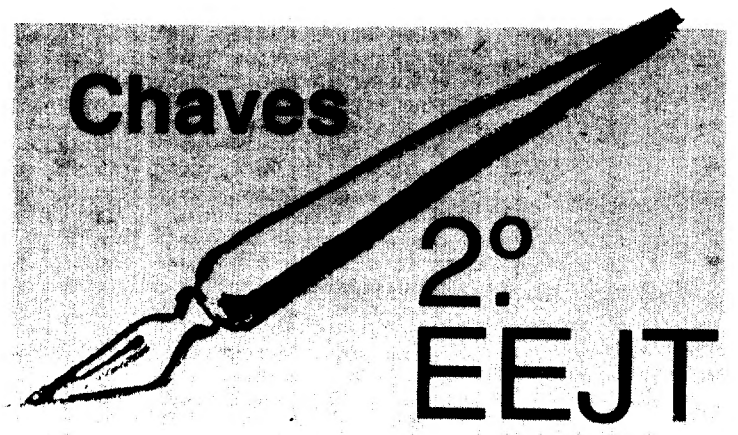
alistas Transmontanos e Durienses (EEJT) vai realizar-se em Chaves nos próximos dias 25, 26 e

nvívio parte do Centro Cultural Regional de Vila Real, organismo a que preside o poeta António

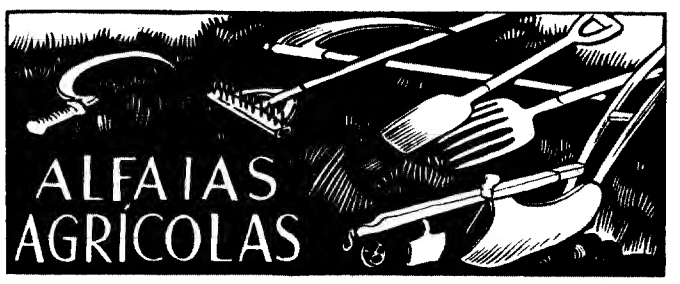
nada pela associação «Escritores e Jornalistas de Chaves» – e é composta por José de Amorim, Benjamim Ferreira, que foi chefe de Redacção daquele periódico e presentemente correspon-ães, poeta e escritor.

montanos e Durienses realizou-se nos dias 1, 2 e 3 de Março de 1981, em Vila Real, «capital ue (dizem os organizadores deste II Encontro) escandalosamente vem consumido 80% das fomento da cultura em Trás-os-Montes».

a deve ser dirigida à Associação de Escritores e Jornalistas de Chaves, Apartado 35, 5401



Diário de Lisboa LER ESCREVER



‹Através dos Campos›

– escritos de 1891 sobre o Alentejo

EM Novembro de 1891, José da Silva Picão, lavrador de Santa Eulália (conselho de Elvas), onde nascera em 1859, inicia a publicação de uma série de artigos no «Elvense» a que dá o título genérico «Através dos Campos» e que assina com o pseudónimo de João Chaparro.

Naquele findar de século, em Elvas, o etnógrafo António Tomás Pires desenvolvia uma intensa actividaee de recolha de materiais do folclore local e provincial (...), actividade continuamente estimulada por investigadores como Adolfo Coelho, Teófilo Braga e, principalmete, Leite de Vasconcelos, com quem mantém assídua correspondência e que será o primeiro a realçar o enorme interesse das páginas de Silva Picão.

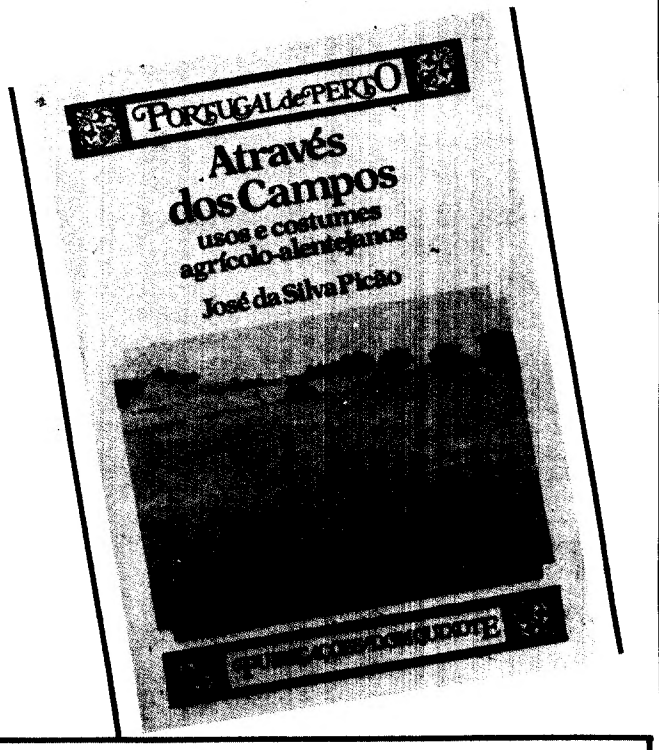
Quando, anos mais tarde, Tomás Pires estabalece contactos com Rocha Peixoto e lhe dá a conhecer os artigos do «Elvense», este propõe-se publicar de imediato aquele «magnífico inquérito» na «Portugália», revista de que era o grande animador e que então aparecia no Porto. (...)

Mas o lavrador de Santa Eulália acumulara entretanto muito material escrito sobre o mundo rural que se propuzera caraterizar e o editor António José Torres de Carvalho, seu amigo assim como de Tomás Pires (de quem editava as obras) resolve publicá-lo em livro. Em 1903 encontra-se pronto o primeiro volume (que sairá em fascículos) e em 1905 principia a publicação do segundo volume, que, depois de longas interrupções, viria a ficar inacabado com a morte de José da Silva Picão, em 1922.

Só em 1947, por inicitiva de José Nunes Tierno da Silva, médico de Elvas, é feita uma nova edição, num volume único, respeitando o texto da edição de Torres de Carvalho e acrescida de uma novela regionalista que o autor escrevera em 1894, «A caminho da cegonha».

É esta edição (e na sequência da nota introdutória que atrás transcrevemos, assinada por Joquim Pais de Brito, assistente de Antropologia do ISCTE) que Publicações Dom Quixote agora edita com a indispensável actualização ortográfica.

Um livro, pois, há muito esgotado oferecido à atenção dos especificamente interessados e dos curiosos pela terra portuguesa.



Amor para o poeta Raúl de Carvalho

Perdoa-me que ande à procura dos teus livros
(É mais recente a data dos meus primeiros sonhos)
Quero ter a certeza de que as palavras
não morrem desesperam esquecidas.

Não lembres os teus amigos de ontem
Contiua a escrever como quem
faz amigos todos os dias

(Um verso tem mais valor que
todos os homens afortunados)

Vem (ou sonha) até à alegria
de te recebermos em nossa casa e
traz a tua última morada debaixo do braço.

Continua a acreditar
nos homens ó poeta Raul de Carvalho
e será cada vez mais fácil viveres sozinho
Esquecido
Todo o homem que vive só
do salário da poesia
o poeta é sempre o seu melhor amigo

Vive para sempre ó poeta Raul de Carvalho
Que Deus te ajude
a salvar a eternidade

Chamusca 21/1/83
JOAQUIM ANTÓNIO EMÍDIO

Literatura infanto-juvenil

O IBBY e nós

FUNDADO em 1953, o IBBY (International Board on Books for Young People) é um organismo (não oficial) dedicado à problemática da Literatura Infantil e Juvenil.

Filiado na UNESCO, presa particular atenção ao empenhamento dos esritores na criação de obras que dêem uma nova visão da vida e contribuam para a paz e amizade entre os povos.

Com sede na Suíça, congrega Secções Nacionais, de 45 países, ligadas entre si por um Comité Executivo eleito em assembleia geral.

Segundo os seus estatutos, o IBBY tem a finalidade de «aproximar e reunir os organismos que por todo o mundo estão interessados em promover a causa de bons livros para a gente nova», bem como «promover a disponibilidade desses livros e o acesso aos mesmos» – e ainda «contribuir para a promoção de livros para a gente nova de todas as formas possíveis».

Acentue-se ainda que os mesmos estatutos preconizam que se preste assistência à ampla circulação de livros de qualidade internacional e se encoraje a tradução dos mesmos.

Outras alíneas dos estatutos: iniciar, encorajar e incentivar todos os meios de investigação sobre todos os aspectos da Literatura Infantil e as suas ilustrações; organizar a publicação a nível internacional dos resultados dessa investigação; prestar assistência com informação e conselhos a quaisquer pessoas, grupos, instituições ou organizações, sejam nacionais ou internacionais, que pretendam concentrar toda ou parte das suas actividades em livros para a juventude (livreiros, professores, editores, escritores e ilustradores); etc.

A nível internacional, os principais trabalhos do IBBY são, entre outros, os seguintes:

Organização de um congresso bienal para estudo da literatura infantil e juvenil; comemoração do Dia Internacional do Livro Infantil, efectuada na data do nascimento Hans Christian Andersen (2 de Abril); concessão da medalha com efígie daquele escritor a um autor ou ilustrador por um conjunto de obras que seja considerado como contributo valioso para a Literatura Infantil; edição da revista «Bookbird» (publicada em língua inglesa) para difusão de informações sobre os trabalhos do IBBY e da BIB (Bienal de Ilustração de Bratislava); pesquisa no campo da literatura para crianças e jovens; etc.

Secção Portuguesa

Fundada em 1968 por um pedagogo, um escritor, uma escritora e um editor (respectivamente Calvet de Magalhães, Fernando Pires de Lima, Lília da Fonseca e José Francisco de Almeida), a Secção Nacional Portuguesa do IBBY não tem estatutos próprios, regendo-se pelos estatutos suíços.

Esses estatutos, quanto às Secções Nacionais, referem o seguinte:

«Um grupo de pessoas ou organizações dentro de um país, cujos interesses se relacionem com o desenvolvimento de livros para a juventude e cujas finalidades sejam compatíveis com as do International Board on Books for Young People, pode organizar uma Secção Nacional e, deste modo, qualificar-se como sócio do IBBY.»

Salienta-se, nos mesmos estatutos, que nenhum país pode ter mais que uma Secção Nacional.

Por outro lado, uma Secção Nacional terá de justificar a sua representação pela sua composição, designando dois delegados para assegurarem a ligação com o International Board on Books for Young People.

Para cumprimento desta determinação, a Secção Nacional Portuguesa apresentou à sede os nomes das escritoras Lília da Fonseca e Idalécia Cabrita Costa, nomes que foram aceites.

Iniciativas

No decurso dos quinze anos de existência, a Secção Portuguesa do IBBY salientou-se pelas seguintes iniciativas:

Centro de Estudo de Literatura Infantil (do qual oportunamente falaremos com o desenvolvimento devido); Biblioteca de Estudos de Literatura Infantil, composta por cerca de 3000 volumes de autores nacionais, com instalações provisórias na Sociedade de Língua Portuguesa, e aberta às 2.ªs, 4.ªs e sextas-feiras, das 13 e 30 às 17 horas; Exposição Itinerante de Livros para Crianças, reunindo 350 títulos que, solicitada por escolas e colectividades, é periodicamente apresentada dentro e fora da cidade de Lisboa; e Dia Internacional do Livro Infantil, no decurso do qual um júri propõe um nome de escritor à candidatura da Medalha Hans Christian Andersen, concedida pelo IBBY.